

**Universidade Federal de Juiz de Fora**  
**Pós-Graduação em Ciência da Religião**  
**Mestrado em Ciência da Religião**

**Ana Paula de Melo Lima**

**RELIGIÃO ENTRE GRADES:**  
**A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA CATÓLICA E OS PRESIDIÁRIOS**

**Juiz de Fora**  
**2011**

Ana Paula de Melo Lima

**Religião entre grades:  
A assistência religiosa católica e os presidiários**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima

Juiz de Fora  
2011

Ana Paula de Melo Lima

**Religião entre grades:  
A assistência religiosa católica e os presidiários**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Ciências Sociais da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 12 de abril de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima (Orientador)

Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Maria Beatriz Lisboa Guimarães

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A Luísa e Paulo, meus pais, primeiros e maiores mestres de minha vida, por todo o amor, o apoio e a dedicação.

Ao Urias, amor e amigo, por cada instante de sua presença em minha vida.

A vocês o meu eterno agradecimento.

## **AGRADECIMENTOS**

**A Deus, pela espiritualidade que nos faz seguir em frente.**

**Aos pais, Luísa e Paulo, pelo amor, apoio e dedicação.**

**Ao Urias pelo companheirismo e compreensão.**

**Ao orientador Marcelo Camurça pela atenção e confiança.**

**Ao amigo Wellington pelo incentivo não só ao meu projeto, mas a tantos outros projetos de nossos amigos das Ciências Sociais e da Ciência da Religião.**

**Ao professor Octávio Bonet que durante minha graduação em Ciências Sociais me proporcionou a primeira oportunidade de participar de um projeto de pesquisa, oportunidade esta que abriu caminhos em minha vida.**

**Aos amigos pelo carinho e presença.**

**Ao departamento, por ter financiado em partes o projeto.**

## SUMARIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: DENTRO DA PRISÃO	4
1. Episódios Emográficos	4
2. Considerações acerca do trabalho de campo	50
CAPÍTULO 2: A PASTORAL CARCERÁRIA	56
1. Os valores da Pastoral Carcerária	58
Os Critérios teológicos da Pastoral Carcerária	61
Os Integrantes da Pastoral Carcerária	62
A Visitação aos Presídios	63
2. A Campanha da Fraternidade	64
A Campanha da Fraternidade de 1997: "A Fraternidade e os Encarcerados"	65
A Campanha da Fraternidade de 2009: "Fraternidade e Segurança Pública"	66
O Método "Ver, Julgar e Agir"	67
3. Os Cristãos e a Segurança Pública	70
Uma sociedade sem prisões	72
4. O núcleo da Pastoral Carcerária de Barbacena	74
CAPÍTULO 3: A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA E OS PRESIDÁRIOS	79
1. A Religião na Prisão	79
O Pentecostalismo e a Conversão Religiosa nas Prisões	82
O catolicismo e a Adesão Religiosa nas Prisões	90
2. O Discurso Religioso nas Prisões	95
Converter para libertar: O discurso dos grupos de assistência religiosa evangélica	98
Conscientizar para libertar: o discurso da Pastoral Carcerária Católica	100
CONCLUSÃO	103
BIBLIOGRAFIA	106

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise da assistência católica no ambiente prisional. Para isso foi realizado um estudo de caso e outro bibliográfico. O estudo de caso se constituiu em um acompanhamento do trabalho realizado pelo núcleo pastoral da cidade de Barbacena na Penitenciária Regional da mesma cidade. E o estudo bibliográfico sobre pareceres e documentos oficiais da Pastoral Carcerária e sobre etnografias relacionadas ao tema. Como há uma enorme defasagem de estudos sobre a atuação dos núcleos pastorais carcerários católicos, uma vez que a maioria das etnografias analisadas abordam o cenário religioso evangélico no meio prisional. Sendo assim, foi feito um breve paralelo entre as semelhanças e as principais diferenças em relação a assistência católica e a assistência evangélica nos presídios. O trabalho possui também uma análise sobre os valores e os principais objetivos da Pastoral Carcerária e como esses valores e objetivos se refletem, ou mais precisamente, não se refletem no núcleo pastoral estudado.

Palavras-chave: assistência católica, pastoral carcerária, presídios.

## **ABSTRACT**

This paper has the objective of to do an analysis of the catholic aid in the prison environment. To this was carried out a case study and a bibliographical study. The case study was constituted in an accompaniment of the work had carried out by the pastoral nucleus of the city of Barbacena in its Prison Regional. And the bibliographical study about concepts and official documents of the Prison 's Pastoral and about ethnographies related to the subject. How there is a huge discrepancy of studies about the action of the pastoral catholic centers of the prison, since the majority of the analyzed ethnographies approach the evangelical religious setting in the prison environment. In this way, was done a short parallel between the resemblances and the main differences regarding to the catholic aid and to the evangelical aid in the prisons. The work also have had an analysis about the values and the main objectives of the Prison's Pastoral and how those values and objectives reflect, or more precisely, do not reflect in the pastoral centers studied.

Keywords: catholic aid, prison's pastoral, prisons.

**RELIGIÃO ENTRE GRADES:  
A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA CATÓLICA E OS PRESIDIÁRIOS**

**INTRODUÇÃO**

Atualmente nossa sociedade passa por processos em que a sociedade civil adentra-se por espaços que deveriam estar sob a responsabilidade do Estado. A presença das religiões dentro das prisões é um segmento desse cenário. Cada vez mais profissionais das igrejas passam a atuar sobre questões que deveriam ser de responsabilidade de profissionais do Estado e assim as religiões configuram-se em respostas aos anseios dos presidiários na medida em que suprem diversas necessidades que vão além do campo religioso e penetram-se pelas esferas afetiva, psicológica, econômica e assim por diante.

A compreensão da assistência religiosa nas prisões é na maioria das vezes vista a partir de duas perspectivas. Essas duas perspectivas se opõem uma vez que uma superestima a religião, enquanto outra a subestima. A perspectiva em que a religião é superestimada crer na conversão religiosa do presidiário e no fato de que convertido, ele estaria apto a reinserção social. Assim, a religião seria um instrumento de salvação do preso na medida em que os valores religiosos o transformariam em uma nova pessoa. A perspectiva em que a religião é subestimada acredita que o preso faz um uso racional da religião para amenizar o negativismo ligado a sua imagem. Nessa perspectiva o preso faria um uso instrumental da religião para a obtenção de benefícios pessoais.

Interpretar a assistência religiosa nos presídios por meio dessas duas perspectivas é ter uma compreensão senão rasa, equivocada desse processo social. Para a compreensão do significado das práticas religiosas nos presídios é preciso compreender antes que essa assistência é realizada em um espaço marcado por privações e limitações, condição que torna essa assistência religiosa diferenciada. As restrições físicas e materiais, as degradações morais, a perda da autonomia, assim como uma série de outros fatores leva o presidiário a constantes conflitos. E assim, a religião, ao ser tomada por esse sujeito em situação de anomia, também se configurará de forma diferenciada.

O presente trabalho tem por objetivo a análise da assistência católica nos presídios por meio da atuação da Pastoral Carcerária. Para o desenvolvimento das análises foi realizado um levantamento bibliográfico e um estudo de caso. O levantamento bibliográfico foi feito em duas etapas. Em um primeiro momento foram coletados textos do site oficial da Pastoral Carcerária para o desenvolvimento de um paralelo entre os valores e objetivos oficiais da pastoral e os valores e objetivos encontrados no núcleo pastoral estudado. Em um segundo momento foi desenvolvida uma análise de etnografias sobre o tema. Devido a defasagem de estudos sobre a atuação das pastorais carcerárias católicas nos presídios a maioria das etnografias analisadas foram sobre a assistência evangélica nos presídios. Dessa forma, foram levantadas as semelhanças e diferenças entre a assistência católica e a assistência evangélica.

O levantamento bibliográfico sobre os valores e objetivos da Pastoral Carcerária foi feito com base em textos encontrados no site oficial da Pastoral Carcerária, os textos foram escritos por padres e advogados ligados ao trabalho da assistência religiosa católica nas prisões.

Em relação as etnografias os principais autores analisados foram: Alessandro Bicca, Camila Caldeira Nunes Dias, Edileuza Santana Lobo, Eva Lenita Scheliga, Gilse Elisa Rodrigues, Jaime Kronbauer, Laura Ordóñez Vargas e Mariana Côrtes. A quase totalidade desses autores optou pelo estudo da assistência religiosa evangélica, e isso porque conforme os próprios autores, há uma maior expressividade na assistência religiosa evangélica, assim como há um maior número de grupos de assistência evangélica nas prisões.

O estudo de caso foi realizado na Penitenciária Regional de Barbacena, Minas Gerais. Foram realizadas seis visitas a instituição em um período de seis meses, sendo cada uma delas realizada em cada mês. A técnica utilizada foi a observação participante. A pesquisadora

acompanhou a assistência do núcleo pastoral ao presídio como se fizesse parte integrante do grupo.

O trabalho é composto por três capítulos. O primeiro capítulo é constituído pela etnografia produzida no estudo de caso. São descritos os acontecimentos da assistência em ordem cronológica, tais como os momentos de oração e leitura e os momentos de interação entre agentes religiosos e presidiários. Em seguida há a exposição das considerações da pesquisadora acerca dessa interação.

O segundo capítulo é composto pelo levantamento bibliográfico acerca dos valores e dos principais objetivos da Pastoral Carcerária. Em um segundo momento é abordado como os valores e os objetivos da Pastoral Carcerária se configuram no núcleo pastoral estudado.

O terceiro capítulo aborda os principais levantamentos acerca das etnografias analisadas e esses levantamentos são comparados com as questões encontradas ao longo do estudo de caso. Como a maioria das etnografias sobre o tema são sobre a assistência evangélica, a análise desenvolvida buscou apontar as semelhanças e as principais diferenças entre os trabalhos realizados por essas duas religiões, a católica e a evangélica.

Antes de ser iniciada a discussão é preciso esclarecer um ponto. Não é intenção desta pesquisa analisar a veracidade das adesões religiosas dos presidiários. Não se pretende questionar se há veracidade ou não em conversões ou comprometimentos de valor dos sujeitos encarcerados para com os valores religiosos. Como trabalho científico social, a análise valorativa sobre as crenças de um determinado grupo social não se torna oportuna e isso pelo simples fato desta questão não ser passível de observação. Sendo assim, a análise se centrará, não nos valores religiosos que o sujeito carrega ou deveria carregar consigo, mas nos usos que este mesmo sujeito faz dos subsídios religiosos em questão.

## **CAPÍTULO 1: DENTRO DA PRISÃO**

### **1. Episódios Etnográficos**

*Barbacena, quinta-feira, 14 de janeiro de 2010.*

*Liguei para a casa de Dona Augusta<sup>1</sup> e conversei com ela, falei sobre a pesquisa. Disse que estudo o trabalho da Pastoral Carcerária e que acompanhar o trabalho realizado por eles seria de fundamental importância. Dona Augusta mostrou-se receptiva como também uma mulher de poucas palavras. Esperava que ela fosse me dirigir inúmeras perguntas, mas surpreendentemente nada foi perguntado.*

*A assistência da pastoral é realizada todas as quintas-feiras a partir das 16:00hs até às 18:00hs. Cheguei a porta da prisão às 15:45hs e lá já estavam os membros da pastoral. Estes só podem entrar no presídio após a visita dos familiares. Nessa mesma hora encontravam-se também, do lado de fora do portão lateral do presídio, alguns familiares dos presidiários. Mais precisamente, algumas familiares, era algo em torno de onze mulheres. A cada momento entravam duas a três delas, todas levavam aos seus esposos, namorados ou irmãos alguma espécie de alimento, fato que pude constatar ao observar as sacolas plásticas.*

---

<sup>1</sup> Todos os integrantes da Pastoral Carcerária de Barbacena receberam nomes fictícios para que suas identidades fossem preservadas.

*Os membros da pastoral também ficam aguardando nesse mesmo portão do presídio. Por alguns momentos imaginei que seria mais adequado que eles chegassem um pouco mais tarde, cerca das 16:30hs, o que evitaria que ficassem em torno de trinta a quarenta minutos em pé, sob o sol. Posteriormente imaginei que aquele momento de espera junto aos familiares poderia ser uma tentativa de aproximação, uma vez que Dona Augusta havia me dito que a pastoral realiza assistência também as famílias dos presidiários. Mas não foi isso que aconteceu, os membros da pastoral não estabeleceram nenhum tipo de contato com as mulheres que lá estavam.*

*Estavam presentes Dona Augusta, Dona Efigênia, Senhor Tadeu, seu filho adolescente que o acompanhava apenas na fila, e uma senhora a qual não me foi dito o nome, ela era da pastoral de outra cidade e estava apenas em visita a pastoral de Barbacena nesse dia.*

*Inicialmente estabeleci um diálogo com as duas senhoras, Dona Augusta e Dona Efigênia. Dona Augusta é uma mulher de meia idade, baixa, de pele branca, nem gorda nem magra, de cabelos e olhos castanhos. Usava o uniforme da pastoral como todos os outros integrantes presentes. O uniforme é uma camisa branca de malha que contém um desenho de um par de pés negros desacorrentados. Certamente a figura faz alusão à escravidão, mas no caso se relaciona a libertação. Acima da imagem há a inscrição da frase: “Estive preso e me visitaste.” Dona Augusta usava calça jeans, sandália rasteira e bolsa preta a tira-colo. Tratava-me de forma um tanto desconfiada, embora não quisesse assim transparecer. Dona Efigênia é uma mulher baixa, magra, de pele clara, de cabelos grisalhos e olhos castanhos. Vestia a camisa uniforme da pastoral, calça jeans e tênis. Olhava-me com simpatia e alguma curiosidade. Fez algumas perguntas sobre a pesquisa e sobre minha formação.*

*Dona Augusta, como pude de fato constatar, é uma mulher de poucas palavras. Não consegui estender o diálogo com ela, e como não me fazia perguntas, para evitar um mal estar, poucas perguntas fiz a ela. Ela posteriormente se afastou e então continuei conversando com Dona Efigênia. Conversamos um pouco sobre a situação lastimosa dos presidiários, do presídio, e das familiares que lá estavam. Enquanto Dona Efigênia me direcionava algumas perguntas, Dona Augusta se aproximou para que pudesse ouvir e com olhares, sem mais palavras, interagiu em nosso diálogo.*

*Dona Efigênia me disse que uma das coisas que mais me chamaria a atenção seria o grande número de jovens presos. Nesse momento ela começou a falar sobre problemas da juventude, abordou a questão das drogas e da falta de limites, que segundo ela, é em grande parte culpa dos pais. No entanto, Dona Efigênia fez questão de dizer enfaticamente que a grande maioria dos jovens ali detidos não culpam seus pais. Disse que eles se sentem muito tristes quando pensam na tristeza que causam em seus familiares. Sentem-se feridos quando vêm suas mães nos presídios em condições humilhantes. Nesse momento o Senhor Tadeu começou a dialogar conosco. Ele é um senhor de cinquenta e poucos anos, alto, relativamente forte, de cabelos grisalhos e olhos verdes. Vestia a camisa da pastoral, calça jeans e tênis. Voltou a falar sobre os problemas da juventude, falou sobre questões da sexualidade, da falta de limites entre os jovens e da desestrutura familiar que assola as famílias que segundo ele, já não vivem mais em união estável.*

*Após quarenta minutos de espera, os integrantes da pastoral ali presentes foram chamados a entrar, não pude acompanhá-los, pois estava sem a documentação necessária. Somente lá Dona Augusta me avisou que eu precisaria de uma autorização da administração do presídio. Imaginei que Dona Augusta me deixaria entrar como integrante da pastoral, no entanto, ela me explicou que a administração do presídio só permite a entrada de três membros da pastoral por vez. Dessa forma, para que eu não atrapalhasse o bom desempenho da pastoral entrando no presídio no lugar de algum membro, Dona Augusta pediu que eu falasse com a administração da instituição.*

*Barbacena, quinta-feira, 18 de março de 2010.*

*Durante o início da tarde liguei para Dona Augusta para perguntar se poderia acompanhar o trabalho da pastoral naquele dia. Dona Augusta mostrou-se receptiva e permitiu que eu os acompanhasse.*

*Cheguei a frente do presídio às 15:45hs, o portão já estava abarrotado de gente. A instituição havia aberto vaga para agentes penitenciários e havia uma fila de mais de noventa pessoas para a entrega das documentações necessárias para que pudessem concorrer as vagas.*

*Esperei por vinte e cinco minutos até que uma primeira integrante da pastoral chegasse. Reconheci a camisa do uniforme e fui me apresentar a ela. Dona Elisa é uma mulher de quarenta e poucos anos, possui estatura mediana, magra, cabelos curtos e castanhos, da mesma cor dos olhos. Muito simpática me fez algumas perguntas sobre a pesquisa e mostrou-se extremamente receptiva. Logo foi me falando sobre o trabalho que realizam, disse que a pastoral faz algumas coisas, mas poderia fazer muito mais. Falou sobre o projeto realizado conjuntamente com um mercado de hortaliças e frutas da cidade. O mercado promove a doação de legumes e verduras à pastoral. A pastoral por sua vez, repassa esses alimentos às famílias de presidiários cadastradas no projeto. Dona Elisa disse que embora o projeto seja bem simples, ajuda muitas famílias. Contou-me sobre a condição das famílias de muitos dos presidiários. Se antes da reclusão eles eram os chefes de família, reclusos, suas famílias ficam desprovidas das mínimas condições financeiras e conseqüentemente de necessidades básicas tais como alimentação.*

*Dona Elisa estava preocupada com o atraso dos companheiros e disse que caso não chegasse mais ninguém entraríamos apenas nós duas. A simpática mulher perguntou-me se eu já havia entrado em algum presídio antes, disse que eu teria que me preparar, pois lá dentro eu iria ver muita tristeza.*

*Ao nosso lado, também aguardando para entrar, estava a mulher de um presidiário. Esta começou a dialogar conosco. Dona Elisa, ao vê-la segurando uma sacola plástica carregada de alimentos disse se sensibilizar muito quando vê os agentes penitenciários destruindo os bolos levados pelas mães e esposas. Disse que compreende perfeitamente a*

*ação dos agentes penitenciários, mas ao ver situações como essa, ela remete seu pensamento àquela mãe ou àquela esposa que fez aquele bolo com tanto carinho. Para ser entregue ao detento o bolo precisa ser despedaçado pelos agentes penitenciários, uma vez que em seu interior poderia ter objetos e/ou drogas. Juntamente como os bolos são levados, por essas mulheres, garrafas plásticas com suco. A garrafa plástica também é uma medida imposta pela administração prisional, uma vez que não é permitido a entrada de vidros ou latas dentro da carceragem da instituição.*

*Dona Elisa, a esposa do presidiário e eu permanecemos conversando por alguns minutos. Dona Elisa mostrou-se sensibilizada principalmente com as mães dos detentos, com o sofrimento destas, com a humilhação que precisam passar ao entrarem em um presídio para poderem ver seus filhos. A esposa concordava com Dona Elisa e em sua fala nos trouxe outro drama, a dor dos filhos dos presidiários. Contou-nos sobre a dificuldade enfrentada por ela em relação a educação que tentava passar ao filho. Este estava entrando na fase da pré-adolescência e segundo ela, estava sem referências, tristonho e mostrando certa agressividade que não possuía antes, estava revoltado com o pai.*

*Posteriormente chegou Dona Augusta, veio até nós, cumprimentou-nos e logo foi questionar, de maneira amistosa, reclamações que Dona Elisa havia feito sobre a pastoral em reuniões anteriores. Esta disse que o trabalho da pastoral poderia ser mais ativo, em leve tom de ironia perguntou a Dona Augusta quais eram os projetos que eles estavam desenvolvendo. Dona Augusta citou o trabalho da distribuição dos legumes as famílias dos presidiários e ambas concordaram que de fato seria pouco. Dona Elisa falou sobre duas pessoas que haviam pedido para ingressar na pastoral. Dona Augusta explicou que não poderiam cadastrar mais de quinze pessoas no sistema prisional devido a ordens administrativas do mesmo; número que já estava completo. Então Dona Elisa sugeriu que houvesse uma troca, duas pessoas deveriam sair para que os novos interessados pudessem entrar, justificou que isso deveria acontecer porque os interessados poderiam trazer novas energias e novas perspectivas ao trabalho da pastoral.*

*Seguidamente apareceu Dona Fernanda. Esta possui quarenta e poucos anos, é branca, baixa, gorda, possui cabelos castanhos aos ombros e olhos também castanhos. Demonstrou-se uma pessoa falante, ao me apresentar a ela, ela me fez algumas perguntas e me desejou boas vindas.*

*Após alguns minutos os agentes penitenciários chamaram os membros da Pastoral Carcerária para entrar.*

*O Presídio Regional de Barbacena tem por estrutura física um prédio bem antigo, a construção data nas décadas finais do século XIX. Ele se localiza ao final de um morro conhecido como morro da cadeia. O prédio é azul e possui uma grande porta central. No primeiro e no segundo andar localizam-se o setor administrativo, as celas localizam-se atrás. A entrada para a região da carceragem é por meio de um pequeno portão que se localiza na parte direita do prédio. Nos últimos meses a instituição vem passando por modificações estruturais e administrativas, motivo pelo qual agora não é mais considerada cadeia. Está sendo construído um prédio bem maior na parte detrás do prédio administrativo onde serão as novas celas. As celas atuais serão demolidas e darão lugar ao pátio que será ampliado.*

*Para a entrada no presídio foi preciso uma declaração de nada consta fornecida pela prefeitura municipal, fotocópias de comprovante de residência e carteira de identidade e uma declaração da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião que certificava minha matrícula no mestrado e comprovava a realização da pesquisa.*

*Ao entrar pelo portão lateral, há um pequeno vão, lugar onde ficam os agentes penitenciários responsáveis por controlar a entrada e a saída de pessoas no presídio. A esquerda do portão de entrada há um pequeno corredor. Apresentamos nossas carteiras de identidade que ficaram retidas até ao final da visita e guardamos nossas bolsas em um pequeno armário localizado em cima da mesa dos agentes penitenciários.*

*Um dos agentes penitenciários chamou pela agente feminina para que ela pudesse passar o detector de metais em cada uma de nós. Passado o detector entramos no corredor. Havia uma grande circulação de agentes penitenciários. Aguardamos por alguns instantes o agente penitenciário que nos acompanharia pelo presídio. Nesse meio tempo o diretor da instituição nos perguntou sobre a pesquisadora, me apresentei a ele, e ele disse que o trabalho realizado pela pastoral é muito importante, uma vez que ajuda a manter os presos de forma mais contida e tranqüila e me desejou uma boa pesquisa.*

*Seguidamente adentramos pelo pequeno corredor, passamos por uma pequena sala, e da sala para a região das celas. Havia um portão e a frente um agente penitenciário portando uma grande arma. Este abriu o portão, passamos por ele, e então fomos trancadas*

*dentro da carceragem. Ali o ambiente escureceu, se fechou, estávamos em uma pequena e escura passagem cercada por uma cela e duas grades. Ao lado direito há a cela cinco, o portão da frente dá acesso a ala de fora onde ficam a cela feminina e a cela três. Ao lado esquerdo há um corredor onde estão as celas um e dois. A uma outra cela que se localiza no lado de fora do portão que permite a passagem para as demais celas. Nela dormem os presidiários que cumprem o regime semi-aberto. Há em cada cela um vaso sanitário e um cano pelo qual sai a água para o banho, há também em cada uma delas um aparelho de televisão e de rádio. As paredes são sujas, rabiscadas e há em todo o espaço um cheiro muito forte que impregna por todo o corpo.*

*A cela cinco, a mais próxima, foi a primeira a ser atendida. A cela é muito alta e assim como todas as outras é escura. As camas são feitas de cimento, são encostadas nas paredes e devido a altura das celas, se dispõem horizontalmente de três a três, umas em cima das outras. Em cima do terceiro andar das camas, há pequenas vidraças por onde passa um pouco de ar e a luz do sol.*

*Quando chegamos à frente das grades da cela, os presos permaneceram onde estavam. Alguns começaram a nos olhar como se estivessem aguardando algo, e de fato estavam, aguardavam que os membros da pastoral se aproximassem. Decidido por qual cela começar, as integrantes da pastoral se aproximaram das grades da cela cinco e alguns dos presos fizeram o mesmo. Um deles pegou a Bíblia e após o chamado de Dona Augusta outros detentos se aproximaram. Dos quase trinta presos que ali estavam, cerca de nove se posicionaram frente as grades da cela. As mulheres da pastoral haviam passado da linha amarela colada ao chão e então o agente penitenciário pediu para que elas se afastassem e respeitassem o limite de proximidade.*

*Os membros da pastoral carregam apenas uma Bíblia, a administração do presídio não permite que entre mais de uma. Dentro da Bíblia não pode ter nada, nenhum papel, nenhuma oração impressa avulsa e para que possa entrar no presídio o livro também é revistado. Dona Augusta contou-me que as tarefas são divididas para cada membro, como são sempre três em cada dia, um fica responsável pela oração, outro pela leitura e outra pela palavra. Mas nem sempre isso acontece, um membro que fez a leitura, se quiser pode fazer a palavra, ou então, um membro pode ficar responsável pela*

*leitura e pela oração, não há uma rigidez em relação a isso. A leitura do dia foi:*

*Parábola do fariseu e do cobrador de impostos*

*E contou ainda a seguinte parábola a alguns que presumiam ser justos e desprezava os outros: “Dois homens subiram ao templo para rezar: um era fariseu e o outro cobrador de impostos, então detestado. O fariseu, de pé, rezava interiormente dessa maneira: “Meu Deus, eu te dou graças por não ser como os demais homens, ladrões, injustos, adúlteros; nem como este cobrador de impostos. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de todas as minhas rendas. Mas o cobrador de impostos mantinha-se longe e nem se atrevia a levantar os olhos para o céu, mas batia no peito dizendo: “Meu Deus, tem compaixão de mim que sou pecador! Eu vos digo: este desceu para a casa justificado, ao contrário do outro. Porque quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado.*

*Dona Elisa leu a fez a leitura pausadamente e com boa entonação. Seguidamente ela mesma fez a palavra. Falou sobre o homem humilhado se referindo ao presidiário. Disse que na atual condição em que eles se encontram, eles passam por muitos momentos de provações e humilhações, mas esta condição é necessária, uma vez que ninguém ali é inocente. Enfatizou que todos eles são pecadores, todos cometeram algum delito e para se redimirem precisam sofrer as penas do erro cometido. No entanto, fez questão de dizer que os pecadores não são somente eles, mas todos os homens existentes sobre a face da terra. E que há muitos homens mais pecadores que eles vivendo normalmente na sociedade. Falou ainda que eles estão nessa condição momentaneamente e que por isso precisam pensar no futuro, quando não mais serão presidiários, e que para passarem pelas privações da prisão de forma menos dolorosa eles deveriam se apegar a Deus. E isso, porque segundo suas palavras, Deus é o único que salva, que resgata, pois ele é o único que sabe o que verdadeiramente se passa no coração do homem. Ao final enfatizou a importância da oração, como forma de tranquilizar e de dar esperança, disse a eles que eles deveriam rezar sempre, mas não somente em pensamento ou em solidão, deveriam rezar em conjunto, de mãos dadas. E isso porque, segundo suas palavras, a oração fortalece quando feita individualmente, mas mais ainda quando feita em grupo. Dona Elisa lembrou aos presos os mandamentos de Jesus em relação ao amor ao próximo, e sendo assim, um ao outro, ali*

*dentro, deveriam se respeitar, deveriam se amar e dar força a seu próximo nesse momento tão difícil.*

*Posteriormente nos direcionamos a cela feminina. Passamos por uma grade, esta dá para uma pequena sala e da sala saímos na parte aberta do presídio, local onde fica a cela feminina e a cela três. Como já dito anteriormente, o presídio foi construído inicialmente com o intuito de ser uma cadeia municipal. Seu período de construção data de um momento no qual a cidade possuía um número bem menor de habitantes e por isso sua infra-estrutura é de pequeno porte. Com o passar dos anos houve a necessidade de aumentar sua área de carceragem e então foram construídas essas duas celas ao lado de fora, local onde havia apenas o pátio.*

*A cela feminina é pequena, baixa e escura, em suas paredes, embora sujas e descascadas, ainda permanece a pintura em tom de verde claro, o que torna a luz interior da cela esverdeada a medida em que o sol entra pela abertura ao fundo. Também ao fundo, ao lado direito havia uma pequena porta e como estava entreaberta foi possível perceber que ali é o banheiro, pois havia uma pia e um pequeno espelho.*

*Ali havia cinco mulheres. Uma delas, durante todo o momento em que estava sendo realizada a assistência religiosa permaneceu deitada em sua cama, sem se quer dirigir os olhos as integrantes da pastoral. Também não dialogava com suas colegas de cela. Posteriormente, uma das mulheres da pastoral perguntou a uma das detentas sobre ela e a presa disse que a ignorava assim como era ignorada por ela. Havia uma segunda detenta deitada, ela estava passando mal e ao lado dela estavam todas as outras. Antes do posicionamento para a realização da assistência, as três mulheres rodeavam a quarta que passava mal e conversavam de forma muito afetuosa. Assim que as integrantes da pastoral começaram a conversar com elas, uma presa se aproximou e atuou como interlocutora entre as colegas e as mulheres da Pastoral Carcerária.*

*As integrantes da pastoral perguntavam como elas estavam, se si sentiam melhores, se estavam mais fortes. Uma delas disse que sim, que a única forma de estar ali era ir levando. A presa que estava dependurada nas grades disse estar mais forte também, e ao contrário da colega, foi enfática. Disse estar recebendo o apoio da mãe. “Eu sai de casa pra morar com ele, ele sabe. Aprontei e aprontei e ela sabia de tudo, o pessoal do bairro contava pra ela.*

*Mas ela (choro) veio me ver, disse que quando eu sair daqui, que é pra eu voltar para casa...” Dona Augusta respondeu-lhe dizendo que ela deveria aproveitar o amor da mãe que lhe acolhia e que do passado ela deveria carregar apenas os ensinamentos para não cometer os mesmos erros. A detenta lhe respondeu: “A gente acha que é o maior amor do mundo, e é só burrada atrás de burrada, depois, só sofrimento. Ai que a gente vê, que amor mesmo é só o de Deus, o de mãe, o de amiga, porque estão sempre com a gente. Homem? Homem cai fora.”*

*A assistência religiosa também foi mais afetiva. Como eram poucas presas, a assistência se deu mais em tom de diálogo e sem alterações de voz como no primeiro momento, uma vez que no caso anterior a cela era muito alta e eram muitos os presos, daí a necessidade de alterar o tom de voz. Exceto a detenta que a todos ignorava, as demais presidiárias ouviam as palavras. Desta vez a passagem foi lida por Dona Fernanda e as palavras foram ditas por Dona Elisa. Dona Fernanda leu devagar, parava em alguns momentos para certificar-se da palavra lida. Dona Elisa então iniciou a pregação, disse as mesmas palavras proferidas anteriormente. Em alguns momentos foi possível ver que os olhos da presa próxima a grade se enchiam d’água. Quando Dona Elisa aludia aos erros, sem, contudo recriá-las, pois se referia de modo geral dizendo os erros dos homens, a detenta abaixa a cabeça em tom de concordância. E sempre que Dona Elisa se referia a Deus, a detenta erguia a cabeça e olhava para o alto avistando o céu. Dona Augusta finalizou a pregação se referindo à história de Jesus Cristo. Falou sobre o sofrimento de Jesus pela humanidade, sobre as humilhações sofridas por ele, disse as presidiárias para pensarem nele, pois ele daria força a cada uma delas. Ao final da pregação a detenta próxima a grade agradeceu fervorosamente a visita, as duas que acompanhavam a colega se aproximaram da grade e também agradeceram, a que estava doente agradeceu de sua cama. As integrantes da pastoral se despediram e partiram para a cela ao lado.*

*A cela três é a menor em relação a todas as outras, é baixa e muito escura, não consegui visualizar nenhuma fresta ou janela existente nela, as suas paredes estavam muito sujas, mas ainda mostravam restos de tinta azul. Estava abarrotada, havia em torno de quinze a vinte presidiários em um espaço de 15m<sup>2</sup>. Quando as integrantes da pastoral se aproximaram uns cortavam os cabelos dos outros. Como um dos cortes já estava sendo finalizado, as mulheres da pastoral esperaram o término da atividade. Terminado o corte o*

*homem se levantou, se limpou e assim, a grande maioria dos que ali dentro estavam se posicionaram frente as grades.*

*Quando a leitura foi iniciada, passei os olhos por entre o aglomerado de presidiários. Alguns prestavam muita atenção, se entregavam a oração, fechavam e apertavam os olhos, balbuciavam palavras de perdão e de salvação. A assistência ocorreu da mesma forma, Dona Fernanda fez a leitura, Dona Elisa a palavra e ao final Dona Augusta, como anteriormente, falou em poucas palavras sobre a figura de Jesus Cristo. Ao final, os detentos também agradeceram calorosamente pela visita. Chamavam as mulheres da pastoral pelos seus nomes e agradeciam uma a uma.*

*As celas um e dois me chamaram a atenção pelo grande número de jovens que ali estavam. Quando passei pela cela dois, que se localiza no caminho para a cela um, me surpreendi com uma grande maioria de presidiários jovens. Muitos ali, se eu os visse em qualquer outro lugar, não diria que teriam dezoito anos, eram realmente muito jovens e em grande número. A cela um me revelou a mesma situação.*

*A cela um possui aproximadamente 20m<sup>2</sup> e a mesma estrutura da cela dois e da cela cinco. É bem alta, as camas se dispõem de três a três horizontalmente. Por possuir uma maior abertura, possui maior claridade, as paredes também sujas e naquele momento havia um cheiro ainda mais forte. Havia algo em torno de trinta presidiários. Dona Augusta foi recebida com alegria, havia um detento localizado a esquerda da cela que a recebeu com entusiasmo perguntando como ela estava. Dona Augusta foi logo lhe perguntando que cheiro tão forte era aquele e então ele a explicou. Disse que quando um deles vai ao banheiro, para queimar os gases, eles acendem fogo e queimam pequenos pedaços de papel. Completou a fala dizendo em tom de brincadeira que não era fácil viver ali e alguns dos presos que ali estavam concordaram com o colega balançando a cabeça positivamente. Depois de explicar a causa do mau cheiro começou a brincar com Dona Augusta. Dizia as seguintes frases: “O que a senhora está fazendo aqui, perdendo tempo com a gente? A senhora sai da sua casa e vem parar aqui pra quê? Se eu tivesse aí fora, não ia querer saber da gente, não.” Na medida em que íamos passando pelas celas pude perceber muitos olhares de admiração e de contentamento ao ver os membros da pastoral chegarem.*

*Dona Augusta pediu para os detentos se aproximarem para que pudesse ser iniciada a assistência. Dona Fernanda realizou a leitura, Dona Elisa fez a palavra e Dona Augusta fez o encerramento. Pude perceber um maior envolvimento desses presidiários. Durante o momento da leitura bíblica a grande maioria deles tinha os olhos abertos e fixos na figura de Dona Fernanda, quando esta realizava a leitura. O detento que carrega a Bíblia pediu que as mulheres da pastoral indicassem passagens bíblicas para eles, ele disse que gostava de ler e em alguns momentos as passagens eram lidas em grupos. Dona Augusta e Dona Elisa indicaram os salmos, uma vez que por meio deles, segundo elas, pode-se colocar em oração direta com Deus. Os presidiários que não participaram da assistência permaneceram fazendo suas atividades. Dois ou três circulavam pela cela como se estivessem arrumando suas coisas. Ao alto, em suas camas, havia três que jogavam baralho e quando iniciada a assistência religiosa abaixaram o tom de suas vozes como em respeito ao momento. Dois deles ora ou outra voltavam seus olhares as mulheres da pastoral e acompanharam a assistência rezando o Pai Nosso. Nesse momento, confesso que me emocionei, os presidiários, sem que nenhuma das mulheres da pastoral pedissem, deram-se as mãos e rezaram fervorosamente o oração. Se nas celas anteriores me senti um pouco intimidada por estar pela primeira vez dentro de um presídio com vários detentos diante de mim, nesse momento minha reação foi outra.*

*Aqueles homens que em um primeiro momento poderiam intimidar quem estivesse diante deles pelo simples fato de serem presidiários, mostraram-se homens de muita humildade. Todos uniformizados com calças e blusas vermelhas, alguns de chinelos, outros de meias e chinelos, e o que mais me chamou a atenção, todos com cabeça baixa, alguns de forma serena, outros contraíam suas faces como um momento de entrega; estavam de mãos dadas. Pude perceber que as integrantes da pastoral também se sensibilizaram, enquanto Dona Elisa se despedia deles e respondia aos agradecimentos recebidos, Dona Fernanda se posicionou de costas ao lado das grades, em um lugar onde eles não poderiam vê-la e com os braços apoiados ao peito e uma mão entre as faces, permaneceu em silêncio por alguns instantes.*

*A cela dois possui a mesma estrutura que a cela um, as camas, as paredes e o espaço, de aproximadamente 20m<sup>2</sup>, tudo semelhante, há diferença apenas em relação a claridade, a cela um é a mais clara de todas. Havia em seu interior em torno de trinta detentos, como já*

*dito anteriormente, a maioria deles muito jovens e brancos. Esta é outra questão que também me chamou a atenção. Em contradição a dados oficiais e também ao pensamento de senso comum existente em nosso país, em todas as celas, a quase totalidade dos presidiários era de cor branca, pouquíssimos eram negros e mulatos.*

*Na cela dois havia um sujeito que quando chegamos já estava localizado ao lado esquerdo das grades, ele respondia a praticamente todas as perguntas feitas pelas mulheres da pastoral, respondia inclusive para os outros presos, e isso porque o som da TV estava muito alto, o que nos impedia de ouvir com clareza o que diziam, assim este senhor nos repassava as informações.*

*Dona Augusta conversou brevemente com esse senhor e em tom de voz mais alto pediu aos detentos que se aproximassem e que abajassem o volume do aparelho de televisão. A grande maioria deles se aproximou. A assistência da pastoral se deu da mesma forma e os detentos responderam a ela como nas outras celas. Os presos que se aproximavam traziam em seus olhos um misto de curiosidade, admiração e contentamento. Somente na cela dois presenciei alguns detentos que ignoraram a presença da pastoral, era um grupo, em torno de cinco a seis homens, estes conversaram em alto tom de voz. Nas outras celas, os detentos que não se aproximaram, respeitaram o momento de assistência, findaram suas conversas e jogos de baralho ou simplesmente abajasaram o tom da voz. Em alguns desses casos, mesmo sem se aproximar alguns tinham seus olhos voltados as integrantes da pastoral e também acompanhavam rezando o Pai Nosso.*

*Terminada a assistência na cela dois, passamos por duas grades, e as mulheres da pastoral se dirigiram para a cela na qual ficam os presidiários que respondem ao regime semi-aberto. Realizaram o mesmo procedimento, de forma um tanto corrida, pois já havia passado das seis horas, horário no qual a assistência deve ser finalizada. A cela é pequena e escura, como as grades dão para um espaço aberto, em seu interior não há aberturas de luz. É composta por dois beliches e havia também um colchão ao fundo. No momento havia três detentos, dois deles se aproximaram e o outro permaneceu onde estava, pois estava com a perna engessada. Ao final da assistência, eles agradeceram as integrantes da pastoral.*

*Passamos pelo corredor, pegamos nossas bolsas e documentos e assim que saímos pelo portão me perguntaram sobre minhas impressões. Falei brevemente, pois todas elas*

*estavam com pressa. Dona Fernanda pegaria um ônibus para dar aula e seguiu em direção ao centro. Dona Augusta e Dona Elisa se despediram e seguiram em direção ao bairro. Dona Elisa iria à casa de Dona Augusta para que pudessem conversar sobre as atividades da Pastoral Carcerária.*

*Barbacena, quinta-feira 15 de abril de 2010.*

*Eram 15:48hs quando cheguei a porta do presídio. As familiares estavam na fila aguardando o momento de entrada. Devido a idade da maioria delas, entre vinte e trinta anos acredito que a maioria deveria ser esposa ou irmã dos detentos. Como habitualmente, carregavam as sacolas plásticas com alimentos.*

*Após alguns minutos chegaram Dona Elisabete e Dona Isabel. Dona Elisabete é uma mulher de quarenta e poucos anos, é alta, magra, negra, possui cabelos curtos pretos e olhos pretos. Dona Isabel é uma mulher baixa, gorda, branca, de cabelos curtos castanhos e olhos castanhos. Apresentei-me a elas, estas fizeram algumas perguntas sobre mim e sobre a pesquisa. Dona Elisabete apresentava-se muito elegante, uma mulher sensata e de poucas palavras, Dona Isabel mostrou-se uma mulher de muito bom humor, ria de tudo e ainda fazia algumas brincadeiras. Dona Augusta chegou, cumprimentou as mulheres com grande empatia e em seguida veio a mim. Cumprimentou-me diferente em relação as outras vezes, estava com um sorriso no rosto e com os braços abertos para dar-me um abraço. As mulheres conversaram um pouco sobre alguns acontecimentos particulares de suas vidas. Posteriormente Dona Elisabete disse a Dona Augusta que conhecidos de seu bairro tinham lhe apresentado uma vizinha que estava precisando de ajuda, seu esposo havia sido preso há pouco, ela havia largado o emprego alguns meses antes, pois não havia conseguido creche para o filho menor e estava sem o apoio da família que rompeu laços com ela quando ela decidiu juntar-se com o pai de seus filhos. Dona Augusta anotou o nome e o endereço da mulher, disse que a encaixaria no programa de doação de alimentos da Pastoral Carcerária.*

*Dona Isabel conversava com algumas das mulheres que estavam a espera, muito engraçada ela falava em tom de voz bem alto, perguntava o que elas estavam carregando dentro das sacolas e assim ela ficou trocando receitas e segredos de bolos com algumas delas.*

*Havia um alto falatório na porta do presídio, algumas mulheres riam, contavam caso, gesticulavam muito, outras estavam mais serenas, com semblantes tristes, encostadas na parede, olhavam a movimentação a sua volta enquanto aguardavam a vez de serem atendidas.*

*O agente penitenciário chamou pelas integrantes da Pastoral Carcerária. Entramos, entregamos nossas identidades, guardamos nossos objetos pessoais dentro de nossas bolsas e as bolsas dentro do armário. Dona Augusta não conseguiu tirar o brinco e então a agente penitenciária responsável por passar o detector de metais nas mulheres permitiu que ela entrasse com os mesmos, disse que deixaria passar, mas somente daquela vez. Entramos pelo corredor, passamos pelo portão interno e lá estávamos dentro da região da carceragem.*

*As mulheres da pastoral iniciaram a assistência na cela cinco. Dona Augusta e Dona Elisabete estavam muito próximas da grade e então o agente penitenciário que nos acompanhava pediu que elas se afastassem respeitando a linha amarela riscada ao chão. As mulheres se afastaram, mas ora ou outra Dona Augusta ultrapassava a linha, o agente carcerário por sua vez chamava a sua atenção. Quando as integrantes da pastoral se aproximaram da grade, os detentos iam se levantando e também se posicionando frente as mesmas. Dona Augusta chamava os demais que teriam interesse em participar para se aproximarem para que assim a assistência se iniciasse.*

*Quatorze dos aproximadamente trinta presos se aproximaram para ouvir e rezar. O comentário sobre o evangelho lido foi:*

*Deus e a luz*

*Esta é a mensagem que ouvimos dele e trazemos para vós: Deus é luz e nele não há nenhuma espécie de trevas. Se dissermos que estamos em comunhão com ele e andamos na escuridão, nós mentimos, e não estamos agindo segundo a verdade. Mas se andamos na luz, como ele está na luz, estamos em comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado. Se dissermos que não temos pecado, nos enganamos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar e nos purificar de toda a maldade. Se dissermos que não somos pecadores, nós o fazemos mentiroso e a sua palavra não está em nós. Meus filhinhos, eu vos escrevo isto para que não pequeis, mas, se alguém vier a pecar, temos um advogado, Jesus Cristo, diante do Pai. Ele é a vítima da expiação por nossos pecados, e não só pelos nossos, pelos de todo o mundo.*

*Dona Augusta pediu aos detentos que se calassem para que a assistência pudesse ser iniciada, Dona Elisabete se aproximou deles e pediu que rezassem em voz alta a oração Pai*

*nosso. Dona Elizabete com a voz entoada, suave e ao mesmo tempo forte, iniciou a oração sendo seguida por todos. Ao término da oração Dona Isabel iniciou a leitura. Lia a passagem vagarosamente, ora ou outra levantava a cabeça e olhava para os detentos. O seu tom de voz também harmonioso fazia a sua leitura transcorrer como uma melodia.*

*Após a leitura Dona Elisabete fez a palavra. Ela se pôs de frente as grades e acompanhando seu tom de voz harmonioso ela balançava mãos e braços em direção aos detentos. “Essa é a mensagem que ouvimos dele e que trazemos a vós. Foram essas as palavras dos homens de Deus. Deus é luz, portanto, estar com ele é estar em paz, é estar no caminho do bem. Do bem a si próprio e do bem ao outro. Muitas vezes caímos no caminho das trevas, onde há dor, tristeza, maldades, egoísmo e assim nos esquecemos de Deus. No caminho das trevas fazemos somente o mal, o mal a nós, a nossos familiares, aos outros. Não é verdade? Quantos de vocês aqui podem confirmar isto que eu estou dizendo? Vocês se sentem bem aqui dentro? Quanta dor não é? Quanto sofrimento, privação, angústia. E a dor dos familiares de vocês por vocês estarem aqui, a dor de verem vocês aqui, a dor da saudade. E a saudade das pessoas, da vida lá fora. E a dor que vocês um dia causaram em um próximo, um irmão. O dano que causam a alguém, a dor que também fizeram uma família passar. As vezes vocês devem ficar revoltados, por estarem aqui sofrendo, revoltados pela dor da família de vocês, mas o que vocês não podem se esquecer é que também fizeram alguém sofrer, que também levaram tristezas a outras famílias. E é por isso que vocês estão aqui. Mas se agora estão com Deus é porque se arrependeram de seus erros. Vocês estiveram nas trevas, mas agora estão novamente no caminho da luz, estão com Deus. E Deus? Deus sempre está com nós, sempre está com seus filhos, embora nós nos abandonemos, Deus continua em nós. Por isso devemos dar graças ao Senhor, graças a nossas vidas.” Dona Elizabete finalizou a palavra e Dona Augusta encerrou a assistência na cela dizendo sobre Jesus Cristo ao comentar o trecho que fala de Jesus como advogado nosso diante do Deus. “Nos momentos de dor, de desespero, peçam a Jesus, ele ouvirá vocês e pedirá por vocês junto ao Pai.” Dona Augusta remeteu essas palavras a vida de Jesus Cristo e a vida de Maria. Disse que os detentos deveriam se espelhar em Cristo, no sofrimento vivenciado por ele e na salvação que este providenciou. Na dor de Maria e na dor vivenciada por suas mães e suas mulheres. Dona Augusta disse para que nas horas difíceis os detentos pensassem e*

*orassem ao coração de Jesus e ao coração de Maria, pois segundo suas palavras, eles estão sempre apostos para nos ouvir e nos auxiliar.*

*Os detentos prestavam atenção, os que não estavam participando da assistência permaneceram fazendo as atividades de antes, mas em respeito ao momento, abaixaram o volume da televisão assim como o tom de suas vozes. O grupo que jogava baralho se recolheu no canto esquerdo da cela para que assim sobrasse mais espaço para os detentos se aproximarem das grades. Após os agradecimentos dos detentos e da oração final, um dos presidiários se aproximou das integrantes da pastoral e justificou a elas porque não havia participado da assistência. Disse que durante um período havia participado da assistência católica e da evangélica ao mesmo tempo, participar das duas crenças estava lhe fazendo bem, mas ultimamente estava ficando confuso e então decidiu optar pela evangélica. Ao final, o preso agradeceu as mulheres da pastoral pelo bem feito a ele. Assim que saíram de perto da cela Dona Isabel comentou o episódio com Dona Augusta, ambas manifestaram em sussurros certo descontentamento, mas acharam louvável a postura do detento em seguir o caminho da fé, embora não fosse a católica e viram com bons olhos o fato do mesmo ter agradecido a elas pela assistência levada.*

*Após a assistência na cela cinco, as integrantes da pastoral foram para a cela feminina. Em relação a primeira vez em que fiz o acompanhamento ao presídio, o número de detentas aumentou consideravelmente, no primeiro dia havia cinco mulheres reclusas, desta vez o número havia aumentado para onze.*

*Exceto a reclusa que não se aproximou como na primeira vez em que lá estive, todas as demais se aproximaram das grades, algumas se levantavam logo após ver as mulheres da pastoral, outras embora conversassem com elas permaneciam em seus lugares. Dona Elisabete e Dona Augusta perguntavam como elas estavam, se precisavam de alguma ajuda. A detenta que como da última vez se aproximou para a conversa disse que havia chegado duas novas presas e então ela as apresentou. As mulheres da pastoral se apresentaram a elas, conversaram, perguntaram se tinham filhos. Uma delas disse que sim que tinha dois meninos, um de cinco anos e outro de três. Dona Augusta perguntou com quem eles estavam e ela disse que estavam com sua mãe. Dona Isabel conversava com as detentas grávidas, perguntava se elas passavam bem e perguntava também sobre o acompanhamento médico. Após a conversa inicial Dona Augusta pediu que as demais presas se aproximassem para dar*

*início a leitura. Como anteriormente Dona Isabel fez a leitura da passagem, ora ou outra levantava a cabeça para as detentas e para elas ria. Dona Elisabete fez a palavra como acima descrito e Dona Augusta finalizou a pregação ao falar sobre a presença de Jesus Cristo em nossas vidas e pediu que as mães ali presentes que pensassem em seus filhos. As presidiárias ouviam atentamente, uma delas mantinha a cabeça baixa e olhava para um ponto fixo, outras as vezes olhavam para um ponto fixo, as vezes olhavam para as mulheres da pastoral, a grande maioria delas mantinha olhos atentos a integrante da pastoral que pela vez falava. Nos momentos em que o discurso assinalava as fraquezas humanas, as presas abaixavam a cabeça. Quando o discurso apontava a presença de Deus na vida dos homens e como estes, com Deus, poderiam se tornar melhores, as detentas olhavam para cima para avistar o céu.*

*Ao final da assistência a presa que mais conversa com as integrantes da pastoral disse que estava rezando muito, e que em alguns momentos do dia elas rezavam juntas, rezavam por elas, por seus filhos, por seus familiares. “Todo dia a tardinha a gente se pega com Deus, rezamos juntas. É bom porque a gente pede, agradece, desabafa.”*

*Após as despedidas as mulheres da pastoral se direcionaram para a cela três. Antes de nos posicionarmos na frente das grades Dona Isabel me puxou pelo braço e disse para eu não dar atenção para os pedidos dos presos, disse que se me pedissem alguma coisa era para eu falar que veria se teria como, mas sem dar muita atenção e logo cortar as conversas de pedidos, segundo ela, são orientações dos próprios agentes penitenciários. E assim que nos posicionamos frente às grades os detentos perguntavam as integrantes da pastoral sobre o aparelho de televisão. Falavam que estavam sem o aparelho, que ele havia queimado. Dona Elisabete perguntou de quem era o aparelho antigo, eles disseram ser da família de um ex-detento, este quando foi embora decidiu deixar a televisão para os colegas. Eles explicaram a ela que toda cela tem direito de ter um aparelho de televisão, e este é doado pela família de algum preso. No caso deles, suas famílias não tinham nenhum aparelho disponível para que pudesse ser deixado lá, disseram que seus familiares estavam procurando pela vizinhança, mas nada encontravam, então pediram para que elas também procurassem entre os vizinhos. Dona Augusta disse-lhes que já havia procurado entre a vizinhança, mas nada havia encontrado. Os presos continuavam apontavam para o aparelho queimado e continuavam fazer os pedidos.*

*Dona Augusta pediu para que se acalmassem para que fosse possível dar início a assistência. Os detentos começaram a se posicionar. Um deles que já estava próximo ao lado esquerdo das grades, tinha os braços dependurados nela, ao seu lado estava o detento com a Bíblia, havia doze presos participando da assistência, poucos estavam fora do semi-círculo formado ao redor das grades. Prestaram muita atenção nas palavras lidas por Dona Isabel e nas palavras ditas por Dona Elisabete e Dona Augusta. Em alguns rostos havia um semblante sereno, mas na maioria deles havia um semblante de forte entrega, por meio de olhos que se apertavam e testas que se comprimiam. Assim como as detentas, eles repetiram uma curiosa postura, ora abaixavam a cabeça, ora a levantavam em direção ao céu; e isso acontece porque ambas as celas, a feminina e a cela três, localizam-se na região do pátio do presídio, e quando eles olham para o lado de fora da cela, podem avistar o céu. Alguns enchem os olhos d'água, outros passavam a mão pelos olhos para evitar que lágrimas caíssem.*

*Ao final da assistência os presos agradeceram, as integrantes da pastoral se despediram e se encaminharam para a cela um. Assim que chegou, Dona Augusta foi logo pedindo para que os detentos se aproximassem. Algo em torno de dezessete presidiários se aproximou das grades para a assistência religiosa. Um dos detentos, já conhecido da vez anterior, chamou Dona Augusta e Dona Isabel pelos nomes, brincou brevemente com elas, disse: Dona Augusta, Dona Isabel! Como vão as senhoras? Está tudo jóia? E a família? O que que as senhoras trouxeram para a gente hoje? Elas responderam que estavam bem. Dona Augusta perguntou a ele como ele estava ao passo que ele respondeu: “A gente brinca assim, mas só Deus Dona Augusta, só Deus. As vezes o desespero é muito e acho que nem ele, mas depois eu vejo que sem nada, sem fé a gente não consegue”. Dona Augusta respondia que sim com a cabeça e após a fala do preso disse: “Então vamos lá.”*

*Assim como na cela anterior apenas um carregava a Bíblia, este estava com dificuldades para encontrar a passagem e então foi ajudado pelo colega que estava ao lado. Encontrada a passagem foi feita a oração inicial e seguidamente deu-se o procedimento para a leitura. Quase trinta homens tinham naquele ambiente e um pouco mais de quinze se aproximaram das grades para que pudessem ser assistidos. Uniformizados de vermelho, com bermudas, camisetas e chinelos pretos, alguns usavam meias e chinelos. Humildemente esses homens se colocavam frente aos membros da Pastoral Carcerária. Alguns juntavam as mãos para a frente do corpo, outros para atrás como se estivessem algemados, e quietos prestavam*

*atenção nas palavras das mulheres da pastoral. Os detentos que não participavam da assistência permaneceram fazendo suas atividades, mas todos em silêncio e quando não, falando muito baixo. É visível o respeito dos presos para com os membros da pastoral. Quando Dona Augusta pede para que os presos se aproximem, estes, quando já não estão próximos, se prontificavam a tal. Os demais se aquietam e até mesmo participam da assistência do local onde estão, rezam a oração inicial ou a oração final.*

*A assistência seguiu como anteriormente, Dona Isabel fez a leitura de forma vagarosa e sorridente aos detentos, Dona Elisabete seguiu com a palavra pronunciada em voz e gestos muito elegantes e Dona Augusta fechou o discurso de forma concisa e comedida. No momento da oração final, sem que as mulheres da pastoral pedissem, os presos se deram as mãos e se fecharam em um semi-círculo. Alguns balbuciavam as palavras da oração Pai Nosso, outros com a cabeça erguida tinham olhos fechados e rostos franzidos, outros tinham a cabeça baixa com semblantes de entrega ao momento. Finalizada a oração, os detentos agradeciam enquanto as mulheres da pastoral se despiam dizendo-os para que ficassem com Deus.*

*De frente a cela dois, Dona Augusta pedia para que os detentos se aproximassem, os que já estavam próximos as grades conversavam com as integrantes da pastoral. Conversavam sobre o que se passava na TV que estava em alto volume. Dona Isabel pediu para que diminuíssem o som do televisor. Além do som alto do aparelho, os detentos conversavam em alto tom, Dona Augusta pedia que falassem um pouco mais baixo, mas havia um grupo que de forma insistente falava muito alto, um deles certamente em tom de provocação. No entanto, após iniciada a leitura, este abaixou um pouco o tom de voz.*

*A assistência foi realizada como na forma anterior, os presos, em sua grande maioria, muito jovens, ouviam atentamente. Como anteriormente, de pé, muitos mantinham as mãos cruzadas para baixo, alguns para frente do corpo, outros para traz. E também a mesma questão se repetia, quando as mulheres da pastoral falavam sobre as fraquezas humanas, os presos abaixavam a cabeça como em acordo, quando falavam sobre a força e a luz de Deus, Jesus e Maria, os presos levantavam as cabeças como se buscassem essa força e essa luz. Alguns deles deixavam lágrimas caírem e outros passavam mãos e braços pelos olhos para secá-las. Finalizada a assistência os detentos se despediam, as mulheres da pastoral diziam*

*para que ficassem com Deus, e eles diziam amém, diziam também para elas seguirem com ele.*

*Quando ali entrei, percebi tudo escurecer e não apenas pela ausência de luz, mas pela sujeira das paredes rabiscadas e descascadas e pelo forte cheiro de fezes. Embora limpo, tudo aparenta sujeira devido ao cheiro forte e a cor acinzentada que toma o ambiente. Sair dali foi muito bom, se vê a luz de outra forma, assim como se sente o ar de outra maneira.*

*Barbacena, quinta-feira, 20 de maio de 2010.*

*Cheguei a porta do presídio às 15:30hs. Ainda não havia nenhum membro da Pastoral Carcerária, mas várias mulheres já estavam lá. Carregavam sacolas com vasilhas com pão e bolo e garrafas plásticas com sucos. Conversavam bastante enquanto aguardavam a sua vez para entrar no presídio.*

*Após alguns minutos chegou Dona Graça, reconheci que ela era integrante da pastoral devido a camisa de uniforme. Apresentei-me a ela, contei sobre o meu interesse em estar ali e ela me fez algumas perguntas. Dona Graça é uma senhora que possui em torno de sessenta anos. É baixa, magra, negra, possui olhos escuros e cabelos pretos aos ombros. Estava vestida com a camisa uniforme da pastoral, calça jeans e tênis escuros. Logo uma jovem que ouvia nossa conversa veio lhe cumprimentar. Dona Graça perguntou como ela estava e ela disse não se sentir muito bem em estar ali, na fila em frente ao presídio. Falou sobre a situação das mulheres que ficam nessa fila. Disse sobre as pessoas que passam por ali a pé ou em seus carros e que fazem questão de ficarem olhando para elas em tom de recriminação ou preconceito. Incomoda-a o fato de serem vistas como “mulheres de bandido”, termo usado por ela própria. Em tom de lástima se dirigiu a mim dizendo: “Eles estão vendo você aqui e estão achando o que? Que você é mulher de bandido”. Ao final de sua queixa exclamou: “Eu estou aqui pra ver meu irmão!”.*

*Posteriormente chegou Dona Augusta, assim que Dona Graça terminou sua conversa Dona Augusta foi lhe cumprimentar, conversaram brevemente e Dona Graça disse que Dona Celinha ainda chegaria. Apressada esta chegou dentro de alguns instantes. Dona Celinha é muito pequena, magra, branca, possui olhos escuros, cabelos loiros e bem curtos. Vestia a camisa uniforme, calça jeans e tênis brancos.*

*Após alguns instantes o agente penitenciário abriu uma pequena janela à direita do portão e chamou pelos membros da Pastoral Carcerária. As mulheres que estavam próximas ao portão chamaram as agentes religiosas. Dona Augusta se dirigiu para o portão e as outras duas mulheres foram atrás. Entramos, entregamos nossas identidades, os brincos foram tirados e as bolsas colocadas no armário. Dona Graça tirou de seus bolsos chaves e moedas. A mesma agente penitenciária nos revistou com o detector de metais. Finalizado*

*esse procedimento, aguardamos no corredor o agente penitenciário que acompanharia as mulheres da pastoral nesse dia.*

*Após alguns minutos, passaram diante de nós dois presidiários carregados cada um deles por um agente penitenciário. O primeiro resistia e era empurrado com força pelo agente carcerário, no entanto, ao passar pelas mulheres da pastoral, abriu o semblante antes carregado. Com um largo sorriso no rosto cumprimentou-as pelos seus nomes. O segundo detento, que também resistia a forma como era empurrado pelo agente penitenciário, ao passar pelas mulheres da pastoral, abaixou a cabeça em cumprimento e andou normalmente.*

*Essa situação veio a confirmar as minhas já fortes impressões, o respeito dos presos para com os membros da pastoral. Quando estes se aproximam das celas, muitos presos respeitosamente já se prontificam e se colocam em frente as grades antes que os integrantes da pastoral peçam. Os que não participam da assistência continuam fazendo suas atividades, mas em respeito ao momento abaixam o tom de voz. E não é somente os presos que se aproximam das grades que prestam atenção ou participam da assistência religiosa, muitos permanecem sentados em suas camas ou em algum canto da cela, mas se mantêm atentos e até mesmo rezam nos momentos de oração.*

*Entramos na região da carceragem e foi feito o mesmo percurso de sempre, cela cinco, cela feminina, cela três, cela um e cela dois. A leitura do dia foi:*

#### *Eficácia da oração*

*Pedi e vos será dado, procurai e achareis, batei na porta e ela se abrirá para vós. Porque todo aquele que pede, recebe. O que procura acha. A quem bate, se abrirá a porta. Quem de vós dará uma pedra ao filho que pede pão. Ou uma serpente aquele que pede um peixe? Se vós, então que sois maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas coisas aos que lhe pedirem! A regra de ouro. Portanto, tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei o mesmo vós a eles: nisso está a Lei e os Profetas.*

*As integrantes da pastoral se posicionaram em frente a cela cinco, como de costume fiquei atrás delas. Rapidamente os presos se levantaram e se posicionaram diante das mulheres da pastoral. Um deles trouxe a Bíblia, já o havia visto antes. É um rapaz muito alto, por meio de sua voz, de sua fala e de suas feições deixa transparecer que possui algum tipo de problema mental. Sem ao menos tentar procurar a passagem em sua Bíblia, entregou-a a*

*Dona Graça para que ela procurasse para ele. Um pouco menos da metade dos que na cela estavam se aproximaram para a assistência. Eram os mesmos rostos de sempre, identifiquei apenas alguns detentos novos como um muito baixo que se localiza ao lado direito e que com muita curiosidade acompanhou a assistência. Este detento me chamou a atenção por ser um dos poucos negros que ali no presídio se encontravam, pois como aprezei antes, em contradição com as estatísticas oficiais, a grande maioria dos presidiários da instituição são brancos.*

*Antes que Dona Augusta iniciasse a leitura, Dona Graça iniciou a oração Ave Maria sendo seguida por todos. Após a oração fez-se a leitura, Dona Augusta tem o tom de voz baixo, mas falou o mais alto que pode. Ao longo da leitura a maioria dos detentos próximos a grade prestavam atenção mantendo os olhos voltados a Dona Augusta. Dois presidiários que estavam sentados em suas camas localizadas bem ao alto da cela e de frente para as grades jogavam baralho e olhavam para nós, comentavam alguma coisa e logo em seguida riam, fizeram isso por mais duas vezes. E em contradição ou não, um deles, ao final da assistência rezou juntamente com o grupo o Pai Nosso.*

*Como Dona Celinha e Dona Graça não se sentiram a vontade para fazer a palavra, Dona Augusta seguiu com a explanação. Ela falou sobre a bondade divina. Em suas palavras Deus dá aos homens segundo a necessidade de cada um, segundo o seu merecimento. Não recebemos simplesmente porque pedimos, mas porque necessitamos ou merecemos. E continuou a dizer: “Deus sabe do sofrimento de cada um de vocês, de cada um de nós, sabe o que necessitamos e muitas vezes necessitamos de provações. Vocês precisavam dessa provação? Precisavam, porque cometeram algum erro. Estão pagando pelo erro? Estão. E isso é o que importa para vocês e para o nosso Pai. Cientes de seus erros, que vocês possam mudar suas vidas, seguir no caminho de Deus, no caminho do amor de Deus, do amor para com si, do amor ao próximo. Orem a Deus, peçam de coração, digam ao Pai sobre suas dores, suas angústias, seus medos. Batei na porta e ela se abrirá para vós. O Pai, sempre nos escuta, sempre tem sua porta aberta a todos os seus filhos, o problema é em nós, não abrimos nossas portas para o Pai. Nos trancamos e nos afastamos de Deus. Por isso devemos pedir. Ele sabe o que queremos, mas precisamos pedir, pois quando pedimos, quando oramos, nos voltamos a ele. Nem sempre seremos atendidos, porque nem sempre sabemos o que pedir e isso porque não nos conhecemos como o Pai nos conhece, não sabemos das nossas*

*necessidades como ele sabe. Mas ainda assim, a gente deve pedir de coração, porque a nossa intenção tem muito valor diante de Deus. Tem muita gente que pensa, eu não vou pedir, acha que é humilhação, eu não vou rezar, acha que é uma forma de se rebaixar. Gente, nós somos filhos e ele é o Pai. Para que serve um Pai? Para ajudar, para guiar. Peçam a ele, ele providenciará, fará a sua justiça.”*

*Dirigimo-nos para a cela feminina, de forma distinta em relação as outras vezes, a assistência religiosa não se deu inicialmente em tom amistoso. Havia detentas novas e quando as integrantes da pastoral se aproximaram algumas delas resistiam, não queriam participar. A pedidos de detentas já conhecidas, duas delas se aproximaram, no entanto, dirigiam a nós olhares de aspereza e animosidade, nos olhavam de cima a baixo. As mulheres da pastoral começaram a conversar com elas, tentando quebrar o clima que as detentas instalaram naquele momento. Perguntavam como elas estavam, se tinham filhos e com quem eles estavam. A presa que sempre conversa com os membros da pastoral permanecia intermediando o diálogo, disse que uma delas estava ali pelo mesmo motivo que ela, tráfico, e ao terminar de falar se dirigiu a detenta: “Foi tráfico né”. A detenta por sua vez se aproximou e balanço a cabeça que sim. E assim, por meio das breves conversas, o clima de hostilidade foi se desfazendo.*

*Dessa vez quem fez a leitura da passagem foi Dona Celinha. Esta não tem muita desenvoltura, sua voz é muito fina e baixa, embora tentasse falar mais alto não conseguia, titubeou várias vezes ao longo da leitura. Mas ainda assim as detentas prestaram atenção. Havia cerca de quinze mulheres na cela, nove estavam de frente para as grades participando da assistência, duas dependuradas nas grades, ao lado esquerdo uma detenta grávida já conhecida e ao lado direito uma das que inicialmente resistiram a presença das integrantes da pastoral. Todas as demais prestavam atenção, estavam sentadas a cama ao lado das grades, uma delas tomava banho e logo que saiu do banheiro se posicionou de pé frente as grades.*

*Antes de iniciar a leitura Dona Augusta perguntou-me se eu gostaria de falar algo, eu disse que não, ela insistiu e eu insisti com o não. Realizada a leitura Dona Augusta fez a palavra e finalizou a pregação com as seguintes palavras: “Peça a Deus, oh Senhor, faça de mim um vaso novo. Quebra-me como um vaso e faça em mim um vaso novo.” As detentas agradeceram a assistência.*

*Posteriormente as integrantes da pastoral se dirigiram para a cela ao lado, a cela três. Havia vários pedreiros realizando obras ao redor da cela, e por isso a assistência precisou ser rápida para que o trabalho deles não fosse interrompido por muito tempo. Dona Graça perguntou aos detentos se eles tinham Bíblia ali dentro, eles disseram que sim e então ela pediu que eles realizassem a leitura posteriormente. Dessa vez ao finalizar a pregação Dona Graça falou sobre os dois filhos presidiários que estão reclusos em outra cidade, pediu a Deus que os abençoasse e abençoasse suas famílias como a abençoa e abençoa seus filhos.*

*A cela estava um pouco mais vazia. Mas pude perceber que quando nos posicionamos a frente das grades, três dos detentos já aguardavam a presença dos membros da pastoral. Aguardavam na mesma posição de sempre. O primeiro chamou minha atenção desde a primeira visita pelo modo como se entrega ao momento da assistência. Ele possui vinte e poucos anos, tem altura mediana, pele branca, cabelos claros e olhos escuros, mantém-se por grande parte do tempo em posição de oração com as mãos juntas ao peito e cabeça baixa. O segundo estava ao lado direito da cela, um pouco afastado das grades, possui quarenta e poucos anos, é baixo, tem pele branca, cabelos e olhos escuros. O terceiro é uma figura estranha, sempre se posiciona no meio da cela, é alto, de pele branca, cabelos e olhos escuros, possui semblante fechado e um olhar fixo. Não se aproxima das grades e nem se comunica com os membros da pastoral, está sempre a postos no mesmo local. Nos momentos de oração em que os presos se sentem mais livres para se expressarem, ele permanece da mesma forma, sem pronunciar qualquer palavra. Durante todo o momento da assistência permaneceu imóvel, somente os seus olhos se movimentavam em direção a nós.*

*Dona Augusta fez a palavra e foi seguida por Dona Graça. Após a oração final, antes que elas se despedissem dos presidiários com os dizeres: “fiquem com Deus”, o detento que se localizava ao lado esquerdo da cela se adiantou e a nós se despediu dizendo: “Vão com Deus”. O detento que se localizava ao lado direito da cela seguiu o companheiro e repetiu por várias vezes a frase. As mulheres da pastoral respondiam dizendo “fiquem com ele”.*

*Após a assistência na cela três, as integrantes da pastoral se dirigiram para as celas um e dois. Para o acesso as celas um e dois é preciso passar por uma grade e entrar no corredor que dá acesso as mesmas. Elas se dispõem lado a lado e entre a grade que dá acesso ao corredor e a cela dois, a uma pequena cela na qual ficam os presidiários em situação de castigo devido a ocorrência de algum delito cometido dentro do presídio.*

*Ali havia dois detentos, um deles fazia dobraduras e construía um pássaro com folhas de jornal, ele se dirigiu a Dona Augusta e a Dona Graça pelos seus nomes, disse a elas que iria entregar o pássaro que estava fazendo a sua mãe, no dia em que ela viesse lhe fazer visita. Dona Graça conversou um pouco com ele, falou sobre a dobradura e ao ser apressada por Dona Augusta, disse a eles que voltaria ali para realizar a assistência, no entanto, precisaria ir as outras celas primeiro para que os demais presos não ficassem muito agitados.*

*As integrantes da pastoral passaram pela cena dois, cumprimentaram os detentos e se dirigiram a cela um. Quando elas se colocaram de frente para a cela um ainda havia poucos detentos posicionados para a assistência. Dona Augusta se aproximou ainda mais das grades para chamar os demais e assim outros foram se aproximando. Um caso me chamou a atenção, o preso que sempre se comunica com os membros da pastoral não quis se aproximar desta vez, estava jogando baralho e assim permaneceu, virou-se a nós e mostrou as cartas como se dissesse ‘agora eu não posso, estou ocupado jogando baralho’. Dona Augusta consentiu com a cabeça e iniciou a leitura. Como nenhuma das mulheres da pastoral comentou o episódio, imagino que seja comum, pois sempre que ocorre algo inesperado elas fazem comentários entre si.*

*Dona Graça realizou a oração inicial, em seguida Dona Augusta pediu ao agente penitenciário que nos acompanhava para que ascendessem a luz do corredor para a realização da leitura. O agente penitenciário pediu por três vezes até que a luz fosse acesa. O presídio estava agitado devido a grande entrada e saída de presidiários para a realização de exames médicos e não escutavam o agente penitenciário ou não davam a devido atenção a sua solicitação devido a essa grande movimentação. Antes que a luz fosse acesa os detentos retiraram suas toalhas dependuradas no varal para que pudesse entrar mais luz e assim Dona Celinha iniciou a leitura. A iniciativa em tirar as toalhas foi de um dos presos que acompanhava a assistência, mas quando começou a recolhê-las, foi ajudado por outros presos que não eram participantes. Naquele momento houve um empenho para ajudar as integrantes da pastoral que esperavam para realizar a assistência.*

*Dona Celinha realizou a leitura da passagem, leitura essa interrompida por algumas vezes devido a pouca iluminação. Os presos prestavam bastante atenção, olhavam para ela, estavam concentrados. Posteriormente seguiu-se como nas outras vezes, Dona Augusta fez a palavra e Dona Graça finalizou a assistência. No momento da oração final, sem que as*

*integrantes da pastoral pedissem, os detentos se deram as mãos. Todos eles fecharam os olhos, alguns abaixaram as cabeças, outros mudaram o semblante apertando os olhos e franzindo a testa. Ao final da assistência as mulheres da pastoral se despediram e os presidiários agradeceram.*

*Os presidiários da cela dois estavam muito agitados, a agitação dava a impressão de que a cela estava ainda mais cheia. Quando as integrantes da pastoral se posicionam frente a grade, alguns detentos já aguardavam. Dona Augusta pediu para que os demais se aproximassem, como o barulho era grande, a voz de Dona Augusta quase não se fazia ouvir, assim um dos detentos chamou pelos outros. Após o posicionamento dos presos interessados, a assistência se iniciou.*

*Como anteriormente Dona Celinha leu a passagem, Dona Augusta fez a palavra. No grupo que jogava baralho havia um sujeito aparentemente homossexual que fazia muito escândalo, falava alto e assim, os companheiros de baralho também aumentavam o tom de voz. Os presidiários assistidos pareciam não se importar com a cena e com o barulho, estavam concentrados nas palavras das mulheres da pastoral, ouviam atentamente, alguns ora ou outra desviavam seus olhares para cada uma de nós, mas estavam atentos, ignoravam o barulho e a bagunça, por aquele momento pareciam ter se distanciado daquele ambiente. Pareciam estar muito longe dos outros detentos que aos seus lados estavam.*

*Após a assistência na cela dois as integrantes da pastoral se encaminharam para a pequena cela onde ficam os presidiários que estão sob penalidade por cometerem algum delito dentro do presídio. Na pequena cela estavam dois detentos, um deles mais fechado, respondia apenas sim ou não, mas participava da interação estabelecida principalmente entre Dona Graça e o outro preso. Acredito que Dona Graça tenha se identificado com o preso que fazia a dobradura, esta pediu para fazer a leitura da passagem e seguidamente fez a palavra invertendo a ordem ao ser seguida por Dona Augusta.*

*Após a passagem pela pequena cela a assistência foi finalizada uma vez que os presidiários em regime semi-aberto ainda não tinham chegado. Quando saíamos pela região da carceragem as mulheres da pastoral estavam agitadas, pois já estavam atrasadas cada uma para o seu compromisso, fato que inviabilizou qualquer tipo de conversa ao final da assistência.*

*Barbacena, quinta-feira, 10 de junho de 2010.*

*Quando cheguei a porta do presídio eram exatamente 15:55hs. Lá estavam Dona Augusta e Dona Fernanda, aguardavam minha chegada e a chegada de Seu José. Dona Fernanda conversava com a mulher de um detento, falam sobre novela e sobre os filhos. A esposa comentava e ria da indisciplina do filho na escola, dizia: “Esse puxou o pai, não é fácil não.”*

*Após alguns instantes Seu José chegou, ele vinha apressado balançando os braços. Seu José é de estatura alta, possui um pouco menos de cinquenta anos, é forte, tem cabelos grisalhos e olhos escuros. Vestia a camisa uniforme da pastoral, calça jeans e sapatos marrons. Dona Augusta me apresentou a ele, e até que os agentes penitenciários chamassem, os membros da Pastoral Carcerária permaneceram conversando.*

*Por volta das 16:10hs os membros da pastoral foram chamados. Seguimos o mesmo procedimento para a entrada na região da carceragem. Deixamos nossos pertences, fomos revistados pelo detector de metais. O agente penitenciário que iria acompanhar os integrantes da assistência já estava a postos.*

*Entramos na região da carceragem, a assistência foi iniciada na cela cinco. Quando os detentos viram os membros da pastoral começaram a se aproximar e a cumprimentá-los. Antes que começasse a leitura o procedimento foi interrompido para a entrada de um novo detento. Este era arrastado pelo agente penitenciário. Esperamos até que ele fosse levado a cela um.*

*Em meio a esse tempo Dona Augusta pedia para que os demais presos se aproximassem. Acredito que metade dos que ali estavam se aproximaram. Dona Augusta carregava a Bíblia, é ela quem escolhe a passagem a ser lida. Ela passou a Bíblia a Seu José já com a passagem marcada. A leitura foi:*

*Os verdadeiros discípulos*

*Nem todos os que dizem ‘Senhor, Senhor’, entrarão no reino dos céus; Mas sim os que fazem a vontade do meu Pai que estais nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Não expulsamos demônios em teu nome? Não fizemos numerosos*

*milagres em teu nome? Então lhes declarei: 'Nunca vos conheci! Afastai-vos de mim vós que praticai a iniquidade!' Assim, todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática será semelhante a um homem ajuizado, que constrói sua casa sobre a rocha. Cai a chuva, correm as enxurradas, sopram os ventos que se lançam contra essa casa. Mas ela não desaba, porque está construída sobre a rocha. Mas todo aquele que escuta as minhas palavras e não as põe em prática será semelhante a um tolo, que constrói a sua casa sobre a areia. Cai a chuva, correm as enxurradas, sopram os ventos que se lançam sobre essa casa e ela desaba: é uma destruição total.*

*Seu José e Dona Augusta fizeram a palavra. Seu José falou sobre os homens de fé. Segundo ele, Deus sabe de cada um de nós, conhece nossos pensamentos, nossas intenções, sabe em que momento erramos e porque erramos. Conforme ele, não é por meio das palavras que Deus nos conhece, mas sim por meio de nossas intenções. "Vocês pecaram? Pecaram. Erraram? Erraram. E por isso estão aqui hoje, nesse momento. Pagando pelo erro de vocês. Mas Deus sabe o que vai no coração de cada um de nós. Sabe dos nossos arrependimento, das nossas dores, das nossas intenções. Precisamos estar com Deus sim, mas estar com ele de coração. Não é falar simplesmente, 'ah, eu rezo, eu oro, se não tem verdade na oração. Quantos aí pegam a Bíblia, põe em baixo do braço e sai pregando sem sequer saber a palavra do Pai, sem se quer saber sobre o Pai. Isso é uma falta de respeito. De que adiante nós aqui sairmos de nossas casas e virmos aqui pregar a palavra do Pai se não acreditamos nela, de que adianta vocês virem até nós para ouvir se não acreditam. Ah, adianta porque vou mostrar para fulano, para cicrano que sou religioso, que confio em Deus. Não adianta em nada, porque quem sabe e quem deve saber de nós e só Ele. Se alguém um dia voltar para você e dizer, você é pecador, não, vocês sabem que não são porque pecador é aquele que age de má fé. Vocês estão aqui porque um dia agiram de má fé, contra as leis de Deus e as regras dos homens, mas estão pagando, estão arrependidos e isso basta, porque para Deus a intenção tem muito valor." Dona Augusta continuou: "Não é porque falo em nome de Deus que sou uma pessoa digna. Muitos falam em nome de Deus para encobrir suas falhas, seus erros. E não é porque não falo de Deus que sou uma pessoa afastada dele. Na passagem a gente vê que as aparências enganam. Tentamos ser algo que não somos, tentamos passar por algo que não somos. Tentamos tirar proveito da fé. E a gente sabe que não é assim, porque agora a gente está aqui sob os olhos dos homens, sob a justiça dos homens, mas a gente sabe que estamos acima de tudo sob os olhos de Deus, e que um dia estaremos diante dele."*

*Ao final da pregação foi feita a oração, alguns dos detentos que não estavam de pé próximos a grade também rezaram a Ave Maria. Finalizada a assistência Dona Augusta chamou pelo nome de um detento. O detento procurado estava participando da assistência e rapidamente se aproximou de Dona Augusta. Ela trazia um recado verbal de sua tia, esta disse estar providenciando um advogado para ele. Ele consentiu com a cabeça e falou para Dona Augusta pedir a ela que não deixasse seu pai ir visitá-lo. Ele não queria vê-lo ali dentro, nem queria que o mesmo o visse naquela situação, o detento demonstrou tristeza e abatimento em seu rosto ao dizer essas palavras. Dona Augusta procurou consolá-lo, desejou-lhe força, disse que era para ele se pegar com Deus e que se precisasse de qualquer coisa poderia falar com ela. Os demais integrantes da pastoral já estavam afastados da grade a espera de Dona Augusta, após terminar a conversa, esta se juntou aos colegas e todos foram em direção a cela feminina.*

*A cela feminina estava cheia, as detentas conversavam muito. Em todas as vezes em que acompanhei a assistência, pude verificar na cela feminina demonstrações de carinho e afetuosidade mútua. As detentas estão sempre conversando, sempre há alguma presa dando apoio a outra, elas se dão as mãos, os braços, carinham o rosto uma das outras.*

*Dona Augusta chamou por elas, as que estavam próximas da grade se levantaram, duas delas se dependuraram nas grades como se estivessem esperando alguém iniciar a conversa. Dona Fernanda perguntou como elas estavam, chamou pela detenta grávida e perguntou como estava a gestação, perguntou qual médico a atendia, a detenta lhe respondia com a cabeça baixa e muito amuada. Dona Fernanda disse-lhe que iria trazer a ela a oração do bom parto, para que ela fosse rezando desde então para ter uma boa hora. A detenta balançou a cabeça e deu um leve sorriso como se dissesse obrigada.*

*Dona Fernanda iniciou a leitura, leu com sorriso no rosto, as vezes dava algumas pausas para certificar-se da palavra lida e logo prosseguia. Finalizada a leitura ela passou a palavra a Dona Augusta e disse que a completaria. Após a fala de Dona Augusta, Dona Fernanda fez algumas ponderações, repetiu algumas coisas já ditas por Dona Augusta e por Seu José e falou sobre o sentimento de Deus. Disse que para rezarmos, para falarmos em nome de Deus é preciso antes sentir Deus. Segundo ela não é preciso muito para sentir Deus, pois ele está em tudo, está nos homens, está nas pequenas coisas e acima de tudo, está em nós. Ao terminar olhou para Dona Augusta sorrindo, agora vamos rezar*

*sentindo Deus falar em nossos corações. E prosseguiu: “Vamos dar as mãos e pedir a Deus para olhar por nós, vamos dar as mãos e pedir a mãe de Deus.” Foi rezada uma Ave Maria e um Pai Nosso. Ao final as detentas agradeceram os membros da pastoral, estes diziam para que ficassem com Deus e se dirigiram para a cela três. Seu José, frente a cela feminina permaneceu quieto, não disse muitas palavras. Em contrapartida, as mulheres da pastoral sempre se mostram mais solícitas.*

*Na cela três estava novamente o detento que se dependura nas grades. Ele segurava a Bíblia e já tinha aberto o livro na passagem do dia. E isso porque enquanto os membros da pastoral realizavam a assistência na cela ao lado ele prestava atenção. Dona Augusta perguntou como eles estavam e com semblantes tristes eles respondiam que estavam bem. O detento que segurava a Bíblia respondeu balançando-a em direção aos integrantes da pastoral: “A gente lê a Bíblia, reza, pede a Deus e ele conforta”. Dona Fernanda fez a leitura e passou a palavra para Dona Augusta e Seu José. Cerca de oito homens, um pouco menos da metade dos presos que ali estavam se aproximaram para ouvir. Prestavam atenção, alguns deles fechavam os olhos, outros abaixavam as cabeças, enquanto outros voltavam olhos e cabeças para o céu. Ao final da assistência cada um a seu modo rezou a oração Ave Maria.*

*Após a assistência na cela três nos dirigimos para a região interna da carceragem para que a assistência se seguisse nas celas um e dois. Passamos pela cela dois, os detentos que estavam próximos as grades cumprimentaram-nos, alguns deles diziam os nomes dos membros da pastoral. Na cela um, o detento que sempre conversa com os integrantes da pastoral logo puxou papo com Seu José. Do meio da cela gritava: “Ah! E o meu mengão hein Seu Zé. Ah, e o quê que eu tinha falado para o senhor hein!” E assim eles, Seu José e o detento começaram a falar sobre futebol. O detento queria saber mais notícias sobre o seu time e sobre o campeonato. Mas não queria saber das notícias veiculadas pela mídia, pois em relação a estas eles tem acesso o tempo todo; em cada cela há um aparelho de televisão que parece ficar grande parte do tempo ligado. O detento dizia: “E aí, o quê que vocês têm falado ai fora.”*

*Dona Augusta apressou a conversa, começou a pedir aos presos que se aproximassem para a assistência. Alguns já estavam próximos, outros começaram a se aproximar. Como anteriormente Dona Fernanda fez a leitura, Dona Augusta e Seu José seguiram com a*

*palavra. Um terço dos detentos, dezesseis homens, se aproximaram para a assistência. Ao final, e como sempre, sem que os membros da pastoral pedissem, os presos se deram as mãos e rezaram a Ave Maria.*

*Quando nos posicionamos frente as grades da cela dois, muitos detentos já estava a postos para a assistência. Seu José aproveitando o clima de antes, fez algumas brincadeiras a respeito de futebol com alguns deles. Dona Augusta como de costume chamou pelos demais detentos que gostariam de participar da assistência e assim alguns outros se posicionaram frente as grades. A maioria dos detentos que estavam na cela se aproximaram, somava-se mais de vinte homens. O grupo de detentos que nas vezes anteriores pouco respeitou o momento da assistência teve a mesma postura, continuaram a falar alto como se nada estivesse acontecendo.*

*A assistência ocorreu como nas vezes anteriores, os detentos prestaram atenção, mantinham os olhos voltados aos membros da pastoral, com a cabeça e com expressões faciais eles dialogavam com a palavra lida e falada. E assim era possível perceber que as vezes eles se identificavam com algum ponto colocado, alguma ferida as vezes se abria, outras vezes se fechava. Após a passagem pela cela dois a assistência do dia foi finalizada.*

*Barbacena, quinta-feira, 15 de julho de 2010.*

*Quando cheguei ao presídio lá estavam algumas mulheres a espera para entrarem para a entrega das sacolas com os alimentos. Permaneci próxima de três delas. Na medida em que iam conversando, deixavam explícito o grau de proximidade com os presos. Uma era tia, outra esposa, esta carregava nos braços seu filho e a terceira era sua mãe. A esposa contava que seu marido estava ali a pouco tempo, disse que ele havia cometido um assassinato, contava que o assassinato fora até divulgado na rádio. Dizia que seu marido estava enfurecido com o homem e que em um momento de raiva ele não conseguiu se controlar e o matou. Ela tentava falar do assassinato com muita naturalidade e dizia que isso era algo que poderia acontecer com todo mundo que passasse por um momento de raiva. Disse que também tinha uma conhecida ali dentro, ela havia sido presa por tráfico, tinha sido contratada para trabalhar como “avião”, termo usado para identificar as pessoas que carregam drogas de um lugar a outro. A esposa disse que essa sua conhecida precisava de dinheiro e que essa maneira foi uma alternativa encontrada. A tia do detento prosseguia a conversa, disse que ela não queria estar ali, mas imaginou que se fosse a situação contrária, ela ficaria muito triste se ali estivesse e ninguém fosse visitá-la. E se referindo a esposa disse: “A gente nunca sabe o dia de amanhã.”*

*Após alguns minutos Dona Augusta e Dona Amélia chegaram. Dona Amélia é uma senhora muito ativa, possui cabelos curtos e grisalhos, peso e estatura mediana, pele clara e olhos escuros. Dona Augusta me cumprimentou e me apresentou a Dona Amélia. Ela gostou muito do fato de conhecer alguém que estuda o trabalho que ela realiza. Após a breve apresentação, Dona Amélia continuou a conversa com Dona Augusta, ela falava sobre questões políticas da cidade. Conforme pude perceber, Dona Amélia acompanha as reuniões da Câmara Municipal e estava muito insatisfeita com a forma com que algumas questões estavam sendo conduzidas. Passado alguns minutos Dona Celinha chegou apressada. Dona Augusta bateu no portão para avisar que a pastoral já havia chegado, entregamos nossas identidades e entramos. Os agentes penitenciários pediram para que retirássemos objetos tais como brincos e prendedores de cabelo. Rapidamente um dos agentes penitenciários nos conduziu pelo corredor que dá acesso a carceragem sem que o detector de metais fosse passado em cada uma de nós.*

*O presídio estava em grande movimentação devidos as obras. Assim que chegamos na grade que dá acesso a região da carceragem tivemos que aguardar por alguns instantes a passagem de um material que estava sendo retirado. A pastoral iniciou a assistência na cela cinco. Os presos estavam em grande agitação, conversavam em alto volume. Assim que viram as integrantes da Pastoral Carcerária começaram a se levantar e se posicionar frente as grades. As mulheres da pastoral cumprimentavam um a um e perguntavam como estavam. Alguns respondiam que estavam bem, outros balançavam a cabeça em sinal positivo. E então a assistência se iniciou com a oração Ava Maria. Todos os presos que estavam ali diante da das grades rezaram, assim como alguns que estavam distantes realizando outras tarefas. Dona Amélia fez a leitura com voz pausada e entoada. A passagem lida foi:*

#### *Exortação a perseverança*

*Relembrai o que aconteceu nos primeiros dias, em que a luz de Deus brilhou sobre vós: passastes por duros sofrimentos. De um lado, fostes expostos a calúnias e a vexames públicos; do outro, fostes solidários com outros que eram tratados do mesmo modo. Mas tivestes compaixão dos prisioneiros e aceitastes com alegria ser despojado de vossos bens, sabendo que vós mesmos possuíis riqueza maior e duradoura. Portanto, não percais vossa coragem, que traz consigo uma grande recompensa. Tendes também necessidade de perseverança, para poderdes fazer a vontade de Deus e receber o bem que ele promete. Por que, ainda um pouco mais de tempo, sim, um pouco, aquele que tem de vir, virá sem tardança. O justo viverá pela fé, mas se voltar atrás, não contará com a minha estima.*

*Dona Augusta disse aos presos que no dia de hoje a assistência seria diferente, seriam eles que iriam falar sobre a palavra. Os presos continuaram olhando para as mulheres da pastoral como se estivessem esperando que as mesmas comesçassem a falar. Um deles então prontificou e perguntou se poderia começar por ele. Dona Augusta disse que sim e então o detento começou a falar sobre suas dificuldades e a presença de Deus em sua vida. “Só a gente que está aqui sabe o quanto é difícil. A gente passa por muito sofrimento e por muita angústia. Só a gente e só Deus sabe. Vocês também, é claro que vocês não passam o que a gente passa aqui dentro, mas vocês compreendem a gente. A gente sofre muito, pensa muito na família. Eu sempre me pergunto, meu Deus, a que ponto eu cheguei. Como eu fui tão imbecil a ponto de vim parar aqui dentro. Eu penso muito na minha família, aí eu peço a Deus. Eu sei que ele está olhando por eles, mas eu peço a Deus para me dar paciência e*

força e ele me dá. Ele me dá, porque eu sinto, eu creio.” E aumentando o tom de voz ele finalizou: “Feliz é aquele que crê.”

Após a fala do presidiário, Dona Celinha perguntou se alguém mais gostaria de falar e um dos presos disse que gostaria de cantar, ele pediu permissão as integrantes da pastoral, dada a permissão ele iniciou a canção “Tudo é do pai” de Frederico Cruz, sendo acompanhado pelo preso que deu o seu depoimento juntamente com outros dois colegas de cela que participavam da assistência.

*Eu pensei que podia viver, por mim mesmo  
Eu pensei que as coisas do mundo  
Não iriam me derrubar  
O orgulho tomou conta do meu ser  
E o pecado devastou o meu viver*

*Fui embora, disse: ó pai, dá-me o que é meu!  
Dá-me a parte que me cabe na herança  
Fui pro mundo  
Gastei tudo  
Me restou só o pecado  
Hoje eu sei que nada é meu  
Tudo é do pai*

*Tudo é do pai  
Toda honra e toda glória  
É dele a vitória  
Alcançada em minha vida  
Tudo é do pai  
Se sou fraco e pecador  
Bem mais forte é o meu senhor  
Que me cura por amor*

Os quatro presidiários cantavam de forma muito intensa, estavam todos de olhos fechados, batiam palmas acompanhando o ritmo da música. Os demais acompanhavam com as palmas, assim como as integrantes da pastoral. Exceto Dona Celinha que cantava junto com os presos, Dona Amélia acompanhava com palmas e Dona Augusta permaneceu quieta e calada, prestava atenção nos detentos.

Após o final da canção Dona Celinha fez a palavra. Iniciou dizendo que os presos tinham compreendido perfeitamente o sentido da palavra do dia: a perseverança, a coragem. “Não percais vossa coragem, que traz consigo uma grande recompensa. Vocês passam por

*duros sofrimentos. Vocês passam por humilhações públicas, as vezes são vítimas de calúnias. Mas a gente precisa compreender que as riquezas do mundo não estão no nosso orgulho, nos nossos bens materiais. A riqueza que nós temos é essa que está dentro de nós. É o amor de Deus que habita em nós. E é por isso que a gente tem que se erguer. Olha que coisa bonita que foi essa canção hoje que vocês cantaram. Isso é o amor de Deus que habita em nós, é nossa fé. E é por isso que a gente precisa se reerguer, ter coragem, para sermos melhores, precisamos nos reerguer por nossas famílias. O abatimento vem, o sofrimento, a dor, mas será que não é nessa hora que Deus está falando com a gente. Quando a gente se sentir fraco, a gente não pode se entregar, a gente deve chamar a Deus, conversar com ele, colocar os nossos problemas, as nossas angústias, e ter paciência, porque a recompensa de todo mundo vai chegar, seja agora, seja mais para frente, não importa, mas ela vai chegar.”*

*Ao final das palavras de Dona Celinha, Dona Augusta pediu para que todos rezassem o Pai Nosso para encerramento da assistência. Os presidiários agradeciam e as mulheres da pastoral se despediam.*

*A segunda cela a ser visitada foi a cela feminina. Foi rezada a Ave Maria e em seguida Dona Amélia fez a leitura da passagem, seguidamente pediu as presas que falassem sobre a passagem lida.*

*Assim como na cela anterior apenas uma presa quis fazer a palavra. Ela falou sobre a importância de Deus em sua vida. Conforme suas palavras é Deus que a faz perseverar dia a dia. “Não é fácil não, eu falo com elas aqui, a gente tem que viver dia após dia, o dia que passa a gente esquece e pensa no dia de amanhã e mais amanhã, até chegar o nosso dia de sair. E se pegar com Deus, mas não é só para pedir não, para agradecer também, agradecer faz bem.” Dona Celinha interrompeu a detenta: “É isso mesmo a gente tem que agradecer que está com saúde, que podemos andar.” A detenta balançou a cabeça e continuou: “Eu agradeço que estou com saúde. Porque oh, nesse tempo que eu estou aqui três presas foram parar no hospital, uma fraca por que não comia, outra até com pneumonia.” Dona Celinha continuou: “A gente tem que agradecer que está forte.” A detenta continuou a dizer: “Eu, quando eu acordo, eu peço. Peço força para mais um dia. E a noite, antes de deitar eu rezo e agradeço por tudo o que eu recebi durante o dia.”*

*Após a fala da presa e antes de iniciar a pregação as mulheres da pastoral conversaram brevemente com as detentas próximas a grade, perguntaram se tinha alguma presa nova, se alguma tinha saído. Apenas uma presa grávida havia sido transferida. Dona Celinha fez o mesmo discurso como na cela anterior, foi um pouco mais breve a pedido de Dona Augusta uma vez que a pastoral possui até às 18:00hs para realizar a assistência.*

*Prosseguiram para a cela três, os detentos já estavam próximos das grades aguardando os membros da pastoral se posicionarem. Um pouco menos de vinte presos dividiam o espaço da cela e um pouco menos da metade deles se aproximou para a assistência. Os presos já familiares estavam na mesma posição que costumam ficar, o mais jovem dependurado na grade ao lado esquerdo, o senhor de pé ao lado direito e o detento que possui um modo um tanto estranho estava no meio da cela. Este levantou-se, andou brevemente entre a cela e posteriormente se posicionou da mesma forma, afastado das grades e atento a assistência, sem contudo, interagir com qualquer membro da pastoral ou colega de cela, permaneceu intacto ao longo de toda a assistência.*

*O senhor que sempre aguarda a pastoral localizado no lado direito da cela se prontificou a falar. “Eu senti que é isso mesmo, que a gente tem que confiar em Deus. A gente tem que pedir para ele olhar pela gente, para olhar pela família da gente que está aí fora sofrendo porque a gente está aqui dentro. Ficar aqui dentro é difícil, mas o mais difícil é pensar na família da gente que está sofrendo por culpa nossa. E não é só pedir a benção de Deus e pronto, conversar com ele faz bem. Eu converso muito com ele, assim oh, mentalmente, é bom porque a gente sente um alívio, uma paz.” Dona Augusta perguntou se eles rezavam juntos durante o dia e o detento respondeu: “Tinha um companheiro nosso que antes de sair, ele rezava com a gente todo dia. Era bom, eu passei a me atentar mais com Deus, mas ele saiu e ninguém mais quis rezar assim em grupo, mas a gente reza assim, cada um no seu canto.” E Dona Augusta perguntou novamente: Mas vocês sentem falta se rezar em grupo. Eles se olharam e concordaram que não, preferem assim, cada um a seu modo e no seu canto.*

*Dona Augusta pediu para que Dona Celinha fizesse a palavra, esta fez como na vez anterior. Ao final foi rezado o Pai Nosso.*

*A assistência prosseguiu na cela um, Dona Amélia fez a leitura e em seguida as mulheres pediram para que os detentos falassem, dessem sua interpretação, o seu depoimento. O preso que de costume sempre conversa com os membros da pastoral rapidamente se prontificou a falar. “Deus é muito importante em nossas vidas, assim como o trabalho de vocês. A gente queria agradecer o trabalho de vocês, vocês saem de suas casas, deixam os afazeres de vocês ai fora, para virem aqui. Isso é muito importante para gente, a confiança que vocês depositam na gente. A gente se sente melhor, porque vocês trazem a palavra de Deus para a gente, mas também porque vocês vêm aqui dentro. Isso dá esperança, saber que tem gente ai fora, além da família de gente, que confia na gente. Vocês sabem do que a gente passa aqui dentro, vocês vêem, é por isso que vocês acreditam na gente, porque vocês sabem que não é fácil. A gente queria bater palmas para Deus e para vocês. Assim os detentos deram uma salva de palmas, as integrantes da pastoral acompanharam os detentos com as palmas.*

*A medida que o detento ia falando as mulheres da pastoral iam agradecendo ou balançando a cabeça em sinal positivo ou com palavras de obrigada ditas em voz baixa. Dona Augusta perguntou se mais alguém gostaria de falar, nenhum deles se prontificou e então Dona Augusta pediu para que Dona Celinha fizesse a palavra. Ao final da palavra Dona Celinha agradeceu aos presos o carinho e disse que para elas estar ali é também muito importante. A oração Pai Nosso foi rezada, os presos fizeram como de costume, se deram as mão e com muita entrega fizeram a prece final.*

*Em seguida as integrantes da pastoral se encaminharam para a cela dois, havia uma grande movimentação na cela, muitos presos em pé já se encaminhavam para a frente das grades. Após os cumprimentos e alguns instantes de conversa Dona Augusta pediu para que todos se posicionassem para que a assistência pudesse ser iniciada.*

*A Ave Maria foi rezada, Dona Amélia fez a leitura e em seguida pediu para os presos realizarem a palavra. Os presos ficaram acanhados, a maioria abaixava a cabeça como se quisesse falar alguma coisa, mas nada saia. Dona Augusta chamou alguns por seus nomes e pedia para que falassem, mas empurravam a palavra para que outro companheiro de cela fizesse. As mulheres da pastoral insistiam, Dona Augusta falou a eles “É simples, é só para dizer como essas palavras tocaram o coração de vocês, o que vocês pensaram e sentiram quando a Amélia estava lendo a passagem para a gente.”*

*Nenhum deles falou, embora alguns mostrassem interesse, em seus gestos deixavam transparecer que sentiam vergonha. Dona Celinha então iniciou a palavra, falou as mesmas questões colocadas anteriormente e insistiu ainda mais na questão da perseverança. Falou aos detentos que eles não precisam temer, pois Deus estaria sempre com eles, que era necessário ter coragem, era necessário pedir a Deus coragem, para prosseguir no caminho das provas.*

*Os presos ouviram com atenção, alguns olhavam para Dona Celinha, outros mantinham a cabeça baixa, outros olhavam ao longe, semblantes de entrega ao momento de fé e também semblantes tristes, de pesar. Os presos que ali estavam demonstraram certo abatimento e desânimo e Dona Celina, ao final de sua palavra disse a eles, vamos lá, vocês precisam ter ânimo, coragem, Deus no coração. Dona Augusta, assim como nas celas anteriores pediu que todos rezassem o Pai Nosso.*

*Assistência finalizada nos encaminhamos para a região exterior a carceragem, pegamos nossas carteiras de identidade, nossas bolsas, as integrantes da pastoral se despediram, confirmaram a próxima data em que deveriam estar presentes e cada uma seguiu para a sua rotina.*

*Barbacena, quinta-feira, 19 de agosto de 2010.*

*No portão que dá acesso a região da carceragem Dona Augusta e Seu José esperavam Dona Fernanda para que pudessem entrar para a assistência. Como a entrada dos membros da pastoral estava sendo sempre atrasada, nesse dia resolvi chegar às 16:00hs, pois ainda pegaria uma movimentação dos familiares dos presos no portão do presídio. Mas justamente nesse dia tudo estava ocorrendo pontualmente. Dona Augusta e Seu José conversavam sobre questões de higiene do presídio. O Estado interrompeu o fornecimento dos produtos de higiene pessoal e os presos estavam solicitando os produtos aos membros da pastoral. Dona Augusta falava sobre a responsabilidade do Estado sobre essa questão, dizia ainda que a Pastoral Carcerária quase nunca pode ajudar os presos com recursos financeiros.*

*Em meio a esse tempo Dona Fernanda já havia chegado, Dona Augusta recolheu nossas identidades e bateu no portão para que pudéssemos entrar. Um agente penitenciário abriu, recolheu nossos documentos e após a verificação entramos. As bolsas foram guardadas, brincos e demais objetos de metais retirados. Uma agente penitenciária passou o detector de metais nas mulheres, em seguida o detector foi passado a um agente penitenciário para que ele pudesse ser passado em Seu José. Finalizado o procedimento entramos para a região da carceragem.*

*Como de costume a assistência foi iniciada na cela cinco. Ao verem os membros da pastoral chegando os presos começaram a se levantar e a se posicionarem em frente as grades. Alguns eram mais demorados, se colocavam de pé, mas continuavam conversando com algum colega. Dona Augusta os apressava. Após chamar pelos presos ela pediu a eles que não se demorassem muito para se aproximarem, pois isso tomaria um tempo que poderia estar sendo aproveitado na assistência a outras celas. Disse que eles já sabiam que naquele dia da semana e naquela hora era realizada a assistência e sendo assim eles deveriam se preparar para ela. Havia em torno de quatorze homens de pé para a realização do momento de oração. Dona Augusta pediu para que todos rezassem uma Ave Maria.*

*Dona Fernanda fez a leitura da palavra, vagarosamente lia, em alguns momentos parava e olhava para os detentos, a cada pausa dada olhava para um deles. Em alguns momentos aumentava o tom de voz, em outros sua voz era mais amena. A passagem lida foi:*

*Bem-aventuranças e maldições*

*Ele olhou para os seus discípulos e disse: “Felizes vós, que sois pobres, porque o reino do Deus vos pertence! Felizes vós, que agora estais com fome, porque sereis saciados! Felizes vós, que agora chorais, porque haveis de rir! Felizes sereis quando os homens vos odiarem, quando vos condenarem à expulsão, vos insultarem e vos declarem infames por causa do Filho do homem. Alegrai-vos muito nesse dia e exultai, porque a vossa recompensa será grande no céu. De fato, foi assim que seus pais trataram os profetas. Mas, ai de vós, que sois ricos, porque já tendes o vosso consolo! Ai de vós, que agora estais fartos, porque haveis de estar com fome! Ai de vós, que agora rides, porque provareis o luto e as lágrimas! Ai de vós, quando todos falarem bem a vosso respeito! De fato, foi assim que seus pais trataram os falsos profetas.*

*Finalizada a leitura a palavra foi passada a Seu José, este falou sobre a justiça de Deus. “Felizes são os homens que agem de boa fé, de coração, felizes são os homens verdadeiros, pois estes sempre estarão bem sob os olhos de Deus. A justiça de Deus nunca falhará. A gente sabe que a justiça dos homens é falha, que pune os pobres e não funciona para os ricos. A gente sabe que tem muita gente aqui fora vivendo tranquilamente, que cometeu erros muito mais graves, mas que jamais será preso, agente sabe disso. A gente como ser humano fica revoltado com isso. Isso é revoltante mesmo, mas a gente deve pensar que a justiça de Deus é superior e jamais falha. Se vocês estão presos é porque erraram e a prisão é uma forma de pagar pelo erro cometido, mas isso tudo um dia vai acabar. E vocês terão uma nova chance. Se um irmão cometeu um erro e está impune, isso não nos deve afetar, porque ele mais cedo ou mais tarde será submetido a Lei de Deus. A gente deve sim é fazer a nossa parte, agir conforme os preceitos de Deus, porque seremos recompensados.”*

*Dona Augusta também fez algumas ponderações: “Confia na justiça de Deus e vocês serão atendidos, confia. A gente não pode revoltar com as situações da vida, Deus sabe o que faz. Se vocês estão aqui, é porque vocês precisam cumprir esse propósito. Nada na nossa vida é em vão, confia, pede a Deus, tudo passa.”*

*Dona Augusta pediu para todos rezarem o Pai Nosso para encerrar a assistência. Os detentos ergueram as mãos, a maioria fechou os olhos, alguns abaixaram a cabeça, ao passo que outros a levantaram e a oração foi realizada.*

*A assistência prosseguiu para a cela feminina. Seu José ficou um pouco recuado ao lado da grade, enquanto Dona Augusta e Dona Fernanda permaneciam bem próximas das detentas. Elas conversaram rapidamente com as presas que estavam grávidas, perguntaram se estavam fazendo o acompanhamento e se os bebês estavam bem. Uma delas balançava a cabeça em sinal positivo como dizendo que tudo estava bem, a outra possuía um olhar mais triste, estava chorosa e angustiada. Dona Augusta pediu para que ela falasse o que ela estava sentindo. A detenta balançava a cabeça em sinal negativo, não queria falar e em seguida começou a chorar. As colegas de cela e os membros da pastoral pediam para que ela se acalmasse e então a presa começou a se conter. A detenta que sempre conversa com os membros da pastoral saía do banho e rapidamente se deu conta de tudo o que estava acontecendo, e então se aproximou da colega para consolá-la. Assim que a presa ficou um pouco mais calma Dona Augusta pediu para que todos iniciassem a oração Ave Maria. Havia cerca de onze presas de pé em frente as grades. As presas se deram as mãos para o momento da oração, algumas olhavam para cima para avistar o céu, outras fechavam os olhos e franziam a testa.*

*Após a oração inicial Dona Fernanda realizou a leitura, lia pausadamente e em alguns momentos parava, olhava para as presas e a elas sorria. Seu José seguiu com a palavra. Dona Augusta também falou, falou para as presas pedirem a Deus sabedoria, paciência e tranqüilidade. Disse que como irmãs, filhas de Deus, elas precisam se apoiar e sugeriu que as detentas separassem uma hora do dia para rezarem juntas, disse que elas deveriam criar um momento de leitura e estudo da Bíblia, conforme a coordenadora isso traria tranqüilidade a elas.*

*Ao final da assistência foi rezado o Pai Nosso, a presa que a pouco havia chorado já estava melhor. Os integrantes da pastoral e as presas se despediram.*

*Os integrantes da pastoral se encaminharam para a cela três, um dos presos rapidamente já foi perguntando a Dona Augusta se ela tinha conseguido trazer os sabonetes que eles estavam precisando. Dona Augusta disse que havia passado a questão da ausência de material de higiene pessoal a secretaria de direitos humanos e que eles não ficariam desamparados quanto a isso. Nesse momento Dona Augusta se virou ao agente penitenciário e avisou a ele que o aviso a secretaria dos direitos humanos já fora repassado a administração do presídio. A coordenadora disse que a pastoral não tem recursos para poder*

*levar aos presos esse material. O preso insistiu, pediu a Dona Augusta para que a pastoral tentasse recolher doações até que o problema fosse solucionado. Disse: “Na hora do banho um sabonete faz falta, a água dá uma ajudada, mas não resolve muito, ainda mais aqui dentro, a senhora sabe como é.”*

*Dona Augusta disse que iria ver as possibilidades e pediu aos presos que se acalmassem para a realização da assistência. Pediu que dessem início a oração Ave Maria. Lá estavam os presos de sempre, o jovem detento que sempre se coloca ao lado esquerdo das grades segurava a Bíblia, ele pediu a Dona Fernanda, que estava mais próxima dele, que localizasse a passagem para ele. Seguindo o mesmo procedimento do dia a assistência ocorreu.*

*A assistência continuou na cela um, Seu José foi o primeiro a se aproximar e parece que como de costume, ele e alguns presos começaram a conversar sobre futebol. Os detentos começaram a se aproximar, o preso que sempre conversa com os membros Pastoral Carcerária cumprimentou Dona Augusta e Seu José por seus nomes, cumprimentou a mim e a Dona Fernanda. Ele dizia: “Como vão? Tudo bem? E a família como anda? E aí, o que vocês trouxeram para a gente hoje? Vocês sabem que sempre tem um dia que vocês estão falando para alguém de nós. Poxa, as vezes vocês estão falando e eu penso, oh, essa agora foi para mim. Outro dia eu tava aqui conversando com o João, o João tava ruim né João, para baixo mesmo. Aí ele me disse, essa de hoje foi para mim viu. Não foi João?” João meio cabisbaixo respondeu: “Foi sim, foi sim.”*

*Seu José se prontificou a respondê-lo: “É a gente sabe que o trabalho da gente não é em vão, a gente sabe disso. E quando vocês falam assim para a gente, é melhor ainda, é aí que a gente se sente mais confiante.”*

*Dona Augusta balançava a cabeça concordando com Seu José e em seguida pediu para que os demais detentos se aproximassem para a assistência. Cerca de quinze presos se aproximaram e rodearam as grades. Dona Augusta pediu para que todos rezassem a Ave Maria para dar início ao momento, os detentos se deram as mãos e rezaram. Dona Fernanda fez a leitura e Seu José prosseguiu com a palavra. Ao final da leitura e das palavras os detentos se deram as mãos novamente para a oração Pai Nosso, solicitada novamente por Dona Augusta. Finalizado o momento os presos e membros da pastoral se despediram.*

*A assistência se encaminhou para a cela dois, como de costume a cela dois é sempre a que possui mais barulho e movimentação, embora nesse dia ela estivesse mais tranqüila uma vez que os presos que sempre fazem barulho estavam menos agitados, a televisão estava ligada em alto volume. Dona Augusta falou com os presos que estavam próximos da grade para chamarem os demais que teriam interesse em participar da assistência, pediu também que eles abajassem o volume do aparelho de televisão. Um pouco mais de dez presos se posicionaram de pé em frente as grades. Mais alguns deles participavam da assistência de longe, um estava sentado em sua cama bem ao alto da cela, outro estava em um canto sentado em um colchão. Os dois prestaram atenção e rezaram a Ave Maria e o Pai Nosso.*

*Como nas vezes anteriores Dona Fernanda fez a leitura da passagem e Seu José fez a palavra. Os detentos, em sua grande maioria jovens, prestavam bastante atenção. A grande maioria olhava fixamente para Dona Fernanda, quando esta fez a leitura, e Seu José, quando ele realizou a palavra. Ao final da assistência os membros da Pastoral Carcerária se despediram dos jovens presos com carinho. Dona Augusta disse: “Gente, reza, pede a Deus paciência. Quem sabe vocês não combinam uma hora do dia para rezar em grupo? Se não quiserem, se não der certo, reza em silêncio, no pensamento, o que importa é a gente manter o diálogo com Deus. E assim a assistência do dia foi finalizada.*

*No início da assistência a cela dois, quando os membros da pastoral já estavam todos de frente para as grades, o agente penitenciário se afastou para trocar alguma informação com outro agente que o chamava nas grades que dão acesso ao corredor das celas um e dois. Nesse meio tempo, um dos presos da cela um chamou por Seu José, para que ele levasse um recado a sua mãe. O preso estendeu a mão a Seu José e este lhe cumprimentou, fato que gerou mal entendido. Assim que a assistência foi finalizada o agente penitenciário que nos acompanhava pediu para evitarmos qualquer espécie de contato corporal com os presos. Disse que um aperto de mão, pode gerar muitos problemas na prisão. Disse que objetos poderiam ser trocados de uma mão para outra e que o preso ao realizar um contato corporal com o membro da Pastoral Carcerária pode tentar machucá-lo fisicamente e assim causar sérios problemas. Os membros da pastoral ouviram com atenção, Seu José pediu desculpas, Dona Augusta também e o agente penitenciário, disse que só estava alertando-os para evitar qualquer espécie de problema. O agente penitenciário ainda disse: “Pode ser difícil imaginar que eles vão fazer uma coisa dessas, mas pode acontecer e por isso a gente deve evitar.”*

## ***1. Considerações acerca do trabalho de campo***

Como ponto a ser colocado, chamou atenção o respeito dos presidiários para com os membros da pastoral e principalmente pelas mulheres do grupo. Respeitam-nas não apenas pela fé que professam, mas também pelo trabalho que fazem. Em muitos momentos vi olhares de curiosidade voltados a elas, como se perguntassem: O que traz essas mulheres aqui? Por que elas se preocupam conosco e com nossas vidas? Em algumas vezes elas foram questionadas com frases do tipo: “O que a senhora está fazendo aqui, perdendo tempo com a gente?” “A senhora sai da sua casa e vem parar aqui pra quê? Se eu tivesse aí fora, não ia querer saber da gente aqui não.” São muitos os olhares de admiração e de contentamento ao vê-los chegar.

Embora não se queira em nenhum momento desta pesquisa questionar a veracidade ou não da adesão religiosa dos presidiários, foi inevitável que em alguns instantes questionamentos deste tipo passassem em minha mente. Tentei evitá-los o mais que pude, no entanto, como vi que em alguns momentos eles seriam inevitáveis, deixei fluir. Se há dúvida em tantas questões, algo é certo, o respeito dos presidiários para com os membros da Pastoral Carcerária. E respeito não somente por serem estes agentes religiosos, mas também por serem homens e mulheres que se preocupam com eles, que acreditam neles.

Esse respeito provém em grande medida pela admiração que sentem por esses homens e mulheres que saem de suas casas, de suas atividades rotineiras para estarem ali, levando palavras de acolhimentos a eles. Esse respeito provém também da forma como são tratados pelos membros da pastoral; de igual para igual. São vistos como homens pecadores sim, mas pecadores diante da justiça divina. No discurso dos membros da Pastoral Carcerária é possível perceber claramente a existência de duas justiças, a justiça dos homens e a justiça de Deus. Diante da justiça de Deus, todos nós, somos pecadores. Sendo assim, não há ninguém melhor ou pior, somos todos iguais perante os olhos de Deus e por isso o tratamento de igual para igual que estabelecem com os presidiários. É um respeito recíproco, uma vez que os membros da pastoral também o tratam de forma muito respeitosa.

Na entrevista realizada com um agente penitenciário, pude perceber que há no presídio dois enfoques sobre os presidiários, o da Pastoral Carcerária e os dos agentes penitenciários. Digo isso porque os presidiários vistos pelos membros da Pastoral Carcerária não são os mesmo presidiários vistos pelos agentes penitenciários. Durante a entrevista, essa questão torna-se explícita:

Agente Penitenciário: “É tudo bandido! Cuidado, é tudo bandido” “Você pode pensar assim, coitados, olha só como eles vivem. É claro que a gente vendo aquilo ali, sente isso mesmo. Mas se eles estão ali é porque alguma coisa de errado eles fizeram.” “Eles podem até rezar, pedir a Deus, mas podiam ter feito isso antes, não concorda? Assim, não entrariam para a bandidagem, deixariam de viciar um filho ou matar um pai de família, não acha?” Rezar agora? Se sentir culpado, agora? Também pudera, mata um homem e não vai nem se sentir culpado?”

Agente Penitenciário: “Você tem que tomar muito cuidado, ainda mais que é pequena e novinha. Já vi preso matar outro a facada, assim oh, na minha frente. Eles pegam o chuchu e chucham em você... O chuchu é arma branca, feita com arame que eles tiram das camas. Tem muita sujeira, jogo político entendi? As vezes o agente penitenciário é ligado a administração anterior do presídio e quer prejudicar a atual, ou então ele recebe uma grana por fora, do preso mesmo. Aí o que acontece? Ele deixa você aproximar muito da cela, não pede para você manter a distância mínima, as vezes vai até te fechando com jeito, entendi, te fazendo aproximar da cela e ai oh, já era, o preso te cata pelo braço e depois pelo pescoço, enfia o chuchu em você. Ai ele tem o poder, vai ameaçar, causar rebelião. É preciso ter maldade. Não chega lá dentro pensando que é tudo coitado, não. É tudo bandido.”

Em relação a visão do membro da Pastoral Carcerária, podemos ver os trechos a seguir:

Integrante da Pastoral – Dona Efigênia: “A gente fica muito triste, boba. É de cortar o coração. Você já entrou? Então vai se preparando porque o que a gente vê lá dentro não é para qualquer um não. Só menino novo. Nossa... é de cortar o coração. Aí você pergunta para eles, meu filho o que é que você fez para vim parar aqui. Tudo envolvido com droga. É claro que a gente sabe que tem bandido ai dentro, tem bandido perigoso, que matou, mas ainda assim, é difícil tá.”

Integrante da Pastoral – Seu Antônio: “Sabe o que é que tem aí dentro? Juventude desregrada, são os pais que não sabem educar os filhos, dá nisso. Juventude sem limite, desregrada, nas drogas. E a quantidade de jovem ai dentro, você viu, tudo menino da sua idade minha filha.”

Em entrevista realizada com a assistente social do presídio o respeito dos presos com os integrantes da pastoral também foi um ponto enfatizado.

Assistente social: “Eu vejo que os presos tem uma estima muito grande pela pastoral já teve algumas vezes em que a pastoral teve alguns problemas e por isso não veio, ai os presos logo querem saber porque eles não vieram, se aconteceu alguma coisa mais séria. Ai você tem que falar que não, que foi por causa da chuva, senão eles fazem um alvoroço só.”

Em outro momento ela diz: “Eles (integrantes do núcleo pastoral) tratam o preso de uma forma diferente, dão mais atenção, o agente penitenciário não vai ter essa atenção com o preso e eles nem podem ,coitados, senão como é que fica? Para a gente que está aqui todo dia não dá para estabelecer maiores relações com os presos, a nossa função aqui é outra, a função deles sim é essa. Entende?”

Essa situação tornou-se ainda mais clara em um episódio já narrado anteriormente no qual eu estava no corredor do presídio juntamente com os integrantes da pastoral, diante de nós passaram dois detentos carregados, cada um por um agente penitenciário. Em questão de instantes pude ver o modo tão diferente pelo qual os detentos foram tratados pelos agentes carcerários que os empurravam e os integrantes da pastoral que os cumprimentavam, e conseqüentemente o modo também distinto pelo qual os detentos interagem com os agentes carcerários e membros da pastoral, enfurecidos com os primeiros e abertos com os segundos. Não pretendo aqui entrar numa avaliação da conduta dos agentes penitenciários para com os detentos, quero apenas mostrar essa diferença de tratamento e como essa diferença de tratamento se reflete na conduta do presidiário.

Há também os detentos que não respeitam o momento que exige silêncio e continuam a falar em voz alta. Foi somente esse tipo de desrespeito que presenciei. Fato também confirmado pelos integrantes da pastoral e pelos agentes carcerários. Segundo me relataram, nunca ouve nenhuma espécie de ofensa ou atitude violenta em relação aos membros que realizam a assistência religiosa católica.

Confesso que também adquiri admiração por esses agentes religiosos. É fato que, alguns estão ali, e nem sequer sabem o que fazem ou o que deveriam fazer. Estão simplesmente porque tinham o compromisso de estarem ali, como qualquer outro compromisso que se tem e que se deve ir pelo simples fato rotineiro. Não há muito sentido e empenho em suas ações. E como o católico de criação que vai a missa aos domingos simplesmente porque é um hábito adquirido desde a infância e compartilhado por seus familiares desde então. E ali se vai, se está, se permanece, mas não de alma, só de corpo. Quando chegam e aos membros do grupo se juntam, falam sobre a novela, sobre o filho que está na escola, sobre alguém que perdeu o emprego, ou alguém que não quer mais trabalhar. Fazem um comentário ou outro sobre algum assunto do bairro ou da mídia e as vezes tecem seguidamente algum juízo de valor. Quando falam sobre algum assunto da igreja ou sobre a pastoral não é por iniciativa, mas porque algo lhe foi perguntado por algum companheiro da pastoral que ao lado se encontra.

Por outro lado têm-se os integrantes motivados. Falam sobre os presos, o mundo dos presos, o mundo da família dos presos. Como em sua maioria são mulheres, se colocam no papel das mães e das esposas dos detentos. Falam com muita sensibilidade sobre a dor dessas mulheres que ‘perdem’ seus filhos, seus maridos, que vêem suas famílias ainda mais desestruturadas, sem a renda necessária, com muitas contas a pagar e com filhos a criar. Impressionou-me a confiança e a atitude dessas mulheres que se adentram pelo presídio e lá dentro, sem receio algum de ali estarem, presas entre os presos, se posicionam firmemente frente as descrenças ali presentes.

Perguntados sobre a importância do núcleo pastoral nos presídios a assistência social e dois presos do regime semi-aberto disseram:

Preso 1: “A religião ajuda e muito, ai dentro só tem coisa ruim, a gente é tratado que nem bicho, tudo fede, imagina trinta homens trancados num espaço menor que daqui até o orelhão, você não tem paz direito pra ir no banheiro, pra tomar um banho, é humilhação o tempo todo. A vida é muito difícil, ai aparece uma oportunidade de melhorar de vida, você sabe que tem muita gente que faz coisa pior e oh, ai você vai e quando vê está ai oh. A religião ela te ajuda porque faz a gente pensar em outras coisas, faz a gente pensar melhor na vida, com mais esperança, mas quando a gente sai aqui fora, se você não arranja um trabalho, não tem força de Deus que ajuda não, porque Deus não enche a barriga de ninguém. Os meus irmãos me

apoiaram até que eu arranjassem uns bicos para fazer, mas se não é isso, oh, o cara não tem escolha, e aí volta a roubar, a traficar, tem que dar um jeito para viver, se virar, não é mesmo. O pessoal da igreja ajuda muito, porque a gente está ali, e está cansado daquilo ali, aí aparece gente trazendo um pensamento positivo, aquilo ali te faz pensar em outras coisas, dá um ânimo, dá uma esperança de que as coisas podem ser um pouco diferentes. O pessoal da pastoral trata a gente no olho, os agentes penitenciários não sabem quem é você, qual o teu nome, e o pessoal da pastoral não, eles conversam com a gente, traz até recado da família.”

Preso 2: “Me ajudou e me ajudou demais, porque quando você está sem chão, na escuridão, ou você se ‘escamba’ de vez ou então pára e fala per aí, aonde isso me levou, o que quê eu estou fazendo aqui? Só que o caminho já foi feito! Não tem volta! O que você pode fazer é não continuar nele. O pessoal da pastoral quando vem aí mostra isso para agente, que a gente precisa ter paciência e muita, viu, mas que tem jeito, que a vida é mais que isso. Eles ajudam a gente a ir levando, porque é alguém que está falando, não é só a sua cabeça que fica martelando. Aprendi muita coisa aí dentro, porque eu pensava vou ter que tirar alguma coisa daqui, porque eu não quero isso aí não, para mim, para os meus filhos.”

Assistente Social: “A pastoral ajuda e muito, tanto os presos, como também facilita o nosso trabalho, porque os presos ficam mais tranquilos. Eles (núcleo pastoral) tem um trabalho muito interessante que é de vir aqui e rezar com os presos. A gente tem um grande problema aqui que é da falta de gente, então toda ajuda desse nível é bem vinda. E assim, os presos, eles precisam disso, eles não tem muita atividade aqui, então tudo que é diferente, e principalmente tudo eu é de fora já ajuda. Dona Augusta está na direção a um bom tempo, e eles sempre respeitam o nosso trabalho aqui, esperam dar a hora de entrar, as vezes até esperam demais, eu sei disso coitados, mas não tem outro jeito, a gente aqui está precisando de mais pessoal, mais agente penitenciário, mais assistente social, não estamos dando conta aí o trabalho fica mais demorado.”

Sobre a eficácia da atuação da pastoral respondeu: “É aquele velho problema social que nós sabemos bem, a religião ajuda, ela ajuda, na medida do possível, ela tem funcionado como uma medida paliativa. Deixa eu me fazer entender melhor, para que não me compreendam mal, se o preso quando volta a sociedade não encontra uma estrutura, um emprego, alguém da família que sirva de apoio, ele não é nada, ele não consegue nada, e quando muito está aqui de volta. Aí é um entra e sai sem fim, e não aprendem. Você vai desistir, não, por que se você for

desistir diante dos problemas que são tão maiores, por isso que qualquer medida, paliativa ou não, é bem vinda.”

## CAPÍTULO 2: A PASTORAL CARCERÁRIA

Atualmente vivenciamos em nossa sociedade a generalização de práticas da sociedade civil dentro do sistema prisional. As instituições religiosas compõem esse segmento social que busca soluções aos problemas encontrados nas instituições prisionais do país. Agentes religiosos de distintas religiões tentam prover as necessidades não supridas pelo poder público e assim realizam atividades que em princípio deveriam ser da responsabilidade do Estado. A Pastoral Carcerária, assim como seus agentes religiosos fazem parte desse contexto. Conforme Rodrigues

podemos assistir a uma intensa atuação de grupos desvinculados do Estado que buscam a melhoria das políticas referentes ao sujeito incluso no sistema prisional. As instituições religiosas compõem uma parcela significativa nesse processo, demarcando um território importante de atuação na esfera religiosa. Diferentes denominações religiosas, através de seus evangelizadores, seguem em busca das “ovelhas desgarradas” que o sistema de punição vigente isolou dentro das prisões e invariavelmente, com suas políticas de reabilitação, não consegue reintegrar ao “rebanho”.<sup>2</sup>

Instituída pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – no ano de 1986, a Pastoral Carcerária é composta por cristãos que atuam de forma voluntária na realização de visitas aos presídios e nas casas das famílias dos presidiários. Apesar de ter sido instituída somente em 1986, é preciso deixar claro que a existência de grupos religiosos de visitas aos presídios em nosso país é de longínqua data.

---

<sup>2</sup> Gilse E. RODRIGUES. Transgressão, controle social e religião: Um estudo antropológico sobre as práticas religiosas na penitenciária feminina do Estado do Rio Grande do Sul. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p.09.

Com a Constituição de 1988, conhecida como a “Constituição Cidadã”, é estabelecido o direito do preso de culto e prática religiosa. A partir de então a Pastoral Carcerária teve sua estrutura ampliada com uma coordenação nacional e uma postura mais acirrada frente à contestação do sistema penitenciário e da violação dos direitos humanos do homem encarcerado.

Em 1992, após o massacre do Carandiru, a pastoral intensificou seus trabalhos, da mesma forma que autoridades responsáveis sensibilizadas com o massacre abriram portas para o trabalho dos grupos religiosos. Outro fato que ampliou o trabalho da Pastoral Carcerária foi a Campanha da Fraternidade - CF - do ano de 1997 que teve por tema “Cristo Liberta de todas as Prisões”.

A forma como o Estado, as autoridades responsáveis e a sociedade tratavam e tratam a questão prisional, as constantes rebeliões, o crescimento da criminalização e da repressão aos pobres, fez com que a Pastoral Carcerária, no ano de 2009, novamente levasse a público tal questão através da CF “Fraternidade e Segurança Pública.”

O Texto “O que é a Pastoral Carcerária”<sup>1</sup> encontrado no site da CNBB nos traz que a pastoral tem como base as seguintes palavras de Jesus: “Eu estava na prisão e vocês me visitaram (Mt 25,36); e o seguinte trecho pertencente a carta aos Hebreus: “Lembraí-vos dos presos, como se estivesseis presos com eles” (Hb 13,3).

A Pastoral Carcerária no Brasil tem como bispo responsável Dom Pedro Luiz Stringhini e como coordenador o Pe. Valdir João da Silveira. Define por sua missão ser a presença de Cristo e da Igreja na prisão, assim como defender a dignidade humana. Como objetivo central visa levar o evangelho aos presos e buscar a garantia de que seus direitos sejam garantidos e preservados. Como objetivos específicos pontuam: conscientizar a sociedade para os problemas do sistema prisional de nosso país, promover a dignidade humana, incentivar a elaboração e implementação de políticas públicas voltadas ao respeito aos direitos humanos.

Busca valer o direito a assistência religiosa garantida em nossa Constituição. No texto “Direito a assistência religiosa”<sup>2</sup> publicado no site da Pastoral Carcerária podemos ver alguns

---

<sup>1</sup> O que é a Pastoral Carcerária? Em: <[www.cnbbo2.org.br/.../974e624dd7945f3fd08e6af7d81f8c65.doc](http://www.cnbbo2.org.br/.../974e624dd7945f3fd08e6af7d81f8c65.doc)>, Acesso em: 20 de agosto de 2010.

<sup>2</sup> Direito a assistência religiosa. Em: <<http://carceraria.tempsite.ws/fotos/fotos/admin/formacoes/72858466782b6d30f40fdf7f00fa164a.pdf>>, Acesso em: 24 de agosto de 2010.

dos artigos da constituição nacional vigente – Constituição Nacional de 1988 – que garantem a assistência religiosa aos presos.

**Art. 5º, III:** “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado livre exercício dos cultos religiosos...”

**Art. 5º, VII:** “É assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva...”

**VIII:** Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política...

Na Lei de execução penal 7210 – 11 de julho de 84 – temos:

**Art. 24** – A assistência religiosa, com liberdade de culto, será prestada aos presos e aos internados, permitindo-lhes a participação em serviços organizados no estabelecimento penal, bem como a posse de livros de instrução religiosa.

**Art.41** – Constituem direitos do preso:

.... **VI** – assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa.

## **1. Os valores da Pastoral Carcerária**

No site da Pastoral Carcerária<sup>3</sup> é possível encontrar os valores norteadores de suas atividades. Conforme o texto “Mística da Pastoral Carcerária”<sup>4</sup> a missão da pastoral é desenvolver na prisão o que Cristo desenvolveu na terra, realizar nos dias de hoje a prática de Jesus junto aos excluídos, assim como orientar os mais diversos setores da sociedade civil em relação às questões prisionais.

Conforme o texto é possível ver que o trabalho da Pastoral Carcerária vai além da evangelização, adentra-se pelo campo do dever cívico. A entidade atua contra os maus tratos, o abandono pelo Estado, o desamparo perante a assistência social, jurídica, educacional, médica e religiosa. Exerce atividades junto às autoridades políticas e jurídicas, e também contra elas, em casos em que estas deixam de exercer sua função ou a exercem de maneira corrupta.

<sup>3</sup> <http://carceraria.tempsite.ws/fotos/fotos/admin/formacoes/bc3403b69515aabc883500599b882174.pdf>

<sup>4</sup>Mística da Pastoral Carcerária. Em: <http://carceraria.tempsite.ws/fotos/fotos/admin/formacoes/bc3403b69515aabc883500599b882174.pdf>, Acesso em: 17 de agosto de 2010.

Uma pesquisa realizada por seus integrantes apontou como principais problemas encontrados nos presídios de nosso país a ausência ou a precariedade de assistência jurídica e médica, violência física e moral, fome, falta de roupa ou agasalho, ausência do contato com os familiares, presos doentes mentais ou menores de idade, presidiários com penas vencidas, presos ameaçados por outros presos ou pela própria polícia, além de muita corrupção e injustiça. No caso das mulheres presas os maiores problemas se relacionam a gravidez e as crianças recém-nascidas. Apontam também a situação de completo abandono na qual se encontram grande parte das famílias dos presidiários. As suas atividades visam minimizar esses principais problemas levantados.

Padre Trombetta em seu texto “A igreja, os presos e a sociedade”<sup>5</sup> defende que a Pastoral Carcerária, ao atuar sobre os direitos e sobre a humanização do homem encarcerado, deve, dentre outras noções, abandonar a visão parcial do sujeito e passar a enxergar o homem em sua totalidade. A pastoral deve incentivar a mudança da concepção do homem concebida sempre sob dois pólos. Em um pólo está a concepção que superestima a responsabilidade do homem. Este é visto como um ser plenamente livre e responsável por todas as suas ações. Essa concepção cria a noção de que o homem é independente das condições sociais, políticas, econômicas e culturais que o cercam. No pólo oposto temos a concepção psicológica na qual o fracasso do homem pode ser corrigido por meio de orientações e condicionamentos. Esta visão privilegia o comportamento dos homens, mas reprime sua subjetividade em meio ao contexto social. Em contraposição a essas concepções deve ser dada voz a identidade pessoal e social de cada sujeito.

Segundo as orientações gerais da Pastoral Carcerária, seus integrantes devem entrar nos presídios sempre com muita humildade e simplicidade. Devem pautar suas ações e atitudes na fé no homem e evitar as rotulações de caráter irrecuperável tais como: bandido, criminoso, marginal, pois acreditam que se todos classificarem o sujeito encarcerado por meio desses estereótipos, este sujeito não terá outro caminho senão a marginalidade. O problema, portanto, não está fixado na questão do erro ou do pecado, mas na forma como o presidiário pode abandonar-se à indiferença e à imoralidade. Por isso, o foco da pastoral incide sobre a consciência dos sujeitos encarcerados. Acreditam que quanto mais consciente for o presidiário, maior será sua autonomia sobre sua vida e assim ele preservará não só a si próprio

---

<sup>5</sup> Pe. Bruno TROMBETTA. *A Igreja, os pobres e a sociedade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

como também a sociedade na qual ele está inserido. Afirmam que é por meio da consciência da verdade que o homem encontrará à libertação.

Para realizarem sua missão pautam-se nos valores bíblicos tais como fraternidade, solidariedade, misericórdia, justiça e defesa da vida, e nas reais necessidades de cada local onde a Pastoral Carcerária atua. Daí a diversidade de trabalhos realizados por ela.

Segundo os pareceres da pastoral, muitos homens vivem fora de si, ricos de vida exterior tornam-se pobres de vida interior, por isso torna-se necessário levar ao homem a meditação para que ele se torne consciente de sua vida e de sua relação com os outros homens. Por meio do diálogo trabalham a reconstrução do presidiário de dentro para fora.

Afirmam que não há como estabelecer uma correta evangelização sem a questão dos direitos dos homens, pois evangelizar significa conscientizar e não há consciência fora da noção de cidadania. A evangelização deve ser feita não apenas por palavras, mas também por meio do comportamento de seus integrantes.

Outro ponto muito enfatizado pela Pastoral Carcerária é a redução das diferenças entre a vida em encarceramento e a vida em sociedade. O homem preso não deve sentir-se afastado da sociedade, pois a sensação de abandono causa-lhe angústia e revolta. Assim, de acordo com a filosofia da pastoral, a vida do presidiário deve ser encarada como um momento temporário, um momento para que ele possa refletir sobre sua condição e se preparar por meio da educação e do trabalho remunerado para futuramente regressar à sociedade.

Sobre o Estado alegam que, por ser de ordem democrática, deve se responsabilizar pelos seus membros e pelas estruturas e instituições que a compõem. Portanto, tem o dever, no que se refere ao detento, de assegurar-lhe boa educação e trabalho remunerado dentro da prisão para que ele tenha meios de sobreviver dignamente quando estiver em liberdade. No entanto, a educação e o trabalho só devem ser realizados com o consentimento do presidiário, de modo a torná-lo sujeito ativo de sua história. Abordam que é preciso que a sociedade democrática respeite e dialogue com a coletividade para que a própria coletividade possa desenvolver dentro dos presídios uma dimensão social de equilíbrio.

Em relação ao poder judiciário apontam a necessidade de se encurtar as distâncias entre ele e o sistema penitenciário. O poder judiciário precisa ter um melhor conhecimento da realidade prisional, assim como o sistema penitenciário precisa ter maior consciência sobre o papel do poder judiciário.

A pastoral também é aberta a participação em atividades organizadas por autoridades como secretarias de justiça, de cidadania, de segurança pública etc. e eventos organizados pela sociedade civil que dizem respeito a questão prisional.

No trabalho interno buscam a formação e apoio mútuo devido à complexidade das realidades encontradas por eles. Encontram-se mensalmente para realizarem orações, reflexões, discussões e fazerem o encaminhamento de questões levantadas de e problemas encontrados.

### **Os Critérios teológicos da Pastoral Carcerária**

No artigo “Critérios Teológicos da Pastoral Carcerária” do Pe. Valdir João Silveira, coordenador nacional da pastoral são abordados alguns dos critérios teológicos que norteiam o trabalho dos agentes religiosos. O padre expõe as três seguintes indagações:

Como falar de Deus ou anunciá-lo como Pai àqueles que enfrentam o dia a dia das prisões? O que significa chamar os (as) presos(as) de filhos(as) de Deus? Como falar de Deus para pessoas que vivenciam tamanho sofrimento? Conforme o coordenador, essas questões devem mostrar a gratuidade do amor de Deus.<sup>6</sup>

De acordo com Silveira, durante as últimas décadas, os trabalhos realizados pela Pastoral Carcerária basearam-se em reflexões humanísticas de cunho sociológico, psicológico, jurídico, político e teológico. Essas reflexões ocasionaram a formulação de alguns critérios de caráter antropológico e evangélico.

Os critérios de caráter antropológico refletem sobre a situação do sistema penitenciário de um modo geral. Baseiam-se em uma tríplice dimensão: a prevenção, o tratamento e a reinserção. Mostram que a Igreja, assim como a sociedade precisam compreender o fenômeno social da delinquência, pois com o conhecimento de suas causas, as práticas de combate tornam-se mais efetivas. Esses critérios chamam a atenção também para a implementação de programas preventivos tais como medidas educativas de responsabilidade do Estado, das comunidades, das famílias e das religiões.

---

<sup>6</sup>Pe. Valdir SILVEIRA. *Critérios Teológicos da Pastoral Carcerária*. Em: <[http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat\\_cod=2897](http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat_cod=2897)>, Acesso em: 20 de agosto de 2010.

Os critérios evangélicos referem-se ao modo como Cristo se portou frente aos homens marginalizados. Conforme seus ensinamentos, para que a humanidade encontrasse o sentido da existência, ela deveria se libertar por meio da misericórdia. Tanto a vida como a morte de Jesus foram marcadas por sofrimentos e marginalizações, mas ele sempre se portou com base no amor e na misericórdia perante as misérias do outro. Silveira aponta que esses critérios norteiam as ações da Igreja e devem nortear as ações da humanidade.

### **Os Integrantes da Pastoral Carcerária**

Conforme exposto no site oficial da Pastoral Carcerária<sup>7</sup>, para integrar a equipe da pastoral o interessado precisa ser admitido pela coordenação local. Antes de se iniciar nas visitas aos presídios o agente religioso precisa passar por uma preparação que se resume no acompanhamento das reuniões mensais da equipe. Quando preparados precisam se manter em formação permanente, o que inclui o treinamento de novos agentes, a manutenção de uma postura discreta frente ao trabalho e terem a consciência de que não devem agir em prol pessoal.

Os agentes religiosos que são parentes de presidiários não podem entrar no presídio juntamente com a equipe, eles devem trabalhar apenas nas atividades externas tais como a visitação as famílias dos detentos, a coleta de alimentos e remédios e em atividades e cursos quando a pastoral local oferece.

### **A Visitação aos Presídios**

De acordo com as orientações presentes no site<sup>8</sup>, é somente por meio das visitas que os agentes passam a ter a consciência das reais condições e das reais necessidades dos presidiários. Por isso o grupo religioso não deve chegar aos presídios com planos já

---

<sup>7</sup> [www.cnbbo2.org.br/.../974e624dd7945f3fd08e6af7d81f8c65.doc](http://www.cnbbo2.org.br/.../974e624dd7945f3fd08e6af7d81f8c65.doc)

<sup>8</sup> [www.cnbbo2.org.br/.../974e624dd7945f3fd08e6af7d81f8c65.doc](http://www.cnbbo2.org.br/.../974e624dd7945f3fd08e6af7d81f8c65.doc)

elaborados, precisam antes conhecer a realidade e os problemas locais, precisam ouvir os encarcerados.

Os seus integrantes afirmam que o objetivo central na visitação não é a realiza o de ora es e de missas, nem a conversão do presidiário. O objetivo maior é o simples ato de visitá-los e de levar a eles o amor de Deus para com todos os seus filhos indistintamente.

Para o bom desenvolvimento do trabalho a Pastoral Carcerária tece as seguintes recomenda es:

Os agentes religiosos devem ter certa proximidade com os presos, contudo, sem expor suas vidas pessoais. Devem cumprimentá-los por seus nomes e devem saber um pouco de suas histórias, mas não por meio de perguntas, todo diálogo deve surgir de modo espontâneo. Devem evitar falar dos crimes e das penas para evitar situa es humilhantes. E sempre devem enfatizar que todos os homens são iguais perante Deus, pois todos nós somos sujeitos a erros. Por meio de seus gestos, os agentes religiosos devem levar a fraternidade aos detentos. As agentes do sexo feminino devem usar roupas discretas e não devem demonstrar intimidade excessiva. Aos pedidos dos detentos, recomendam que os agentes nunca prometam o não possam cumprir, uma vez que poderiam levar a pastoral ao descrédito. Os agentes também não podem presentear os presos, nem demonstrar predile es pessoais. E toda e qualquer coisa oferecida aos detentos deve passar pela coordena o local. Em rela o aos pedidos de ajuda em seus processos e em rela o a problemas familiares, a pastoral recomenda aos agentes que tomem nota dos pedidos e os encaminha a equipe responsável. A pastoral recomenda ainda total aten o aos comentários, jamais falar do trabalho dos policiais ou da administra o da institui o. Devem respeitar sempre o trabalho de todos e caso surja algum problema este deve ser levado a quem for responsável por solucioná-lo.

## ***2. A Campanha da Fraternidade***

A Campanha da Fraternidade<sup>9</sup> - CF -   uma proposta evangelizadora desenvolvida pela Igreja Católica no período da quaresma. Tem por objetivo promover reflexões sobre problemas sociais e provocar nos cristão a prática da fraternidade frentes a esses problemas. Embora a Campanha da Fraternidade esteja na proposta litúrgica da quaresma, ela não fica

---

<sup>9</sup> <http://www.cf.org.br/natureza.php>

restrita apenas aos momentos litúrgicos, está presente também nos estudos catequéticos, nos grupos de estudos, na mídia e assim por diante.

Conforme o texto “Natureza e Histórico”<sup>10</sup> encontrado no site oficial da Campanha da Fraternidade, a CF tem três objetivos principais: promover a evangelização libertadora, a renovação da vida na igreja e a transformação da sociedade por meio dos valores cristãos.

Os temas da Campanha da Fraternidade inicialmente contemplavam a vida interna da Igreja e posteriormente passaram a tocar questões como a realidade social, econômica e política de nosso país, a injustiça, a exclusão e a miséria, condições nas quais a fraternidade encontra-se ferida.

Nos anos de 1997 e 2009 a CF abordou como tema a condição do homem preso e a questão de segurança pública de nosso país. Em 1997 o tema foi “A Fraternidade e os Encarcerados” e o lema “Cristo liberta de todas as prisões”. No ano de 2009 o tema discutido foi a “Fraternidade e a Segurança Pública” e o lema a “Paz é fruto da justiça”.

### **A Campanha da Fraternidade de 1997: “A Fraternidade e os Encarcerados”**

A Campanha da Fraternidade de 1997 teve como tema: “A Fraternidade e os Encarcerados” e como lema: “Cristo liberta de todas as prisões” foi a primeira CF a levantar a questão do presidiário. A escolha do tema se deu devido a um grande número de indicações provindas das regionais da CNBB e por ser um problema social que atinge a todos direta ou indiretamente. Teve o objetivo primordial de fazer com que as pessoas refletissem sobre a condição do preso e passassem a vê-los como pessoas possuidoras de direitos e deveres.

A campanha trouxe a reflexão sobre os vários tipos de prisões existentes, as várias formas de cadeia que tiram as pessoas da liberdade, tais como: a falta de condições mínimas para uma vida digna, o consumismo, as drogas, o alcoolismo, o trabalho escravo etc.

Conforme o texto<sup>11</sup>, a libertação dos presos das mais variadas prisões faz parte dos valores e ensinamentos cristãos. Cristo veio para levar aos presos a libertação e se essa é a proposta de Jesus, deve ser seguida por todos os cristãos. De acordo com a sugestão da CF

---

<sup>10</sup> Natureza e Histórico. Em: <<http://www.cf.org.br/natureza.php>>, Acesso em: 17 de agosto de 2010.

<sup>11</sup> <http://www.cf.org.br/cf1997/resumo.php>

1997, a sociedade precisa se solidarizar e levar a liberdade aos pobres, oprimidos e prisioneiros.

A campanha trouxe a necessidade da sociedade refletir e atuar sobre questões como a criminalidade, a violência, a infração da lei, a impunidade, a desigualdade social e o abandono e a discriminação em relação a família dos presos.

Os objetivos centrais da campanha foram:

- Despertar nos cristãos a sensibilidade e a solidariedade para com as vítimas da violência e para com os presos. Levar a reflexão sobre a realidade carcerária em nosso país e fazer com que a sociedade se comprometa na realização das mudanças que se fazem necessárias.
- Realizar um acompanhamento das vítimas ajudando-as na superação dos problemas para que consigam perdoar os ofensores.
- Levar auxílio aos presos para que eles possam se tornar sujeitos ativos em seus processos de conversão e reinserção social.
- Colaborar com as autoridades legislativa, judiciária, penitenciária e policial para a realização de reformas.
- Atuar em processos de mudança social tais como medidas que promovam o aprimoramento da educação e medidas que se relacionam a aplicação das leis. Colaborar com os meios de comunicação social e os formadores de opinião.
- Criar estruturas para o atendimento aos presos e aos seus familiares e incentivar medidas alternativas a pena de reclusão.
- Ajudar os educadores e educadoras a promover uma educação para a fraternidade.
- Estabelecer parcerias com as igrejas e organizações da sociedade civil que atuam nessa área social.

### **A Campanha da Fraternidade de 2009: “Fraternidade e Segurança Pública”**

Pe. Emerson Andrade de Lima vice-coordenador estadual da Pastoral Carcerária de São Paulo aborda em seu texto “Fraternidade e Segurança Pública sob o método Ver, Julgar e

Agir”<sup>12</sup> os objetivos da Pastoral Carcerária com a Campanha da Fraternidade do ano de 2009. O tema abordou a segurança pública e a relação entre os conceitos de fraternidade e segurança. Teve como tema “Fraternidade e Segurança Pública” e como lema: “A Paz é Fruto da Justiça”. Conforme o padre, esse tema caminha no sentido de uma das principais características da ação da Igreja no mundo, o de ser um instrumento na promoção da cultura de paz.

Segundo Lima, a desigualdade, a violência e a insegurança que se instalaram em nossa sociedade levam a Pastoral Carcerária a promover o alargamento das instâncias culturais que promovem a paz e a justiça e exercer aquilo que deve ser o seu papel enquanto mediadora de conflitos sociais.

A campanha teve por objetivo estabelecer reflexões sobre o aspecto punitivo da segurança e promover ações preventivas para uma cultura de paz e justiça social. Instituir formas legítimas de reivindicação junto aos poderes públicos, que segundo o padre, são os primeiros responsáveis pela ordem pública.

Conforme Lima, a Igreja sabe de seus desafios, assim como tem a plena consciência de que os problemas sociais jamais serão superados em curto prazo. Mas possui a certeza de que a igreja, a sociedade e o Estado podem e devem criar medidas preventivas principalmente no âmbito da educação para termos uma sociedade mais igualitária e fraterna.

### **O Método “Ver, Julgar e Agir”**

O texto base da Campanha da Fraternidade 2009 – CF 09 – baseia-se no “Ver, Julgar e Agir”. Esse método visa um projeto libertador e por isso compõe a essência de muitas pastorais e está presente nas CEB’s. A comunidade eclesial utilizou o método para refletir sobre teologia, sobre a prática de sua fé e sobre sua missão. O método ensina que devemos: ver com os olhos do Pai, julgar conforme os ensinamentos de Cristo e agir guiado pelo Espírito Santo.

Conforme o texto retirado do site da Pastoral Carcerária “Campanha da Fraternidade 2009 – Fraternidade e Segurança Pública: A paz é fruto da justiça (Is32,17)”<sup>13</sup>. O método

---

<sup>12</sup> Pe. Emerson LIMA. *Fraternidade e Segurança Pública sob o método Ver, Julgar e Agir*. Em: <[http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/layouts/content&ct\\_cod=3763](http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/layouts/content&ct_cod=3763)>, Acesso em: 20 de agosto de 2010.

<sup>13</sup> [www.cnl.org.br/pub/.../56489bf910d9c234d6e6837293c41a06.doc](http://www.cnl.org.br/pub/.../56489bf910d9c234d6e6837293c41a06.doc)

“Ver, Julgar e Agir” é originário da esfera reflexiva da Teologia da Libertação. A Teologia da Libertação com as comunidades eclesiais de base propõe que os cristãos das classes populares articulem vida e fé para a melhoria de suas condições sociais. Devem assumir o controle dos processos de libertação a partir da participação na política e nos movimentos sociais. Assim, perante um problema social, a Igreja assume uma posição de reflexão sobre o problema para a construção de uma nova identidade social que se conduza em um caminho de superação do mesmo, de prevenção e conseqüentemente de paz.

O primeiro princípio, o Ver, representa a necessidade da Igreja e de toda a sociedade de enxergar a realidade problemática acerca da segurança pública de nosso país. O segundo princípio, o Julgar, refere-se à necessidade de compreender o problema da segurança pública do Brasil em meio ao cenário social que ela emerge, ou seja, considerar os aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos presentes no contexto da segurança pública de nossa nação. O terceiro princípio, o Agir, é a ação adequada à ética cristã a ser tomada após a visão e o julgamento do problema.

O princípio Ver expõe que a sociedade precisa reconhecer a violência e a partir de então refletir sobre possíveis maneiras de solucioná-la para a implementação de uma cultura de paz. Propõe ao cidadão que ele veja como está a vida em sua comunidade, que ele conheça e avalie nossa segurança pública e nossa justiça. Quando preciso, que denuncie os crimes cometidos pelo poder público, assim como os crimes existentes no sistema punitivo brasileiro e, em contra partida, incentivar o sistema de penas alternativas.

Expõe a necessidade da sociedade refletir sobre a realidade humano-existencial e assim compreender o homem em todas as suas dimensões de existência, como um ser afetivo, psicológico, espiritual, religioso, histórico, social, político e cultural.

Coloca em discussão pontos como a imposição do medo como uma forma de exercer controle social por meio da violência, a punição e a repressão como formas de ameaça, pontos relacionados à violação da Constituição Brasileira. Propõe debates acerca da maioria penal, da importância de se colocar em prática o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – e ainda medidas sócio-educativas.

Chama a atenção para a necessidade de ver a violência estrutural, física, simbólica e explícita que assola nossa sociedade. Apontam as drogas, o tráfico humano, o racismo, a escravidão ainda existente, a exploração sexual, o trabalho e a prostituição infantil, a

---

discriminação da prostituição feminina, a violência familiar, a violência dos meios de comunicação e a violência no trânsito.

O princípio Julgar traz que Deus é justo e assim deseja que seus filhos o sejam. A aliança de Deus para com seus filhos está firmada sobre o amor, a justiça, a libertação e a dignidade. O princípio coloca que Jesus foi perseguido, traído, preso, julgado e executado, foi vítima de um contexto sócio-histórico violento e corrupto que estava a serviço de poucos. Foi tratado com violência, mas sempre agiu de forma pacífica.

Coloca que os homens precisam passar por uma mudança de mentalidade para a construção social de uma cultura de paz. E isso só será possível quando todos colocarem em prática os valores cristãos. Assim, é necessário que os homens assumam um novo modo de sentir, pensar e agir.

A cultura de paz deve ser baseada na caridade como critério de julgamento, na misericórdia, no perdão ao próximo, na superação do ódio e da violência, na postura de Cristo perante os pecadores.

O princípio Agir traz que uma vida social mais tranqüila é possível sim, contanto que aja o envolvimento de toda a sociedade em ações e políticas permanentes. Para isso é necessário combater a miséria e a desigualdade social. Trabalhar para a construção de um novo modelo de segurança pública, justiça penal e políticas de um modo geral.

Como ações locais aponta a necessidade de ações para superar a prática da violência como a formação de grupos de gestão para o mapeamento de zonas violentas e a construção de núcleos de combate, criação de redes sociais populares entre a sociedade civil, a participação das pastorais em conselhos de segurança pública, a implementação de uma polícia comunitária, ações educativas como a presença nas CF nas escolas, a busca de um novo modelo penal e sócio-educativo uma vez que o atual modelo encontra-se em falência. Apontam que a pena de multa refere-se unicamente a um pagamento, não promove a mudança de comportamento e a pena de reclusão vai contra o sentido de dignidade humana. O princípio propõe também a denúncia de crimes não violentos, mas que geram a violência social tais como os crimes contra a ética, a economia e a gestão pública. Assim como a conscientização sobre a gravidade dos mesmos e as consequências da impunidade.

Conforme Pe. Lima, o texto base da CF 2009, é adequado para a missão profética da Igreja, uma vez que propõe, a partir do conhecimento da realidade, com valores cristãos e conhecimento teórico, atuar na dissolução do problema. Expõe que certamente, os maiores

destinatários da CF de 2009 serão diocesanos empenhados que procurarão adaptar os subsídios da campanha com a realidade da comunidade na qual eles se encontram.

### **3. *Os Cristãos e a Segurança Pública***

A Pastoral Carcerária chama a sociedade para um novo modelo de segurança pública e de justiça, como colocam, é responsabilidade de todos os cristãos a busca pela paz social.

No site da Pastoral Carcerária é possível encontrar o texto de Pe. Zgubic intitulado “Os cristãos e a segurança pública”<sup>14</sup> que expõe uma série de medidas que devem ser implementadas pela Pastoral Carcerária assim como pela sociedade como um todo. Zgubic aborda que a sociedade torna-se cada vez mais insegura devido as violências e as injustiças que a assolam a cada dia. Situação que vem em resposta as políticas de endurecimento e as políticas de ganhos de voto do Estado e ao sensacionalismo midiático. Segundo o padre vivemos o triste quadro social onde ocorre a triplicação do número de presos e o conseqüente colapso do sistema prisional. Zgubi nos traz alguns dados que demonstram a falência de nossa sociedade: Cerca de 4,5 mil brasileiros morrem por ano vítimas de homicídio (fonte não citada). Além das perdas humanas, o Ipea nos mostra que as perdas econômicas para o país devido a violência chegam a 90 bilhões de reais por ano. São 4,7 milhões de jovens na criminalidade (FSP, 25/10/07). O padre aborda ainda a tradição da polícia que protege os ricos, enquanto mata os pobres, 20% dos mortos no Estado do Rio de Janeiro são mortos pela polícia (fonte não citada); o genocídio da juventude, com a morte violenta de mais de um milhão de jovens nos últimos 25 anos, sendo a maioria desses, pobres, do sexo masculino e negros.

Zgubi enfoca que a segurança pública não é apenas para a polícia e que ela não pode ser confundida com formas de repressão, mas sim, algo que visa ao bem público. Dessa forma, para a segurança ser pública, ela precisa de fato ser de todos os cidadãos e feita por todos os cidadãos, deve ser um dever do Estado, assim como um direito e um dever de cada um.

---

<sup>14</sup>,Pe. Gunther ZGUBIC. *Os cristãos e a segurança pública*. Em: <[http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat\\_cod=2912](http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat_cod=2912)>, Acesso em: 09 de agosto de 2010.

Com base nessa perspectiva Pe. Zgubic propõe a ação de novos programas e novas medidas para um novo modelo de segurança pública que deva ser feito tanto pelo Estado como pela sociedade civil. Essas novas políticas de segurança pública devem contar com o SUSP – Sistema Único de Segurança Pública – e o PRONASCI - Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – e com conferências nacionais que discutam o tema.

O SUSP deve realizar reformas institucionais nas áreas policial, jurídica, assim como no sistema penitenciário como um todo. Deve promover a ação coordenada entre Governos Federal, Estaduais e Municipais, programas voltados à redução da violência, criação de áreas de segurança integrada e cidadã e programas especiais de redução da violência como o Pronasci, Pró-vita dentre outros.

O PRONASCI deve conter ações para 18 regiões metropolitanas que englobem: obras de urbanização de favela, ampliação de programas como o Saúde da Família, alfabetização de jovens e adultos, reconstrução de pólos esportivos, economia solidária, dentre outros. O seu foco deve ser jovens entre 15 a 24 anos à beira da criminalidade, que se encontram ou já estiveram em conflito com a lei, áreas conflituosas e grupos sociais vulneráveis.

As Confederações Nacionais de Segurança Pública devem ser de cunho participativo e deliberativo e devem propor ações estratégicas. Essas ações devem ser no sentido de mapear áreas de violência para a implementação de medidas tais como polícia comunitária, justiça comunitária e restaurativa e defensorias públicas a nível municipal e estadual. Assim como atuar em projetos relacionados a penas alternativas.

Dentro dessas ações a Pastoral Carcerária deve atuar por meio da colaboração entre as bases das dioceses, as paróquias e as comunidades para a implantação de medidas sócio-educativas e desenvolver ações conjuntas com a Pastoral do Menor e com os Conselhos Tutelares Municipais.

Pe. Zgubic aborda ainda a necessidade de uma mudança de formação e cultura, do cidadão policial para o policial cidadão, com a implementação de uma polícia comunitária especializada para o policiamento orientado ao problema. Como exemplo: Um policiamento para as escolas orientado aos problemas encontrados neste espaço social.

Com relação a justiça Pe. Zgubic defende a implementação de programas elaborados pela juíza Gláucia Falsarella Foley do TJDF tais como o Programa Justiça Comunitária que tem como objetivos a democratização do conhecimento dos direitos e da realização da justiça. Este programa deve contar ainda com um Centro de Formação e Pesquisa em Justiça

Comunitária e a formação de agentes comunitários de justiça para a execução deste programa juntamente com uma equipe multidisciplinar de profissionais.

A Pastoral Carcerária defende ainda a implementação de outras ações concretas tais como: conselhos da comunidade, mini-presídios, centros de DH, incentivos fiscais para contratação de egressos, moradia digna, profissionalização da juventude.

## **Uma sociedade sem prisões**

O texto “A prisão e a Bíblia: Eu estava na prisão, e viste a mim!” do Pe. Ney Brasil Pereira aborda a questão da prisão conforme a Bíblia. Segundo o padre, os presidiários, antes de excluídos por outrem, são excluídos por si próprios, excluíram-se da sociedade no momento em que cometeram os atos criminosos. O padre faz as seguintes perguntas: Por que interessar pelos direitos de criminosos se eles mesmos não cumpriram os direitos dos outros? será que esses homens são plenamente culpados de seus atos?<sup>15</sup> Conforme Pereira, a história de nossa sociedade nos mostra a negligência do Estado, como também da igreja mediante aos problemas sociais. A imparcialidade da justiça que se empenha de forma dura com os fracos e de maneira branda com os ricos.

A Pastoral Carcerária acredita em uma sociedade sem prisões. Petra Silvia Pfaller advogada e voluntária da Pastoral Carcerária trabalha a quatorze anos no sistema prisional de Goiás, em seu texto “Uma sociedade sem prisões?”<sup>16</sup> a autora nos mostra sua posição como representante oficial da Pastoral Carcerária. A posição da autora e consequentemente a posição oficial da pastoral é bem clara, são contrários a execução penal, não acreditam que por meio desse sistema de punição possa haver qualquer benefício ao homem.

O texto traz um breve histórico do sistema penitenciário. Nos mostra como a pena privativa de liberdade foi considerada um grande avanço contra a pena de morte e as penas de correção física. Isso porque evitava que o acusado sofresse torturas físicas e a morte. O

---

<sup>15</sup>Pe. Ney Brasil PEREIRA. *A prisão e a Bíblia: Eu estava na prisão, e viestes a mim!* Em: [http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat\\_cod=2911](http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat_cod=2911). Acesso em: 17 de agosto de 2010

<sup>16</sup>Petra S. PFALLER. *Uma sociedade sem prisões?* Em: [http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat\\_cod=2911](http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat_cod=2911), Acesso em: 17 de agosto de 2010.

surgimento da prisão data de 1550 na cidade de Londres, chama-se House of Correction, seu intuito era impedir que o acusado fugisse até que o crime fosse esclarecido e assim ser provada sua culpa ou inocência. Se culpado, o homem passava a condição de condenado e deveria cumprir sua pena em detenção, mas não sofreria violência física e nem seria levado à morte. Mas desde então já se questionava esse sistema uma vez que o encarceramento era baseado em desrespeitos e torturas.

Segundo Pfaller estamos vivendo um dos piores momentos da história humana. Crimes, desemprego generalizado, decadência das instituições promotoras de saúde, de educação e moradia, corrupção, ausência de valores etc. e diante desse panorama a atuação repressiva do Estado.

A autora aponta que o processo de encarceramento que vigora nas sociedades é muito cômodo uma vez que o bandido é colocado na cadeia e acreditamos que tudo está resolvido somente porque ele está fora do alcance de nossos olhos. Ela nos traz a concepção de que a sociedade como um todo confunde o crime com quem o pratica e assim são equivocadas as formas de se combatê-lo. Como se combatem as enfermidades e não os enfermos, é preciso combater os crimes, mas não os criminosos.

Pfaller nos apresenta alguns fatos que são muito comuns em nossa sociedade. O pobre da periferia que para sobreviver vende alguns pacotes de maconha e o rico empresário que não paga suas dívidas com a Receita Federal. Este, ao pagar sua dívida ao Estado, se livra de qualquer processo criminal, ao passo que o aquele sofre as duras penas da prisão. Pfaller aponta que é ridículo imaginar que a prisão re-educará o sonegador de impostos, assim como não reeducará o pobre traficante ou o “ladrão de galinhas”. Condição que mostra como o sistema punitivo é seletivo, destinado apenas as classes sociais de menor poder aquisitivo.

Todos esses fatores nos mostram que o sistema prisional encontra-se em situação de falência, ao invés de promover a ressocialização do preso, o insere em um ambiente de reprodução da violência. Assim como os presos, suas famílias também são penalizadas, nas visitas aos presídios, na hostilização que sofrem pela sociedade e na dificuldade que encontram para o sustento do lar. Além disso, tem-se a realidade dos servidores que são altamente afetados devido as conseqüências do trabalho na prisão, estes não possuem o preparo e a formação adequada e são muito mal remunerados.

Como solução a autora afirma a necessidade de se estabelecer reformas na política criminal e na atuação do poder judiciário e legislativo, na implementação generalizada de

Defensorias Públicas nos Estados e na Federação e a introdução das penas alternativas. Aos viciados e doentes mentais, o tratamento adequado ao invés da prisão.

A Pastoral Carcerária aposta ainda na justiça restaurativa na qual vítima e agressor são colocados frente a frente e a vítima tem a oportunidade de expor ao ofensor as conseqüências do crime em sua vida. Assim o ofensor, ao perceber os impactos de seu ato é levado a sensibilização e a auto-responsabilização.

#### **4. O núcleo da Pastoral Carcerária de Barbacena**

O estudo de caso para a presente pesquisa foi realizado na cidade de Barbacena, Minas Gerais. Barbacena é uma cidade que possui 121.571 habitantes, é um município com 1.439 km<sup>2</sup>, o 19º mais populoso do Estado mineiro. Fica a 169 Km da cidade de Belo Horizonte e 90 Km da cidade de Juiz de Fora. Barbacena é conhecida como a “Cidade das Rosas”, e isso devido ao clima tropical de altitude que propiciou a criação de um mercado de produção de rosas na cidade e em seus distritos. É conhecida também como “Cidade dos Loucos” devido ao grande número de hospitais psiquiátricos instalados na cidade no século passado. Circunstância também gerada pelo clima da cidade, acreditava-se que a baixa temperatura contribuiria para o tratamento dos doentes mentais uma vez que estes ficariam menos agitados ou arredios.

A Pastoral Carcerária da cidade de Barbacena foi formada a vinte anos, atualmente possui quinze integrantes. Nem todos os membros da pastoral fazem as visitas aos presídios, uma vez que os integrantes que possuem parentes presos não podem participar da assistência *in loco*. Assim, são treze os integrantes cadastrados no presídio para a realização da assistência e dois integrantes que não podem fazer as visitas devido ao parentesco com presidiários, mas que auxiliam a pastoral em demais trabalhos sempre que esta os solicita.

A motivação do trabalho para os integrantes que não possuem vínculo familiar com presidiários pode ser definida como a vontade de levar a quem realmente precisa os valores e ensinamentos cristãos. Para os integrantes que possuem algum parentesco, a motivação em participar da pastoral funciona como uma forma de retribuição ao trabalho do grupo religioso e também uma forma de estar com Deus para aliviar os sofrimentos vividos.

A pastoral possui dois coordenadores, um padre e uma senhora integrante do grupo. A atividade do padre resume-se basicamente a realização de missas. As missas são realizadas

uma vez a cada mês, no entanto, nos últimos meses esse trabalho foi interrompido devido a realização das obras no presídio, as missas foram realizadas esporadicamente. A coordenadora integrante é a que possui maior atuação, Dona Augusta está há dezesseis anos a frente da pastoral carcerária da cidade.

Atualmente a pastoral realiza apenas duas atividades, as visitas aos presídios e a doação de frutas e legumes à famílias carentes de presidiários. Há integrantes que criticam o fato da pastoral realizar apenas essas duas atividades, para eles isso é muito pouco, mas como a coordenadora coloca, para a maioria as atividades realizadas já são suficientes, condição que dificulta a realização de outras atividades uma vez que não há empenho por parte da maioria dos membros do núcleo. A pastoral realiza também reuniões mensais, mas essa atividade faz parte da visitação aos presídios. Nessas reuniões são organizados os revezamentos e é feito o levantamento de questões para o trabalho.

Os integrantes da pastoral carcerária da Barbacena possuem uma faixa etária que varia entre 45 a 65 anos. Possuem nível sócio-econômico entre médio e baixo. E o dado que mais chama a atenção é a grande totalidade de mulheres pertencentes ao grupo.

Segundo as orientações oficiais o interessado em entrar para a pastoral precisa ser admitido pelo núcleo local. Cabe a esse núcleo passar as orientações ao iniciante antes que ele comece as visitas nos presídios. Para ser aceito na pastoral carcerária de Barbacena, o interessado precisa participar das reuniões durante três meses e só a partir de então ele terá a aprovação ou a reprovação.

O projeto de doação de legumes e verduras para as famílias dos presos que necessitam desse apoio é realizado conjuntamente com um mercado da cidade. O mercado faz a doação e a pastoral repassa os alimentos as famílias cadastradas para a ajuda. Dona Augusta afirma que embora o projeto seja simples, ele auxilia muito as famílias dos detentos que passam por sérias dificuldades. E isso porque se antes da reclusão eles eram os chefes de família, e suas famílias já enfrentavam problemas financeiros, reclusos, a situação se agrava ainda mais.

A assistência da pastoral é realizada todas as quintas-feiras das 16:00 às 18:00hs. Os integrantes fazem as visitas sempre em grupos de três, número limitado pela administração do presídio. Dona Augusta, por ser a coordenadora, precisa estar presente em todas as visitas, sendo assim, há o revezamento de dois integrantes por semana.

A assistência segue sempre uma mesma estrutura, os agentes religiosos passam por todas as celas e em cada uma delas são feitos os seguintes procedimentos: um dos integrantes

realiza a leitura, em seguida outro integrante faz a interpretação da passagem lida. Geralmente o mesmo integrante que realiza a leitura em uma cela, realizará em todas as outras, o mesmo acontece com a interpretação da passagem. Antes de ser iniciada a leitura, um terceiro integrante da pastoral pede aos participantes que rezem uma oração, quase sempre a Ave Maria e ao final da assistência esse mesmo integrante pede a todos que rezem o Pai Nosso. Os presidiários que queiram participar da assistência permanecem de pé em frente as grades.

Os momentos de interação entre agentes religiosos e presos acontecem durante a interpretação da leitura, nos momentos anteriores ao início da assistência, quando os agentes religiosos começam a se aproximar das grades e nos momentos finais, após a oração do Pai Nosso. Por isso pode-se dizer que esses dois últimos momentos também compõem a assistência católica uma vez que são momentos de diálogos, nos quais os agentes religiosos aconselham, os presos pedem, desabafam e agradecem.

Os integrantes do núcleo pastoral de Barbacena agem semelhante a postura oficial da Pastoral Carcerária no que tange a atitude dentro dos presídios. Portam-se sempre com muita humildade e simplicidade. Em seus discursos sempre mostram a crença no homem e evitam as rotulações de cunho negativo como bandido, criminoso, marginal, com o intuito de evitar que os presos assumam esses estereótipos.

Como exposto no site da Pastoral Carcerária, os agentes religiosos devem construir certa proximidade com os presos, mas não podem expor questões de suas vidas pessoais. Assim o fazem os integrantes do núcleo estudado, sempre estabelecem diálogos com os detentos, embora curtos devido ao tempo limitado, eles sempre surtem em uma boa interação. Conforme as mesmas orientações oficiais, os integrantes da pastoral não falam sobre os crimes, evitam possíveis situações de humilhação e constantemente enfatizam a igualdade dos homens perante Deus. Em relação ao modo de se vestir, há um uniforme para todos os integrantes, uma camisa de malha branca e calça jeans. Na camisa há o desenho de pés negros desacorrentados e acima do desenho há a inscrição: “Estive preso e me visitaste.” Também conforme as orientações oficiais não demonstram muita intimidade, nem predileções pessoais, nunca prometem aos presos o que não poderão cumprir, os pedidos de ajuda sobre os processos ou sobre problemas familiares são encaminhamentos aos responsáveis e também sempre procuram evitar maus entendidos entre profissionais da instituição e presidiários.

No entanto, as proximidades entre as ações do núcleo pastoral estudado e a Pastoral Carcerária param por aqui. O objetivo oficial da Pastoral Carcerária é levar a presença do amor de Cristo aos presos e atuar na conscientização dos mesmos sobre suas condições. O núcleo pastoral de Barbacena, embora atue na conscientização dos presos, não problematiza essa questão como um objetivo. Para seus integrantes, a principal tarefa que realizam é mostrar aos presos os valores cristãos.

Conforme vimos acima, o trabalho da Pastoral Carcerária se propõe ir além da evangelização ao atuar no campo do dever cívico em questões relacionadas aos maus tratos, o abandono do Estado e a ausência de assistência social, jurídica, educacional, médica e religiosa. Recomenda atuar junto às autoridades políticas e jurídicas e quando essas se mostrarem ineficientes, devem atuar contra elas. Sobre o Estado, a posição oficial da pastoral alega que este tem total responsabilidade sobre seus cidadãos e sobre as estruturas e as instituições que o compõem. Sendo assim, deve assegurar ao preso educação de qualidade e trabalho remunerado para que quando este voltar a viver em liberdade possa ter uma vida digna. A posição oficial aborda ainda a necessidade de aproximação entre o poder judiciário e o sistema penitenciário, para que um se torne mais consciente sobre o outro.

O núcleo pastoral estudado não realiza atividades nesses campos. Conforme a coordenadora, não é interessante que o núcleo atue contra autoridades e principalmente contra a administração do presídio, pois isso poderia inviabilizar a atuação do grupo religioso dentro da instituição. Segundo Dona Augusta, se é preciso fazer algum pequeno encaminhamento, os integrantes da pastoral o fazem, mas as questões mais complicadas são deixadas para a secretaria dos direitos humanos que sempre faz visitas ao presídio. O núcleo pastoral de Barbacena não concretiza ações no campo cívico com o pretexto de que sua atuação religiosa não seja prejudicada.

Em relação ao discurso religioso, vimos anteriormente que nas últimas décadas a Pastoral Carcerária passou a desenvolver reflexões humanísticas fundamentadas em critérios antropológicos e evangélicos. Os critérios antropológicos abordam reflexões sobre o sistema penitenciário, sobre as responsabilidades da igreja e da sociedade perante a questão do preso e sobre a necessidade de programas preventivos. Os critérios evangélicos referem-se aos ensinamentos deixados por Cristo, principalmente em relação aos homens marginalizados. Essas questões também não estão presentes no trabalho do núcleo pastoral de Barbacena. Os seus membros não contam com a colaboração de padres ou demais profissionais da igreja,

condição que torna o discurso limitado as interpretações dos integrantes. Também não fazem uso do método “Ver, Julgar e Agir” considerado pela Igreja base constituinte de muitas pastorais, devido ao seu caráter libertador, e também base constituinte do texto da Campanha da Fraternidade de 2009. Também não propõem ou participam de atividades em conjunto com autoridades e secretarias responsáveis tais como de segurança pública, cidadania e justiça e não problematizam questões sociais, nem mesmo as que se relacionam com questões cruciais como medidas sócio-educativas e penas alternativas.

O núcleo pastoral de Barbacena não age conforme os objetivos cívicos e políticos da Pastoral Carcerária. Os seus integrantes não se vêem como uma parte integrante da sociedade civil que tem possibilidades de atuar dentro dos presídios no que tange aos direitos e os deveres dos presidiários. Eles se vêem apenas como um grupo católico religioso que tenta levar aos presos valores cristãos. A ausência de apoio da Igreja é outra questão que torna o trabalho no núcleo pastoral de Barbacena limitado. A interação entre a hierarquia da Igreja e integrantes da pastoral poderia levar a criação de mais atividades a serem realizadas pela pastoral e ocorreria uma ampliação de perspectivas e motivações.

## **CAPÍTULO 3: A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA E OS PRESIDÁRIOS**

### ***1. A Religião na Prisão***

A presença das religiões nas prisões é na maioria das vezes vista sob duas óticas opostas: como um meio de salvação do presidiário ou como um instrumento utilizado por ele para a obtenção de benefícios pessoais.

Na primeira perspectiva a religião seria um meio eficaz capaz de promover a reintegração social do presidiário. Os valores religiosos poderiam levar ao preso arrependimentos em relação ao crime cometido e assim ele poderia se redimir. Redimido o presidiário estaria apto a reingressar ao convívio social.

A segunda perspectiva traz a noção de que o presidiário faz um uso instrumental da religião, isso porque, uma vez convertido, ele ganharia benefícios. Nessa perspectiva o preso se vincularia a uma religião para obter uma melhor imagem pessoal, assim ele poderia adquirir benefícios por parte da administração prisional.

No primeiro caso há a superestimação da religião como meio capaz de recuperar o sujeito criminoso. Nesse sentido a religião teria a capacidade de produzir no presidiário valores morais e éticos para a sua futura reinserção social. A segunda perspectiva acredita que a assistência religiosa na prisão em nada pode contribuir para a reinserção social do preso, pois ele faria um uso racional da crença religiosa para a obtenção de benefícios pessoais.

Essa questão também pode ser constatada nas análises de Camila Dias seu texto “Prática Religiosa na prisão: tensões e ambigüidades”, a autora aborda que quando se trata da questão das religiões dentro das prisões há um consenso perante o qual a religião assumiria ou um papel central para a re-socialização e reintegração social do indivíduo ou possuiria um papel irrelevante, uma vez que os presos a usariam apenas para a obtenção de benefícios. Dias

expõe que no primeiro caso, a religião é vista por um enorme entusiasmo por ser considerada capaz de promover a re-socialização do presidiário. Já no segundo caso, a religião é considerada como algo instrumental, uma vez que o presidiário simularia uma possível conversão para a construção de uma imagem positiva sobre si, com o intuito de adquirir proveitos pessoais.

Dentro dessa ótica, há duas posições antagônicas acerca da importância da religião: de um lado a religião é vista como a melhor ou a única solução para a recuperação do indivíduo criminoso, e por consequência, para a redução da criminalidade; e, por outro lado, as práticas religiosas que acontecem na prisão são entendidas de um ponto de vista instrumental, isto é, os presos religiosos utilizariam a religião de forma racional, como vista a obtenção de benefícios – materiais ou simbólicos – advindos com a conversão religiosa.<sup>17</sup>

Há a necessidade de se compreender a realidade de extrema precariedade como uma particularidade no mundo do detento. Sendo necessário primeiro compreender os papéis sociais existentes na prisão para posteriormente compreender as identidades que se constituem nesse meio. A compreensão da prática religiosa no presídio deve considerar acima de tudo o contexto em que se aplica, ou seja, as relações, os valores e as normas existentes dentro da prisão.

As análises que se seguem foram feitas com base no estudo de caso realizado na Penitenciária Regional de Barbacena e em etnografias que abordam o tema da assistência religiosa nas prisões. Os autores lidos foram: Alessandro Bicca, Camila Caldeira Nunes Dias, Edileuza Santana Lobo, Eva Lenita Scheliga, Gilse Elisa Rodrigues, Jaime Luis Kronbauer, Laura Ordóñez Vargas, Mariana Côrtes, dentre outros.

Alessandro Bicca realiza seus estudos na Penitenciária Estadual do Jacuí no Estado do Rio Grande do Sul. O autor aborda como a questão da honra se configura na relação entre detentos crentes e detentos não crentes. Camila Caldeira Nunes Dias analisa a realidade da Penitenciária I de São Vicente em São Paulo e a Penitenciária do Estado de São Paulo. Os seus estudos problematizam a assistência de grupos religiosos evangélicos nas prisões e a visão da sociedade, de um modo geral, sobre essa assistência religiosa. Edileuza Santana Lobo analisa unidades prisionais do Complexo Frei Caneca no Rio de Janeiro. A autora nos

---

<sup>17</sup> Camila C. N. DIAS. Prática Religiosa na prisão: tensões e ambigüidades. *Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias*. V.4, n.1. São Paulo, 2005, p.153.

traz como a crença evangélica constrói um sistema cultural dentro da prisão e como esse sistema contribui cada vez mais para o crescimento das igrejas evangélicas. Eva Lenita Scheliga realiza seus estudos na Prisão Provisória de Curitiba e na Penitenciária do Estado. A autora analisa a compreensão do religioso no universo prisional por meio de experiências de conversão religiosa. Gilse Elisa Rodrigues realiza seus estudos na Penitenciária Madre Pelletier em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Rodrigues aborda a reconstrução biográfica de detentas por meio das práticas e do discurso religioso. Kronbauer faz suas análises com base em sua experiência no Presídio Central e na Penitenciária Estadual do Jacuí, ambos do Estado do Rio Grande do Sul. Jaime aborda as estratégias dos detentos evangélicos perante o estigma prisional e como estes suavizam a culpa de seus crimes atribuindo a ocorrência dos fatos a forças malignas. Laura Ordóñez Vargas analisa a realidade da Penitenciária Feminina do Distrito Federal. Em seu trabalho é mostrado os mecanismos de adaptação-resistência criados e vividos dentro da instituição prisional e como a religião se configura em meio a esses mecanismos. Mariana Côrtes faz uma análise mais abrangente na medida em que problematiza a questão dos presidiários convertidos ao pentecostalismo em meio ao contexto sócio-econômico.

A quase totalidade desses autores optou pelo estudo dos grupos religiosos evangélicos, conforme os próprios autores, isso se deve a expressividade da assistência religiosa evangélica, assim como ao maior número de grupos de assistência evangélica nas prisões.

Com base nas histórias narradas nas etnografias descritas acima e nos fatos ocorridos no nosso estudo de caso foi possível constatar o papel da religião como resposta a quatro principais situações: Em respostas as privações e humilhações sofridas no cárcere, a religião surge como um possível meio de fuga ou de auto-proteção das mazelas ali vividas. Em resposta ao arrependimento do crime cometido, os valores religiosos surgem como um possível meio de libertação das culpas. Em resposta a vida ociosa vivida na prisão, a religião aparece como um possível meio de lazer. E por último, em relação ao isolamento produzido pelo encarceramento, a religião configura-se em uma possibilidade de contato com o mundo exterior, através da interação com os agentes religiosos.

Antes que seja iniciada a apresentação das análises torna-se necessário esclarecer um aspecto central desta pesquisa. Não é intenção deste trabalho questionar a veracidade das intenções religiosas dos presidiários. Por ser uma análise de caráter científico social, a apreciação valorativa sobre as crenças de um determinado grupo social não pode ser aceitável

uma vez que essa questão foge a observação. Dessa forma, a análise centra-se não nos valores religiosos que o detento possui ou passa a possuir, mas nos usos que esse sujeito faz dos subsídios religiosos em questão.

A partir do nosso estudo de caso e dos trabalhos etnográficos analisados foi possível constatar a existência de dois processos no que tange a presença das religiões dentro das prisões, o processo de adesão religiosa e o processo de conversão religiosa. O processo de conversão religiosa ocorre predominantemente entre a religião evangélica, enquanto o processo de adesão acontece nos grupos de assistência católica.

## **O Pentecostalismo e a Conversão Religiosa nas Prisões**

Gilse Rodrigues em seu trabalho intitulado: “Transgressão, controle social e religião: Um estudo antropológico sobre as práticas religiosas na penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul” nos traz a questão da particularidade do processo de conversão nas instituições prisionais. A autora aborda a noção clássica de conversão para posteriormente relativizar esse conceito. Segundo ela, há a necessidade de se analisar a conversão religiosa dentro dos presídios levando-se em consideração a especificidade do espaço social em questão. Assim, o conceito de conversão deve ser compreendido como ‘a conversão intramuros’, uma vez que se constitui dentro de uma instituição total.

Torna-se necessário, dentro da perspectiva antropológica desse estudo, entender a conversão intramuros não como uma “falsa conversão”, mas como um processo de transformação do sujeito com dimensões e significados próprios.<sup>18</sup>

A autora, ao abordar a questão da instituição total, faz uso da teoria do sociólogo Erving Goffman presente na obra: “Manicômios, prisões e conventos”<sup>19</sup>. As instituições totais caracterizam-se por um local de residência no qual indivíduos dividem a situação de serem extraídos da vida social por um determinado período de suas vidas e passam a viver em

---

<sup>18</sup> Gilse E. RODRIGUES. Transgressão, controle social e religião: Um estudo antropológico sobre as práticas religiosas na penitenciária feminina do Estado do Rio Grande do Sul. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p.11.

<sup>19</sup> Erving GOFFMAN. *Manicômios, prisões e conventos*. 8ªed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

um sistema fechado, de reclusão e regramento. A retirada da vida social e o constante regramento das mínimas ações cotidianas levam o indivíduo submetido a esse sistema a processos complexos tais como a perda de sua identidade. Conforme o autor, esses processos podem ser denominados por “desculturamento” e “mortificação do eu”.

O processo de “desculturamento” é característico dos indivíduos internados por longa data. Quando estes indivíduos regressam ao mundo exterior percebem que já não sabem mais como lidar com as pequenas situações cotidianas, e assim tornaram-se destreinados culturalmente.

O processo de “mortificação do eu” ocorre mediante a degradação da identidade. Segundo Goffman, a permanência em uma instituição prisional faz com que o sujeito aprisionado perca a concepção de si próprio. Esse processo se dá por meio de dois fatores, as perdas pelas quais o presidiário sofre em reclusão e as constantes situações de humilhação provenientes dessa condição. As situações de humilhação ocorrem na medida em que o detento passa a ser moldado e podado em suas ações rotineiras. Goffman elenca algumas dessas situações tais como o corte de cabelo e a tomada de objetos pessoais. Conforme o autor, obrigar o indivíduo aprisionado a pedir ajuda ou permissão para que possa executar atividades realizadas antes de forma autônoma como fumar ou fazer uma ligação telefônica, o leva a total submissão. Assim, as perdas e os rebaixamentos físicos e morais contribuem, pouco a pouco, para a “mortificação do eu”.

O apoio oferecido pela assistência religiosa nos presídios pode ser uma forma de amenizar tanto o “desculturamento” quanto o “processo de mortificação do eu” uma vez que permite ao presidiário não apenas uma nova visão sobre si e sobre a vida, mas também porque proporciona ao detento um meio de vinculação a um grupo social.

Eva Lenita Scheliga em seu texto “Trajetórias religiosas e experiências prisionais: a conversão em uma instituição total” nos traz a questão da percepção da conversão como um processo estratégico. Conforme a autora a conversão nas instituições penais é comumente vista como uma estratégia do detento para se valorizar frente a administração prisional, aos colegas detentos, a família e a sociedade, e também uma forma de se preservar frente ao crime cometido e frente aos perigos encontrados na prisão tais como abusos de autoridade e conflitos entre os detentos. A perspectiva da conversão como um processo estratégico que se restringe a uma ação intencional do detento para a obtenção de vantagens, conforme a autora, traz pouco a oferecer para a compreensão do fenômeno religioso nas instituições penais.

Sheliga acredita na conversão como um acontecimento individual em relação a suas etapas e aos significados produzidos em cada uma delas, acontecimento esse que faz parte de um processo compartilhado e estruturado socialmente conforme as particularidades do processo prisional.

Tomo a conversão, portanto, como um processo individualmente elaborado e que, assim, apresenta arranjos muito particulares quanto a sequência de etapas de conversão percorridas e quanto aos significados atribuídos a cada uma delas. Mas é, sobretudo, um processo compartilhado, estruturado socialmente e de uma forma singular nesse processo prisional.<sup>20</sup>

Dessa forma, a compreensão da conversão religiosa dentro dos presídios não deve ser vista por meio da noção de uma falsa conversão, mas como um processo de transformação do sujeito encarcerado, no qual ele aceita um novo, porém, não único, ponto de referência para a reinterpretação de sua identidade.

Goffman em sua obra “Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”<sup>21</sup> analisa as noções e as relações que envolvem a questão da identidade estigmatizada. Goffman distingue três tipos de estigma que seguindo a ordem do autor são: primeiramente as marcas corporais e as deformações físicas. Posteriormente as culpas de caráter individual, tais como distúrbios mentais, vícios, desemprego, tentativas de suicídio - e o que nos interessa na presente análise - as marcas físicas, psíquicas e morais de reclusos penais. E por último os estigmas tribais de raça, etnia e religião. Embora somente o segundo tipo de estigma seja aqui retratado, vale ressaltar que todos eles possuem uma mesma característica sociológica: um indivíduo que poderia se relacionar normalmente, mas que possui um traço característico que pode se impor ou se impõe sobre suas demais características.

O indivíduo estigmatizado é passível das mais diversas discriminações, a partir de uma característica negativa em seu corpo ou em sua vida, uma série de outros predicados negativos lhe são atribuídos. As atitudes da sociedade como um todo em relação a uma pessoa com um

---

<sup>20</sup> Eva L. SCHELIGA. Trajetórias religiosas e experiências prisionais: a conversão em uma instituição total. *Comunicações do ISER*. n.61. Rio de Janeiro: ISER, 2009, p.75.

<sup>21</sup> Erving GOFFMAN. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

estigma prisional é em grande medida discriminatória. Conforme Goffman, o pensamento que prevalece socialmente acerca de um sujeito estigmatizado é de que este não seja uma pessoa com todas as suas faculdades humanas em ordem. Assim, o presidiário buscaria na religião elementos éticos e morais que minimizariam o seu estigma de presidiário.

Dias, considera a conversão religiosa nos presídios um processo de modificação no universo discursivo do indivíduo que acarreta mudanças de valores e de comportamentos perante a interpretação de acontecimentos. Segundo a autora a doutrina evangélica proporcionaria um arcabouço discursivo que pode levar a uma reconstrução biográfica. O discurso religioso evangélico pode conduzir o detento da anomia à restauração da ordem por meio do sentido propiciado pela conversão.

A presença dos grupos evangélicos nas instituições penais data no início da década de 90 juntamente com o ápice do movimento pentecostal. Conforme Lobo, em seu texto: “Ovelas aprisionadas: A conversão religiosa e o rebanho do Senhor nas prisões.”<sup>22</sup>, essa presença originou-se de iniciativas isoladas, condição que segundo a autora leva a conclusão de que o investimento nas instituições prisionais com o intuito de proselitismo religioso é algo recente. Assim, a partir da década de 90 o evangelismo ganha campo também dentro das prisões. Como nos mostra Dias, o sucesso desse empreendimento - que visa tanto a reprodução de crenças como a conquista de setores sociais marginalizados - se efetiva principalmente devido as condições precárias do sistema penitenciário.

Conforme a tradição protestante, a vida cotidiana é intrínseca a religião, sendo assim, o fiel deixa visível a sua opção religiosa. Se na sociedade mais ampla podemos identificar um crente pelos seus hábitos e comportamentos, no ambiente prisional a diferença entre presos crentes e não crentes torna-se ainda mais perceptível.

A presença dos pentecostais no ambiente prisional produziu uma nova dinâmica religiosa nesse espaço social. Hoje, é quase impossível entrar em qualquer unidade sem notar a presença dos “crentes” que ali estão procurando distinguir-se como tais, guardando certa distancia da “massa carcerária”. A construção de uma nova identidade iniciada a partir de um novo nascimento é acionada também corporalmente: a visibilidade dos pentecostais é percebida não apenas pela expressividade numérica, mas também pelo comportamento, pela forma de falar e de se vestir.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Edileuza S. LOBO. Ovelhas aprisionadas: a conversão religiosa e o “rebanho do senhor” nas prisões. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p.74.

<sup>23</sup>Id., 2009, p.22.

Portanto, entre os pentecostais a conversão produz transformações no modo de vida, transformações essas que ocorrem com o afastamento das coisas mundanas. A condição do convertido remete o preso a um novo universo simbólico e a uma série de valores que amenizam o estigma do preso.

A idéia recorrente é de que a conversão é uma transformação radical do viver, caracterizada pelo afastamento das coisas do mundo. Podemos interpretar a conversão como um processo que promove a ressignificação de práticas do bem, e sobretudo de representações; os princípios religiosos não apenas remetem a um outro mundo, como constituem um novo universo simbólico para o convertido.<sup>24</sup>

Os autores aqui analisados que abordam a assistência religiosa pentecostal, batista e metodista optam pela utilização do termo evangélico uma vez que este abarca tanto os pentecostais como os evangélicos pentecostais.

Kronbauer em seu texto “Significação da prática religiosa evangélica dentro das prisões – subjetividade norteadora diante de um ambiente de tensão, violência e precariedade”<sup>25</sup> aponta a crença evangélica como uma estratégia para lidar com o estigma do preso. Convertido a essa religião, o detento ameniza seus problemas na medida em que os atos criminosos cometidos por ele passam a responsabilidade do demônio. Segundo o autor, a conversão ao pentecostalismo é também um caminho para conquistar o respeito dos familiares, dos demais presidiários, e também uma medida de auto-proteção dentro dos presídios.

Em seu texto “Prática religiosa na prisão: tensões e ambigüidades” Dias analisa o discurso evangélico. Neste, a responsabilidade do ato delituoso cometido pelo sujeito encarcerado recai sobre o demônio ou como este é denominado, “inimigo”. Já as ações presentes e futuras passam a ficar sobre a responsabilidade de Deus. O sujeito não se reconhece no outro que praticou o crime e assim, se exima da responsabilidade de seu ato, o crime ou o pecado fica sob a responsabilidade do diabo ou de algum encosto que deliberou em seu lugar.

---

<sup>24</sup> Eva L. SCHELIGA. Trajetórias religiosas e experiências prisionais: a conversão em uma instituição total. *Comunicações do ISER*. n.61. Rio de Janeiro: ISER, 2009, p.81.

<sup>25</sup> Jaime L. KRONBAUER. Significação da prática religiosa evangélica dentro das prisões: subjetividade norteadora diante de um ambiente de tensão, violência e precariedade. *IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação*. Porto Alegre: PUCRS, 2009, p. 302.

Dias aponta que os detentos convertidos ao evangelismo buscam o resgate dos laços familiares rompidos ou estremecidos. A palavra de Deus e a família tornam-se a principal base de apoio para que o detento consiga sair de vez do mundo do crime. Assim, o grupo religioso e a família tornam-se sustentáculos da ordem moral.

A autora nos traz o conhecido panorama do indivíduo que decide levar uma vida criminosa.

O aprofundamento da vida desses indivíduos no mundo do crime é marcado, na maioria das vezes, pelo seu afastamento da família, o que caracteriza o momento de rompimento dos vínculos sociais mais importantes. Vínculos estes essenciais para a constituição do homem enquanto ser moral, e que nos torna parte do todo social.<sup>26</sup>

Na medida em que o indivíduo se radica no mundo criminoso, se afasta dos laços familiares, e quando preso passa pelo rompimento dos demais vínculos sociais. Assim, a conversão ao evangelismo é uma forma de re-configurar sua identidade para ser aceita entre seus familiares e também perante a sociedade. São muito frequentes também os casos em que o presidiário provém de uma relação familiar desestruturada, nessas situações não há forma viável de resgatar antigos laços. A opção que a igreja propõe ao indivíduo é que ele constitua uma nova família.

Laura Vargas em seu texto “Religiosidade: Poder e sobrevivência na Penitenciária Feminina do Distrito Federal” nos traz as variações de conversão entre católicos e evangélicos. Segundo a autora,

o discurso da pastoral carcerária, grosso modo, carrega em si, uma maior preocupação social em relação ao presidiário e ao contexto no qual ele está inserido. Enquanto o discurso evangélico tende a individualização ao fixar-se na relação entre a pessoa e Deus.<sup>27</sup>

Conforme a autora é criado, tanto pelo discurso evangélico como pelo discurso católico, embora o primeiro possua maior radicalidade, o modelo do “bom cristão”, onde a idéia do pecado persiste com grande força. Conforme Vargas, o discurso cristão cria parâmetros inatingíveis que impedem os detentos de se verem como pessoas de bem. A autora afirma que em seu estudo foram vários os depoimentos de detentas que passaram a acreditar

<sup>26</sup> Camila C. N. DIAS. Prática Religiosa na prisão: tensões e ambigüidades. *Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias*. V.4, n.1. São Paulo, 2005, p.160.

<sup>27</sup> Laura O. VARGAS. Religiosidade: poder e sobrevivência na Penitenciária Feminina do Distrito Federal. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p.33.

em Deus e que mudaram sua forma de pensar e agir, mas que em suas concepções ainda não se viam como pessoas realmente dignas.

Os parâmetros do discurso cristão colocam, as vezes, metas e modelos tão inatingíveis que impedem as internas de se pensarem como uma “boa pessoa”. Isso se exemplifica no depoimento de algumas delas que, ainda tendo mudado sua forma de agir e de pensar, e acreditando em Deus, não conseguem se considerar convertidas, ou seja, suficientemente boas.<sup>28</sup>

Como exemplo Vargas nos trás a questão da homossexualidade. Sendo a homossexualidade uma prática muito freqüente na instituição prisional, a homofobia dos grupos religiosos acabaria por afastar homens e mulheres de seu entorno, além disso, levaria muitos detentos a um conflito pessoal entre sexualidade e religiosidade.

Conforme Gilse Rodrigues em suas análises presentes no texto: “Em busca das ovelhas perdidas”<sup>29</sup>, nos sermões evangélicos há o predomínio de assuntos relacionados ao comportamento social, hábitos e estilos de vida e a assistência é marcada por intensa performatividade, característica fortemente presente em seus cultos. Segundo a autora, muitos pastores afirmam ser mais flexíveis com os presidiários, tentam convencê-los a não fumar, mas a vida em reclusão penal já é em si tão rigorosa que não há como fazer muitas exigências. Mas algo é fato, o presidiário que se torna crente passa a assumir uma série de novos hábitos, ele passa a ter maiores cuidados com a higiene pessoal, adequar seu vocabulário com o intuito de evitar palavrões e abandona vícios como o cigarro.

Edileuza Lobo em sua obra “Ovelhas aprisionadas: a conversão religiosa e o “rebanho do senhor nas prisões”<sup>30</sup> aborda como o processo de conversão dos presos levaria a duas faces: as críticas a respeito da veracidade ou não da conversão, e a superação da fronteira religiosa uma vez que a atuação dos agentes religiosos se estenderia a outras dimensões sociais da prisão. Se a conversão acarreta a crítica de que o presidiário estaria se escondendo

---

<sup>28</sup> Ibid., p.34.

<sup>29</sup> Gilse E. RODRIGUES. Em busca das ovelhas perdidas: as relações entre Estado e instituições religiosas nos processos de controle e reabilitação de mulheres encarceradas na Penitenciária Feminina do Estado do Rio Grande do Sul. *Associação Brasileira de Antropologia*. 25ª ABA. Brasília: ABA, 2006, p.11.

<sup>30</sup> Edileuza S. LOBO. Ovelhas aprisionadas: a conversão religiosa e o “rebanho do senhor” nas prisões. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p.73.

atrás da Bíblia, por outro lado é compreendida como um processo que de fato produz sentido a vida do detento na medida em que a igreja supriria outras necessidades à vida do preso, por meio do contato com o agente religioso que escuta seus problemas, ou por meio de grupos de estudo, de cursos e oficinas estabelecidas dentro da prisão. Muitas igrejas evangélicas desenvolvem projetos em parcerias com empresas e instalam dentro das prisões cursos de teologia e cursos profissionalizante como elétrica e eletrônica.

As instituições religiosas evangélicas ao exercerem atividades dentro dos presídios acabam em muitos casos a executar funções que são de responsabilidade do Estado e assim estabelecem parcerias informais com os grupos administrativos das unidades prisionais. Como aponta Lobo<sup>31</sup>, os diretores das unidades são simpáticos a presença dos evangélicos ou por compartilharem a mesma crença ou devido ao fato dos grupos evangélicos viabilizarem projetos nas unidades.

Mas a desconfiança por parte da administração do presídio, de funcionários da instituição e de presidiários não religiosos com relação aos detentos convertidos ao pentecostalismo também existe e chega a ser ainda maior devido as profundas mudanças de comportamento assumidas pelo convertido. Nos trabalhos etnográficos analisados foram expostos uma série de jargões usados pelos funcionários dos presídios e pelos presidiários não religiosos para se referirem aos detentos religiosos. Camila Dias<sup>32</sup> aponta em seu estudo que os detentos convertidos ao pentecostalismo são pejorativamente denominados de “irmãos” ou “crentes”, ou ainda, são os que se escondem atrás da Bíblia ou atrás da igreja.

Alessandro Bicca em seu estudo sobre conversão evangélica afirma que a desconfiança em relação ao detento que se converte dentro dos presídios perde força à medida que este passa a obedecer aos códigos de honra dos presos e a ter uma conduta condizente com os preceitos da igreja. No entanto, entre os detentos não religiosos e entre os funcionários do presídio prevalece a opinião de que a veracidade religiosa pode ser avaliada somente quando o detento estiver em liberdade.

Apesar desse discurso esmorecer, a dúvida acerca da veracidade da conversão persiste, tanto entre detento não-crentes, como entre os funcionários. No entanto,

---

<sup>31</sup> Ibid., p.75.

<sup>32</sup> Camila C. N. DIAS. Prática Religiosa na prisão: tensões e ambigüidades. *Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias*. V.4, n.1. São Paulo, 2005, p.165.

entre os detentos não-crentes não é a certeza da conversão – pois essa, como afirmam, somente é possível de ser avaliada quando o “irmão” sair em liberdade.<sup>33</sup>

Dias nos mostra que nas grandes penitenciárias, onde há a autoridade paralela devido ao sistema de criminalidade que vigora em seu interior, a conversão religiosa torna-se uma alternativa de sobrevivência. Inserido no mundo religioso o preso deixa de fazer parte do sistema de criminalidade sem ser perseguido pelos detentos de sua facção que poderiam ver na desistência do colega, uma traição devido a uma possível mudança de facção. Nesses casos, muitos detentos abrem mão de certa integridade moral, pois para saírem do mundo do crime na prisão estabelecido e terem suas vidas preservadas, realmente escondem-se atrás da igreja. Conforme Jaime, a religião torna-se uma estratégia para o presidiário se proteger de eventuais assédios e ameaças dentro do ambiente carcerário, mas também impõe requisitos ao detento para que ele seja aceito entre os evangélicos.

Esse panorama nos mostra que a presença da religião evangélica nos presídios faz parte de um cenário muito mais complexo do que a discussão que vigora na sociedade, se a religião nos presídios é uma forma ou não de se constituir certos tipos de ressocialização. Dias nos traz um quadro no qual autoridades legitimadas socialmente são deslegitimadas pelo autoritarismo criminoso que constrói um sistema criminal dentro dos presídios e assim passam a exercer seu domínio. Com isto, a autoridade deslegitimada corrobora com um sistema religioso que serve antes para encobrir do que para levar conforto espiritual. Assim, a religião nos presídios está longe de corroborar com o processo de ressocialização entre os indivíduos, assim como garantir a esses, liberdades religiosas.

## **O catolicismo e a Adesão Religiosa nas Prisões**

A adesão religiosa é um processo que se caracteriza de forma amena e bem menos intensa que o processo de conversão religiosa. Como vimos anteriormente, o processo de conversão religiosa é proveniente da assistência dos grupos evangélicos que exigem uma completa absorção do sujeito em relação aos preceitos religiosos. Em relação a assistência religiosa católica, a ligação que se estabelece entre presidiário, agente religioso e religião é mais branda e flexível, uma vez que o preso não precisa ser católico para participar da

---

<sup>33</sup> Alessandro BICCA. A honra na relação entre detentos crentes e não-crentes. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p.94.

assistência. O objetivo central do trabalho católico nos presídios não é converter o preso ao catolicismo, mas levar a eles reflexões baseadas nos valores cristãos para que o detento seja capaz de desenvolver uma maior consciência sobre sua vida e suas ações perante a sociedade.

Como foi exposto no tópico anterior, o processo de conversão religiosa ocasiona modificações no universo discursivo do sujeito. Novo sentido é dado aos acontecimentos de sua vida e ele passa a adquirir novos valores e comportamento. Conforme os autores acima analisados, a doutrina evangélica proporciona ao sujeito um arcabouço discursivo que pode conduzi-lo a construção de uma nova biografia. Todo esse processo faz com que o presidiário saía da anomia e restaure a ordem e o sentido em sua vida.

A adesão religiosa promovida pela Pastoral Carcerária também permite que o detento restaure o sentido em sua vida. Por meio do discurso religioso são introduzidas reflexões sobre suas ações perante a sociedade para que eles se tornem mais conscientes de suas responsabilidades. Dessa forma, a assistência da Pastoral Carcerária proporciona ao preso um arcabouço reflexivo para que ele possa rever suas atitudes passadas, refletir sobre sua condição atual e pensar em novas atitudes para o seu futuro.

Segundo os autores acima analisados, a conversão religiosa nos presídios não deve ser compreendida como uma falsa conversão, mas como um processo de transformação do presidiário, no qual ele aceita um novo, porém, não único, ponto de referência para a reorganização de sua identidade. Nesse sentido, conversão e adesão, no contexto prisional, podem tornar-se muito próximas, na medida em que levam novas referências as experiências vividas. É claro que cada um a sua proporção e a sua intensidade.

Conforme exposto no capítulo anterior, o trabalho da Pastoral Carcerária foi instituído no ano de 1986, no entanto, a visitação de grupos religiosos católicos aos presídios já ocorria a muitos anos anteriores. Na década de noventa, devido ao aumento das rebeliões e a intensificação da violência nos presídios, a Pastoral Carcerária intensificou seu trabalho na mesma medida em que vários setores administrativos do Estado abriram espaço para a atuação dos grupos religiosos nas prisões.

Desde o seu surgimento, o objetivo central da Pastoral Carcerária é levar as prisões valores cristãos, principalmente no que se refere aos ensinamentos de Jesus Cristo para com os homens excluídos. Conforme o material presente no site oficial da pastoral e a prática do grupo acompanhado, o objetivo da assistência aos presídios não está nas orações, nas missas, nem na tentativa de conversão dos presidiários, mas na tentativa de levar a eles o amor

cristão. A finalidade do trabalho católico nos presídios é levar conscientização ao preso e encurtar as distâncias entre a vida encarcerada e a vida em liberdade.

De acordo com a posição oficial encontrada no site, o homem contemporâneo vive uma contradição, está vazio de vida interior e rico de vida exterior. Essa condição traz a necessidade de levar aos presídios uma maior conscientização sobre os seus atos e suas condições. Assim, por meio dos diálogos e discursos os integrantes da pastoral buscam conscientizar o preso para que ele tenha maior autonomia sobre sua vida.

Os diálogos se desenvolvem com muito respeito, os membros da pastoral possuem muita sensibilidade no direcionamento das questões, os presos nunca são questionados ou julgados por seus crimes. O discurso é constituído com base em duas questões: a igualdade dos homens perante Deus e a existência de duas justiças, a do homem e a de Deus.

O discurso da igualdade humana perante Deus firma-se na condição de falibilidade humana, ou seja, todos os homens são pecadores diante de Deus, sejam presidiários ou não. Os membros da pastoral colocam que o que é importante para Deus é a remissão do homem, arrependido de seus pecados, o pecador estará perdoado.

Em relação a existência das duas justiças, a justiça de Deus e a justiça dos homens, os integrantes da pastoral estabelecem que embora a justiça dos homens seja falha, condene inocentes e inocentei culpados, os presidiários não devem se revoltar ou se abater com essas questões, pois Deus sabe de cada um e a justiça dele nunca falhará.

O intuito de reduzir as distâncias entre a vida em liberdade e a vida em encarceramento ocorre uma vez que o presidiário deve compreender a prisão como um momento passageiro de remissão de seus pecados e não uma condição duradoura. Assim, os detentos devem aproveitar o momento de reclusão para refletirem sobre suas vidas, mas jamais devem se deixar abater. Devem manter sempre a cabeça erguida, principalmente quando estiverem em liberdade, pois embora tenham cometido pecados, eles já terão cumprido suas penas.

No estudo de caso, a questão que mais foi evidenciada foi a relação entre agentes religiosos e presos, uma relação marcada por muito respeito. Se em um primeiro momento os presidiários pudessem intimidar quem ali estivesse diante deles pelo fato de serem presidiários, em um segundo momento, qualquer espécie de temor que poderia surgir dessa situação é esquecido, pois os presos se mostram extremamente respeitosos e até mesmo submissos em relação aos membros da Pastoral Carcerária.

Portanto, se em meio a temática da presença das religiões nos presídios impera a questão da veracidade ou não dos presidiários perante os valores religiosos, o estudo de caso realizado mostrou uma certeza, o enorme respeito dos presos para com os agentes religiosos. O respeito advém não somente por eles serem agentes vinculados a uma religião, esse respeito advém também e principalmente de uma relação de reciprocidade instituída pelos membros da Pastoral Carcerária, na qual agentes religiosos e presidiários se interagem de igual para igual.

Dessa forma, é possível afirmar que o apoio dos membros da pastoral aos presidiários é uma forma de reduzir as distâncias entre a vida em liberdade e a vida em reclusão e isso porque os presos se sentem menos abandonados e mais acolhidos devido a atenção dos agentes religiosos. Os breves diálogos estabelecidos entre os momentos de oração faz com que os detentos desabafem, os agentes religiosos aconselhem, e assim é estabelecido um apoio tanto espiritual como psicológico.

A própria presença dos agentes religiosos já é em si algo que encurta as distâncias entre o mundo da liberdade e o mundo da prisão. A presença dos membros da pastoral é algo que traz novidade a rotina do presídio, são frequentes as perguntas dos presidiários sobre algum acontecimento que está se passando na cidade ou na sociedade de um modo geral. Os presos também perguntam sobre suas famílias em casos em que estas são assistidas pelo trabalho da pastoral, os agentes religiosos falam como elas estão e também levam recados das famílias aos presos. Assim, a presença dos membros da Pastoral Carcerária se configura como um apoio que reduz as distâncias entre a vida em reclusão e a vida em liberdade.

Como exposto anteriormente, a reclusão penal faz com que o sujeito aprisionado passe por restrições e regramentos que desembocam em processos complexos de desculturamento e descaracterização do eu, ou como delimitado por Goffman, “mortificação do eu”. Erving Goffman presente na obra: “Manicômios, prisões e conventos”<sup>34</sup>. Em meio as limitações da vida em carceragem, a assistência religiosa nas prisões pode surgir como um meio capaz de amenizar esses processos na medida em que trazem um novo contexto simbólico ao detento. No que tange a assistência católica, as figuras de Deus e de Cristo surgem como um recurso de esperança, um elemento motivador.

---

<sup>34</sup> Erving GOFFMAN. *Manicômios, prisões e conventos*. 8ªed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

São vários os momentos em que os presos falam sobre situações de dificuldade e citam a presença de Deus e de Cristo como um mecanismo de atenuação dos problemas. *“A gente lê a Bíblia, reza, pede a Deus e ele ajuda”*. *“A gente brinca assim, mas só Deus Dona Augusta, só Deus. As vezes o desespero é muito e acho que nem ele, mas depois eu vejo que sem nada, sem fé a gente não consegue”*.

Além da importância de Deus e de Cristo, a família torna-se um segundo elemento motivador. No estudo de caso foi possível perceber que os detentos passam a fazer uma distinção entre dois grupos de pessoas, os familiares e os amigos que os apóiam e os familiares e os amigos que os julgam e os renegam. No primeiro caso há uma demonstração de grande carinho em relação ao apoio dado por familiares e amigos. *“Eu sai de casa pra morar com ele, ele sabe. Aprontei e aprontei e ela sabia de tudo, o pessoal do bairro contava pra ela. Mas ela (choro) veio me ver, disse que quando eu sair daqui, que é pra eu voltar para casa...”* No segundo caso, a questão torna-se um pouco mais complexa. O detento que não tem o apoio de seus familiares e amigos, ou revolta-se contra os mesmos ou aceita e compreende a atitude dos entes. Muitos reclamam que esposas e filhos não vão lhe visitar, e ao mesmo tempo acham que talvez assim seja melhor porque sentem muita vergonha quando os familiares o vêem em tal situação.

Entre as mulheres é freqüente a menção a algum parceiro amoroso, na maioria das vezes, esta mulher era cúmplice deste homem e no momento em que ela mais precisa de proteção, foi abandonado por ele. Assim, a figura de Deus e de Cristo surgem como alicerce para o difícil momento onde se juntam os sofrimentos procedentes da situação de abandono por parte do parceiro e os sofrimentos gerados pela reclusão prisional. *“A gente acha que é o maior amor do mundo, e é só burrada atrás de burrada, depois, só sofrimento. Ai que a gente vê, que amor mesmo é só o de Deus, o de mãe, o de amiga, porque estão sempre com a gente. Homem? Homem cai fora.”*

Os agentes religiosos por meio das passagens bíblicas falam aos presos sobre o sofrimento da vida em carceragem, da vida do homem humilhado, da vida do homem que sofre desconfianças, do homem renegado. Assim, tocam em suas feridas, mas não para machucá-los, mas para mostrar-lhes que não são somente eles que passam por momentos de provação. Sempre citam a figura de Jesus colocando-o como um homem próximo a eles, pois Cristo também foi humilhado, sofreu violências físicas e morais, foi preso e crucificado.

Assim como equipe administrativa e agentes penitenciários questionam a veracidade dos presos convertidos ao pentecostalismo, a adesão aos preceitos católicos também é questionada por esses mesmos setores. A equipe administrativa do presídio Regional de Barbacena e os agentes penitenciários questionam a veracidade das adesões religiosas dos presidiários. A grande maioria não acredita na regeneração do preso por meio da religião, mas buscam manter uma boa relação com os membros da Pastoral Carcerária, ou por que partilham a mesma crença religiosa, ou por que, embora duvidem das intenções dos presos assistidos, alegam que a assistência contribui para amenizar a agressividade dos presos.

Em relação a posição dos presos não vinculados a religião católica sobre a crença dos presos que se vinculam a ela, não há maiores questionamentos acerca das veracidades das intenções religiosas, uma vez que ser assistido pela Pastoral Carcerária não significa partilhar as mesmas crenças da pastoral. E isso porque participar da assistência católica no presídio pode ser devido a uma intenção religiosa, pode ser também uma forma de estar em interação de forma diferente e com pessoas diferentes, como pode ser uma coisa de momento, o detento participa da assistência quando ele quiser, de maneira periódica ou não.

Tanto a adesão como a conversão religiosa trazem sentidos a vida do presidiário na medida em que suprem necessidades espirituais, assim como produzem sentido a outras esferas da vida, tais como a esfera afetiva e psicológica. O discurso religioso que professam preenche lacunas e pode fazer com que o presidiário reavalie sua vida em relação a acontecimentos passados, tenha uma nova postura no momento presente e se esforce para ter uma nova atitude futura.

### ***1. O Discurso Religioso nas Prisões***

Laura Vargas em seu texto intitulado “Religiosidade: Poder e sobrevivência na Penitenciária Feminina do Distrito Federal”, afirma que a assistência religiosa nas prisões desempenha a função de um mecanismo de “adaptação resistência”. Conforme Vargas, para o grupo de presas estudado por ela, os agentes religiosos e o discurso religioso levam sentido as suas vidas.

Como outra face da mesma moeda, para as internas, a presença dos grupos religiosos, bem como a adoção de seu discurso, desempenha um papel de profunda eficácia, individual dentro desse contexto e sobre esse grupo de mulheres aprisionadas, e atua como um mecanismo de “adaptação resistência”. Dada a

necessidade e a possibilidade, na falta de outras, os grupos e o discurso religioso preenchem de sentido e de finalidade a vida atrás das grades para muitas internas. Através deles, as internas se singularizam frente a Deus e frente aos agentes religiosos.<sup>35</sup>

Para Camila Dias, o discurso religioso permite ao presidiário a re-significação de sua trajetória biográfica, novo sentido é dado ao passado, ao presente e ao futuro. Para o preso, a religião, assim como o trabalho e a educação tornam-se caminhos possíveis para o retorno a aceitação social e familiar. Conforme Dias, por meio do discurso religioso o indivíduo reconhece o erro praticado no passado, vê no presente uma forma de pagar pelo erro cometido e estabelece planos futuros para superar o pensamento do “aqui e agora” tão característico a condição de vida na prisão.

A conversão religiosa permite, em suma, uma reinterpretação biográfica dentro do aparelho legitimador da nova realidade proposta pelo discurso religioso. Esse aparelho legitimador promove a harmonização do passado, do presente e do futuro do indivíduo, descartando alguns traços e eventos, resignificando outros, produzindo, dessa forma, um conjunto de acontecimentos que são plenamente significativos. Afasta-se, assim, o caos e a anomia, e restaura-se a ordem e o sentido da vida do converso.<sup>36</sup>

Gilse Rodrigues em seu texto: “Em busca das ovelhas perdidas”<sup>37</sup> aborda que há o predomínio de uma lei sagrada ou como fonte de normatividade ou como recurso discursivo. Segundo a autora, o recurso discursivo aparece quando o preso precisa explicar a si mesmo o ato cometido por ele.

No contexto de aprisionamento os detentos são privados senão de todos, de boa parte de repertórios lingüísticos para se pensar o mundo. Assim, a linguagem religiosa surge como um desses possíveis repertórios lingüísticos para dar sentido a vida. Em meio as circunstâncias de isolamento, restrições e limitações pelas quais os presidiários são submetidos em uma instituição prisional, em meio as limitações de ordem física, psicológica e

---

<sup>35</sup> Laura O. VARGAS. Religiosidade: poder e sobrevivência na Penitenciária Feminina do Distrito Federal. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p.29.

<sup>36</sup> Camila C. N. DIAS. Evangélicos no Cárcere: Representação de um papel desacreditado. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p.43.

<sup>37</sup> Gilse E. RODRIGUES. Em busca das ovelhas perdidas: as relações entre Estado e instituições religiosas nos processos de controle e reabilitação de mulheres encarceradas na Penitenciária Feminina do Estado do Rio Grande do Sul. *Associação Brasileira de Antropologia*. 25ª ABA. Brasília: ABA, 2006, p.07.

também discursivas, a linguagem religiosa permite ao sujeito encarcerado adentrar-se em um processo de re-ordenamento de sua própria vida.

No Presídio Regional de Barbacena, essa questão pôde ser facilmente constatada. Privados da vida social, os presidiários passam a compartilhar um pequeno núcleo de convívio. No presídio, as formas e os meios de comunicação se restringem basicamente aos diálogos entre os colegas de cela, aos diálogos estabelecidos nos dias de visitação, a breves comunicações com os agentes penitenciários, aos diálogos com os agentes religiosos e a comunicação assistida pelos canais rádio e televisão.

O rádio e a televisão também se constituem como um fundamental meio de socialização. Durante as visitações, a maioria das celas apresentava o rádio e o aparelho de televisão ligados. Nos momentos iniciais, antes da assistência ser iniciada, era possível ver grande parte dos presos ouvindo rádio, assistindo televisão ou conversando sobre algum programa midiático.

Conforme apontam os trabalhos etnográficos, o discurso religioso permite ao preso reflexões sobre suas a es, mas não necessariamente no sentido de responsabilização do crime cometido. Nas religiões pentecostais a responsabilização recai sobre a figura do demônio. Essa assistência enfatiza a manifestação tanto gestual como verbal dos indivíduos assistidos, contrariamente ao que ocorre com a assistência católica, esta enfatiza a reflexão do assistido por meio do discurso do agente religioso.

Por meio do discurso religioso o presidiário pode re-configurar seu passado, presente e futuro atribuindo aos mesmos novos sentidos e significados. O seu presente no cárcere passa a ser melhor aceito como forma de cumprir sua pena; e isso porque ele deve cumprir não somente a pena da justiça dos homens, mas também a pena da justiça de Deus. E o seu futuro passa a ser pensado além de uma visão intramuros, o detento passa a se re-configurar na vida que terá em liberdade.

## **Converter para libertar: O discurso dos grupos de assistência religiosa evangélica**

A conversão religiosa pentecostal leva o presidiário a intensas mudanças, seja em sua forma de conceber o mundo, seja em suas ações cotidianas. Conforme nos traz Camila Dias em seu texto “Conversão evangélica na prisão: sobre ambigüidade, estigma e poder”<sup>38</sup> a conversão religiosa pentecostal se firma sobre o princípio explicativo do milagre, ou seja, por meio da intervenção divina o preso se transforma em um outro sujeito com novos valores, crenças e comportamentos.

Em seu texto “Prática religiosa na prisão: tensões e ambigüidades”<sup>39</sup> Dias analisa o discurso evangélico. Neste, a responsabilidade do ato delituoso cometido pelo sujeito encarcerado recai sobre o demônio ou como este é denominado, “inimigo”. Já as ações presentes e futuras passam a ficar sob a responsabilidade de Deus. O sujeito não se reconhece no outro que praticou o crime e assim, se exima da responsabilidade de seu ato, o crime ou o pecado fica sob a responsabilidade da ação do diabo.

Gilse Rodrigues em seu texto “Transgressão, controle social e religião: Um estudo antropológico sobre práticas religiosas na Penitenciária Feminina do Estado do Rio Grande do Sul”<sup>40</sup> aborda que as instituições religiosas pentecostais possuem a capacidade de interferir profundamente nas culturas reinterpretando-as e reelaborando-as. Conforme o discurso pentecostal, o crime cometido passa a ser visto unicamente sob a perspectiva religiosa. As ações delituosas passadas passam a ser de responsabilidade do inimigo, enquanto as ações presentes e futuras passam a responsabilidade de Deus. Assim, a conversão representa a libertação do demônio, considerado a fonte de todo o mal, e o reencontro do presidiário com sua natureza divina.

---

<sup>38</sup> Camila C. N. DIAS. Conversão evangélica na prisão: sobre ambigüidade, estigma e poder. *Plural – Revista do curso de Pós-Graduação em Sociologia da USP*. n.13. Cidade: São Paulo. USP, 2006, p.03.

<sup>39</sup> Laura O. VARGAS. Religiosidade: poder e sobrevivência na Penitenciária Feminina do Distrito Federal. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p.34.

<sup>40</sup> Gilse E. RODRIGUES. Transgressão, controle social e religião: Um estudo antropológico sobre as práticas religiosas na penitenciária feminina do Estado do Rio Grande do Sul. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p.17.

O presidiário convertido ao pentecostalismo é levado por meio do discurso pentecostal a re-interpretar seu passado. Nesse discurso, a transgressão cometida por ele fere muito mais a lei divina do que a lei social, assim, a prisão é vista como um momento necessário em sua vida, pois é no sofrimento vivenciado na instituição que o preso terá o aprendizado necessário para seguir no caminho de Deus. A questão do pecado, elemento norteador do discurso evangélico, é o resultado de uma vida controlada pelo demônio. Dessa forma, para deixar essa vida o sujeito precisa nascer de novo e isso acontece quando ele passa pelo processo de conversão.

Assim, conforme Kronbauer em seu texto “Significação da prática religiosa evangélica dentro das prisões – subjetividade norteadora diante de um ambiente de tensão, violência e precariedade”<sup>41</sup> os presidiários amenizam seus problemas de consciência na medida em que atribuem as forças demoníacas toda a responsabilidade por seus atos criminosos.

Dessa forma, a linguagem religiosa pentecostal, em um primeiro momento, configura-se como reposta as necessidades humanas provindas de uma vida em reclusão penal. Em um segundo momento é re-apropriada pelo sujeito encarcerado e se torna um meio para a libertação de suas culpas.

Por meio da linguagem religiosa pentecostal o presidiário reavalia o seu histórico de vida, anula certas experiências ao mesmo tempo em que elenca outras, com o intuito de explicar as práticas que o levam ao atual estado de reclusão. Os acontecimentos de sua vida adquirem um novo significado de acordo com os subsídios que a religião passa a lhe proporcionar.

Nesse processo o detento pode pensar e, por conseguinte reordenar sua situação atual por meio da reinterpretação do ato delituoso cometido por ele. Assim, a linguagem religiosa leva aos presos um dispositivo de proteção de suas identidades, além de funcionar como um recurso a normatividade ao promover a redução do processo de mortificação do eu.

Rodrigues nos traz uma diferença muito importante entre o discurso de ordem evangélica e o discurso católico. Os evangélicos possuem uma tendência individualista, ou seja, da pessoa com Deus, dos hábitos e das crenças dos sujeitos em relação as leis divina. O

---

<sup>41</sup> Jaime L. KRONBAUER. Significação da prática religiosa evangélica dentro das prisões: subjetividade norteadora diante de um ambiente de tensão, violência e precariedade. *IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação*. Porto Alegre: PUCRS, 2009, p. 302.

discurso católico por sua vez possui uma tendência mais social na medida em que busca levar aos presidiários reflexões sobre suas vidas e sobre suas posturas perante a sociedade.

### **Conscientizar para libertar: o discurso da Pastoral Carcerária Católica**

Conforme vimos no capítulo 2 no texto “Mística da Pastoral Carcerária”<sup>42</sup> a missão da Pastoral Carcerária é levar as prisões os valores cristãos e a prática de Cristo junto aos excluídos. O discurso promovido pela pastoral visa duas questões: reduzir as distâncias entre a vida em liberdade e a vida em encarceramento e promover a conscientização do presidiário em relação a sua condição.

O objetivo de reduzir as distâncias entre a vida em liberdade e a vida em encarceramento vai no sentido de fazer com que o presidiário compreenda a prisão como um momento passageiro. Um momento de penalização sim, mas uma penalização que o auxilie, que o leve a reflexão sobre suas ações no mundo. A busca pela conscientização do preso visa levá-lo a reflexões sobre sua vida, para que ele desenvolva certa autonomia e encontre o caminho para a sua libertação.

Conforme a Pastoral Carcerária o presidiário jamais deve se sentir marginalizado ou abandonado, sensações que o levam a revolta e a angústia. Sendo assim, seus membros defendem o fim das rotulações de cunho irrecuperável tais como: bandido, criminoso, marginal, uma vez que essas rotulações podem fazer com que os sujeitos encarnem os estereótipos produzidos por elas e se tornem realmente irrecuperáveis.

Como exposto no capítulo 2, padre Silveira em seu texto<sup>43</sup> afirma que nas últimas décadas os trabalhos da pastoral se basearam em reflexões humanísticas que ocasionaram formulações de ordem antropológica e evangélica.

As formulações antropológicas abordam questões como a prevenção, o tratamento e a reinserção social do preso; assuntos que se relacionam a problemas sociais. No entanto, no acompanhamento realizado com o núcleo pastoral de Barbacena, essas questões não foram abordadas nos diálogos que os agentes religiosos estabeleceram com os presidiários, apenas

---

<sup>42</sup>Mística da Pastoral Carcerária. Em: <<http://carceraria.tempsite.ws/fotos/fotos/admin/formacoes/bc3403b69515aabc883500599b882174.pdf>>, Acesso em: 17 de agosto de 2010.

<sup>43</sup>Pe. Valdir SILVEIRA. *Critérios Teológicos da Pastoral Carcerária*. Em: <[http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat\\_cod=2897](http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat_cod=2897)>, Acesso em: 20 de agosto de 2010.

os critérios evangélicos, mas ainda sim de forma muito superficial, foram reproduzidos nos discursos dos membros da Pastoral Carcerária. Os critérios evangélicos relacionam-se a reflexões de ordem teológica e aos valores cristãos. Como o núcleo pastoral de Barbacena não é diretamente acompanhado por padres os outros profissionais da igreja os critérios teológicos não são abordados com profundidade, mas constantemente são colocadas reflexões sobre os valores de Cristo perante os homens marginalizados.

Com base no acompanhamento realizado foi possível constatar uma mesma estrutura de discurso da Pastoral Carcerária da cidade de Barbacena.

Primeiramente é exposto o fato do preso, em algum momento de sua vida, ter praticado um crime, ou mais precisamente cometido um pecado. Assim ele não agiu conforme os valores cristãos, conforme a lei de Deus. *“Vocês pecaram, fizeram algo errado.”*

A prisão surge como uma forma do preso pagar pelo crime cometido, pelo pecado realizado por ele. Assim, os detentos precisam aceitar o encarceramento sem revoltas. Eles devem aproveitar o momento pelo qual estão passando para refletirem sobre seus atos e suas vidas. *“Vocês precisam aceitar a prisão como uma forma de estarem pagando pelo erro cometido. E assim, não se revoltarem com a situação na qual se encontram.”*

Em sequência, a condição do encarceramento é dada como algo passageiro. Um momento no qual os presos precisam passar para pagarem pelo crime cometido, para refletirem sobre os pecados praticados, sobre o mal causado tanto ao outro, como a seus familiares e a si próprio. Para que esse momento se torne menos sofrível, os presos devem se apegar a Deus, para que tenham força e para que entre luz em suas vidas. *“Vocês precisam entender que aqui dentro vocês estão pagando pelo pecado de vocês. Mas isso é hoje, é agora, amanhã vocês não estarão mais aqui.”*

Posteriormente é enfatizado que os presos não devem se abater e nem se sentirem inferiores. Passado o momento da prisão, pagadas as penas e arrependidos de seus pecados, os presos devem voltar à sociedade de cabeça erguida. *“Vocês vão estar lá fora, e lá devem estar de cabeças erguidas.”*

O discurso católico nas prisões baseia-se na existência de duas justiças: a justiça dos homens e a justiça de Deus. A justiça divina concebe todos os homens de forma igualitária, pois todos estão sujeitos a falibilidade. Os presos são reconhecidos como pecadores, mas redimidos de seus pecados eles ganham o perdão de Deus. Nessa lógica a prisão assume a função de meio capaz de conduzir o preso a remissão de seus pecados, pois reclusos eles

passam por sofrimentos e assim pagam a pena do crime cometido. A vida na prisão é vista como um momento passageiro pelo qual o detento precisa passar para que ele possa refletir sobre seus atos e sobre sua vida. A prisão é considerada também um momento necessário uma vez que os homens não se encontram somente sob a justiça divina, encontram-se também sob a justiça dos homens e sendo assim, devem cumpri-la.

Assim, o preso deve pagar por duas dívidas, a dívida com Deus e a dívida com a sociedade. Mesmo quando o detento finaliza sua dívida com Deus, ele precisa pagar sua dívida com a sociedade, sendo assim, ele precisa cumprir corretamente sua pena na prisão. *“Vocês estão aqui, já sofreram o suficiente. Deus sabe que já se arrependeram de seus pecados. Vocês tinham uma falta com Deus, ela já foi perdoada. Mas vocês precisam cumprir a dívida de vocês perante a sociedade.”*

Outro ponto muito enfatizado pelos membros da pastoral é a sabedoria e a justiça divina. Somente Deus conhece cada filho seu e somente ele sabe o que cada filho seu necessita. Assim os presos devem rezar e confiar em Deus para que consigam superar suas dificuldades. *“A gente passa pro momentos difíceis, todos nós passamos. Mas o que a gente não pode é se revoltar contra Deus. Deus sabe o que faz.”*

Com base na leitura dos textos encontrados no site da Pastoral Carcerária foi possível concluir que a Pastoral Carcerária deve promover nos presídios um discurso conscientizador, ou seja, fazer com que o preso reflita, com base nos critérios antropológicos e evangélicos, sobre sua condição em relação à sociedade e em relação aos preceitos religiosos. No entanto, a prática nem sempre acompanha essa estrutura discursiva. Na assistência promovida pelo núcleo pastoral de Barbacena o discurso religioso baseia-se nos critérios evangélicos, conforme os valores de seus integrantes, mas não há uma discussão acerca dos critérios antropológicos. Essa limitação do núcleo pastoral de Barbacena deve-se em grande medida a ausência de um maior acompanhamento da igreja em relação as atividades realizadas pelo grupo que se torna autônomo, mas não por vontade e sim por necessidade.

Mas como podemos constatar acima, embora o discurso se torne restrito a valores e interpretações pessoais dos integrantes do núcleo religioso, ele ainda assim, leva aos presidiários reflexões na busca de uma maior consciência sobre suas ações e sobre sua postura frente as leis de Deus e a sociedade. Portanto, pode-se dizer que o discurso do núcleo pastoral de Barbacena cumpre com o objetivo de promover a conscientização dos presidiários.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa nos mostrou que mais do que questionar a veracidade das conversões dentro das prisões, é necessário compreender como os elementos religiosos proporcionam aos presidiários dimensões simbólicas em diversas esferas de sentido, além da religiosa, a social, a psicológica, a afetiva e até mesmo a econômica. Não se trata aqui de defender a atuação dos grupos religiosos nos presídios, mas simplesmente de pontuar uma constatação feita ao longo da pesquisa.

Foi visto que a assistência religiosa nos presídios permite ao presidiário não apenas uma nova visão sobre si e sobre a vida, mas também proporciona ao detento formas diferenciadas de amenizar as restrições provenientes do encarceramento. A religião surge como auto-proteção em relação as privações e humilhações sofridas na prisão, surge como um meio de libertação do sentimento de culpa decorrido do crime cometido, surge como um meio de lazer a vida ociosa vivida na prisão, surge como uma forma de contato com o mundo exterior por meio da interação com os agentes religiosos, como uma forma de vinculação a um grupo social e assim por diante.

Ao comparar a assistência evangélica e a assistência católica foi possível compreender a existência de dois processos distintos no que se refere a presença dessas religiões nos presídios, o processo de conversão religiosa e o processo de adesão religiosa. O processo de conversão ocorre mediante a assistência evangélica e o processo de adesão ocorre na assistência católica.

O processo de conversão acontece mediante a assistência evangélica já que na tradição protestante a vida cotidiana deve ser intrínseca a religião. No entanto, como pode ser constatado nos trabalhos etnográficos analisados, a conversão dentro das prisões deve ser compreendida em sua especificidade, devido a particularidade do espaço social em questão,

uma instituição total, que acarreta sérias restrições e limitações ao sujeito encarcerado. Sendo assim, a noção clássica de conversão deve ser relativizada. A conversão dentro das prisões não deve ser compreendida como uma falsa conversão, mas como um processo pelo qual o sujeito encarcerado faz uso de um novo, porém não único ponto de referência.

Em relação a assistência católica há a ocorrência do processo de adesão religiosa. Se no processo de conversão religiosa é necessário um maior envolvimento do sujeito em relação aos preceitos religiosos, a adesão é apenas uma forma do preso se ligar a religião no momento da assistência, não sendo necessário que ele assuma uma identidade católica.

No que tange a relação entre Pastoral Carcerária e núcleo pastoral estudado foi possível constatar uma grande distância entre a prática que se apresenta no site da Pastoral Carcerária e a prática do núcleo pastoral de Barbacena.

O principal objetivo do trabalho da Pastoral Carcerária, conforme apontam os textos retirados do site oficial da pastoral não é converter o preso ao catolicismo, mas levar a ele reflexões acerca dos valores cristãos para que ele possa ter uma maior consciência sobre sua vida e sobre suas ações perante a sociedade. De acordo com a posição oficial, o trabalho da Pastoral Carcerária deve ir além da evangelização e atuar no campo do dever cívico em questões como denúncias em relação a maus tratos, ao abandono do Estado, a ausência de assistência social, jurídica e assim por diante.

O núcleo pastoral de Barbacena age semelhante a postura oficial da Pastoral Carcerária no que tange a postura de seus integrantes dentro do presídio, em relação a descrição no modo de se portar e falar, tanto diante dos presos como diante dos profissionais que trabalham no presídio; ao cuidado em evitar situações que possam ser humilhantes aos presos; ao modo como procedem em relação aos pedidos dos presos, nunca prometendo o que não poderão cumprir. Mas as semelhanças não se estendem para outras questões.

O núcleo pastoral de Barbacena atua na conscientização dos presos, no entanto não problematizam essa questão como um objetivo central. O principal objetivo do grupo é levar aos presos os valores cristãos. Conforme a coordenadora do núcleo, a concretização de ações do campo cívico pode inviabilizar a presença da pastoral no presídio, assim, não realizam ações cívicas com o pretexto de que a atividade religiosa não seja prejudicada. O núcleo pastoral de Barbacena não se vê como parte integrante da sociedade civil, que teria a possibilidade de atuar junto aos direitos e deveres dos presos; eles se vêem apenas como um grupo católico religioso.

A ausência de apoio da Igreja é outra questão fundamental que torna o trabalho do núcleo pastoral de Barbacena limitado. As reflexões humanísticas desenvolvidas nas últimas décadas pela Pastoral Carcerária também não são trabalhadas no núcleo estudado. Vimos que essas reflexões são fundamentadas em critérios antropológicos e evangélicos. Os critérios antropológicos trazem reflexões sobre o sistema penitenciário, a responsabilidades da igreja e da sociedade sobre esse sistema. Os critérios evangélicos abordam os valores cristãos principalmente em relação aos homens marginalizados. Essas questões também não estão presentes no núcleo pastoral de Barbacena. Os seus membros não contam com a colaboração de padres ou demais profissionais da Igreja, condição que limita as reflexões e os discursos do núcleo.

Mas como foi possível constatar, o núcleo pastoral de Barbacena não deixa de exercer o principal objetivo da Pastoral Carcerária, o de levar os valores cristãos aos presos. Embora por caminhos diferentes, esse objetivo é concretizado. No diálogo que estabelecem com os presidiários, embora não abordem maiores reflexões, por meio de suas próprias interpretações bíblicas conseguem construir uma relação com os detentos baseada em muito respeito e empatia. E talvez esse discurso antropológico e teologicamente raso, que seria a principio uma limitação, os torne mais próximos dos presidiários.

No estudo de caso, a questão que mais se mostrou em evidencia foi o enorme respeito dos presos para com os agentes religiosos. Os agentes religiosos interagem com os presos de forma muito respeitosa, consequentemente, os presos, se sentindo respeitados, retribuem na mesma medida. Assim, os valores cristãos são levados aos presos não somente por meio da oração, da leitura e de sua interpretação, mas também por meio da postura dos agentes religiosos para com os presos.

Esta pesquisa nos respondeu a algumas questões referentes as semelhanças e diferenças entre a assistência católica e a assistência evangélica dentro das prisões. Mostrou-nos as principais referencias norteadoras da Pastoral Carcerária e como o trabalho de um núcleo pastoral carcerário se desenvolve na prática. Em relação as perguntas referentes a eficácia da religião nas prisões, fica a certeza do sim, a religião no ambiente prisional tem sim sua eficácia, seja em termos religiosos ou não, uma vez que a ausência do projetos e políticas estatais faz com que ela assuma outras feições ou adentre-se por outras esferas.

## BIBLIOGRAFIA

- BICCA, Alessandro. A honra na relação entre detentos crentes e não-crentes. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p. 87-98.
- CÔRTEZ, Mariana M. P. Religiões e presídios: Bandidos pregadores na modernidade líquida: a conversão religiosa como solução bibliográfica. *Associação Brasileira de Antropologia*. 25ª ABA. Brasília: ABA, 2006.
- DIAS, Camila Caldeira Nunes. Conversão evangélica na prisão: sobre ambigüidade, estigma e poder. *Plural – Revista do curso de Pós-Graduação em Sociologia da USP*. n.13. Cidade: São Paulo. USP, 2006, p. 1-26.
- \_\_\_\_\_. Evangélicos no Cárcere: Representação de um papel desacreditado. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p. 39-55.
- \_\_\_\_\_. Prática Religiosa na prisão: tensões e ambigüidades. *Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias*. V.4, n.1. São Paulo, 2005, p. 153-176.
- Direito a assistência religiosa. Em:  
<<http://carceraria.tempsite.ws/fotos/fotos/admin/formacoes/72858466782b6d30f40fd7f00fa164a.pdf>>, Acesso em: 24 de agosto de 2010.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Manicômios, prisões e conventos*. 8ªed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- KRONBAUER, Jaime Luis. Significação da prática religiosa evangélica dentro das prisões: subjetividade norteadora diante de um ambiente de tensão, violência e precariedade. *IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação*. Porto Alegre: PUCRS, 2009, p. 301-312.
- LEMOS, Amanda dos Santos. Os apenados no trabalho de assistência religiosa. *Comunicações do ISER*. n.61. Rio de Janeiro: ISER, 2009, p. 13-21.
- LIMA, Pe. Emerson Andrade. *Fraternidade e Segurança Pública sob o método Ver, Julgar e Agir*. Em:  
<[http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/layouts/content&ct\\_cod=3763](http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/layouts/content&ct_cod=3763)>, Acesso em: 20 de agosto de 2010.

- LOBO, Edileuza. Ovelhas aprisionadas: a conversão religiosa e o “rebanho do senhor” nas prisões. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p. 73-85.
- \_\_\_\_\_. Evangélicos em prisões do Rio de Janeiro. *Comunicações do ISER*. n.61. Rio de Janeiro: ISER, 2009, p. 22-29.
- MARTINS, Pe. José. *Idas e vindas do método – Ver – Julgar – Agir*. Em: <[www.cnl.org.br/pub/.../56489bf910d9c234d6e6837293c41a06.doc](http://www.cnl.org.br/pub/.../56489bf910d9c234d6e6837293c41a06.doc)>, Acesso em: 10 de agosto de 2010.
- Mística da Pastoral Carcerária. Em: <<http://carceraria.tempsite.ws/fotos/fotos/admin/formacoes/bc3403b69515aabc883500599b882174.pdf>>, Acesso em: 17 de agosto de 2010.
- NASCIMENTO, Maria das Graças de Oliveira. Ciclo de debates sobre religião e prisão: visão inter-religiosa. *Comunicações do ISER*. n.61. Rio de Janeiro: ISER, 2009, p. 47-52.
- Natureza e Histórico. Em: <<http://www.cf.org.br/natureza.php>>, Acesso em: 17 de agosto de 2010.
- O que é a Pastoral Carcerária? Em: <[www.cnbbo2.org.br/.../974e624dd7945f3fd08e6af7d81f8c65.doc](http://www.cnbbo2.org.br/.../974e624dd7945f3fd08e6af7d81f8c65.doc)>, Acesso em: 20 de agosto de 2010.
- Pastoral Carcerária no Brasil. Em: <[http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat\\_cod=2418](http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat_cod=2418)>, Acesso: 23 de agosto de 2010.
- PEREIRA, Pe. Ney Brasil. *A prisão e a Bíblia: Eu estava na prisão, e viestes a mim!* Em: <[http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat\\_cod=2911](http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat_cod=2911)>. Acesso em: 17 de agosto de 2010
- PFALLER, Petra Silvia. *Uma sociedade sem prisões?* Em: <[http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat\\_cod=2911](http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat_cod=2911)>, Acesso em: 17 de agosto de 2010.
- QUIROGA, Ana Maria. Religiões e prisões no Rio de Janeiro: presença e significados. *Comunicações do ISER*. n.61. Rio de Janeiro: ISER, 2009, p. 13-21.
- RODRIGUES, Gilse Elisa. Em busca das ovelhas perdidas: as relações entre Estado e instituições religiosas nos processos de controle e reabilitação de mulheres encarceradas na Penitenciária Feminina do Estado do Rio Grande do Sul. *Associação Brasileira de Antropologia*. 25ª ABA. Brasília: ABA, 2006.
- \_\_\_\_\_. Transgressão, controle social e religião: Um estudo antropológico sobre as práticas religiosas na penitenciária feminina do Estado do Rio Grande do Sul. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p. 9-20.

- SCHELIGA, Eva Lenita. Trajetórias religiosas e experiências prisionais: a conversão em uma instituição total. *Comunicações do ISER*. n.61. Rio de Janeiro: ISER, 2009, p. 75-85.
- SEGATO, Rita Laura. Religião, vida carcerária e direitos humanos. In: NOVAES, Regina (Org.). *Direitos humanos, temas e perspectivas*. Rio de Janeiro: ABA: Mauad: Fundação Ford, 2001, p. 137-145.
- SILVEIRA, Pe. Valdir João. *Crítérios Teológicos da Pastoral Carcerária*. Em: <[http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat\\_cod=2897](http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat_cod=2897)>, Acesso em: 20 de agosto de 2010.
- TROMBETTA, Pe. Bruno. *A Igreja, os pobres e a sociedade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- VARGAS, Laura Ordóñez. Religiosidade: mecanismos de sobrevivência na Penitenciária Feminina do Distrito Federal. *Comunicações do ISER*. n.61. Rio de Janeiro: ISER, 2009, p. 30-39.
- \_\_\_\_\_. Religiosidade: poder e sobrevivência na Penitenciária Feminina do Distrito Federal. *Debates do NER*. n.8. Porto Alegre, 2005, p. 21-37.
- ZGUBIC, Pe. Gunther. *Os cristãos e a segurança pública*. Em: <[http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat\\_cod=2912](http://www.carceraria.org.br/default2.asp?pg=sys/nucleo&cat_cod=2912)>, Acesso em: 09 de agosto de 2010.